

# Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

18-19

ABRIL – SETEMBRO DE 1980

# BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro 3800 — Aveiro

Telef.: 034-22172

Condições de assinatura anual:

*Via Normal*

Continente, Ilhas e Espanha 130\$00

Outros países ... .. 200\$00

*Via Aérea:*

Estrangeiro... .. 250\$00

Número avulso ... .. 35\$00

---

**18-19** Abril - Maio - Junho - Julho - Agosto - Setembro de 1980

ANO V

Apresentação

Necessidade de uma Iniciação Cristã dos Adultos — *A. Gomes Dias*.

Apresentação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos — *P. Leão Cordeiro*

A Iniciação Cristã dos Adultos no novo Ritual — *Fr. Pedro Ferreira, OCD*

Noticiário

VI Encontro Nacional

Publicações litúrgicas.

---

Composto e impresso na Gráfica de Coimbra — 1000 ex.

*Este número duplo do Boletim é dedicado à iniciação cristã dos adultos e inclui uma parte dos temas tratados no VI Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que se realizou em Setembro passado no Santuário de Fátima.*

*A situação religiosa no nosso País, de que se tomou mais consciência a partir do recenseamento à prática dominical, e a publicação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, saído da reforma litúrgica do Vaticano II, dão a esta temática um interesse pastoral evidente.*

*Para a grande maioria dos nossos católicos, a iniciação faz-se nos primeiros meses da existência através do Baptismo. Passa totalmente despercebida a ligação íntima do Baptismo com a Eucaristia e a Confirmação — os três Sacramentos da iniciação cristã.*

*A própria Igreja é considerada fundamentalmente como organização social e não como «acontecimento institucional» — para usar a terminologia do recente acordo ecuménico do Grupo de Dombes — nem como o lugar da Aliança no qual os Sacramentos são simultaneamente dados e recebidos.*

*Neste contexto religioso, a reforma do Ritual do Baptismo dos Adultos, ordenada pelo Vaticano II, recria o catecumenado dos adultos*

*em vários graus, permitindo que a formação do tempo catecumenal se faça progressivamente com celebrações litúrgicas apropriadas.*

*Na exortação apostólica «Catechesi Tradendae», o Papa João Paulo II dá provas de ampla visão pastoral ao incluir, entre os catecúmenos de hoje, os adultos que, nascidos e educados em regiões ainda não cristianizadas, nunca puderam aprofundar a doutrina cristã; aqueles que receberam na sua infância uma catequese correspondente a tal idade, mas que depois se afastaram de toda a prática religiosa e se acham na idade madura com conhecimentos religiosos infantis; aqueles que se ressentem de uma catequese precoce, mal orientada e mal assimilada; e finalmente aqueles que, embora nascidos em ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na fé e são, na idade adulta, verdadeiros catecúmenos.*

*Neste quadro global e realista, encontramos grande parte dos batizados do nosso País. Só, pois, uma caminhada catecumenal feita segundo os critérios da Igreja e adaptado ao nosso meio poderá responder às necessidades de hoje.*



# Necessidade de uma Iniciação Cristã dos Adultos

## Apontamentos para análise

### 1. INTRODUÇÃO

O programa do VI encontro nacional explicita as motivações da sua temática, a saber: a urgência pastoral do País, a necessidade de apresentação do RICA (Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos) e a colaboração no esforço nacional para a pastoral do Domingo, que este ano incide sobre a construção das comunidades eclesiais, que integram a Igreja.

Neste âmbito, estas linhas pretenderão apenas *avivar a consciência para a necessidade da iniciação cristã dos adultos*.

Três breves anotações:

1.1 *Iniciação*, sociologicamente, iniciação afirma uma fase de transição, dum termo «a quo» para um termo «ad quem». Iniciação é, pois, a enculturação num grupo ou sociedade através da qual se cria a unidade social, com o objectivo *de defender, continuar ou manter as tradições*.

É ainda *um tempo-instrução* sobre as tradições, instituições, ritos e segredos do grupo, que até pode culminar com a mudança do nome à pessoa, como símbolo de total renascimento. Esta iniciação, enculturação e instrução pode estar, ou não, ligada a um determinado momento etário da pessoa <sup>(1)</sup>.

A Iniciação Cristã dos Adultos «destina-se àqueles adultos que, depois de terem escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam a Deus vivo e tomam o caminho da fé e da conversão» <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> *Antropologie*, Les Dictionnaires du Savoir Moderne, Paris, 1972. Cfr. também: La Maison Dieu (132) 1978; (133) 1978 dedicados à iniciação; Concilium 142, 1979/2.

<sup>(2)</sup> R. I. C. A. n. 1.

Num país dito cristão, caberá a publicação dum Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos? Falar e propor tal, não soará para uns a quase ofensa e para outros a sedução ou a um problema de luxo sem urgência?

Como ler a afirmação de Paulo VI: este anúncio destina-se «igualmente às multidões de homens que receberam o baptismo, mas vivem fora de toda a vida cristã» (3)? Ou ainda a frase do Papa João Paulo II: «e vai por fim para para aqueles que, embora nascidos em países cristãos, que o mesmo é dizer num ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na sua fé e são chegados à idade adulta, verdadeiros catecúmenos» (4)?

Efectivamente, a iniciação faz parte da vida, «coexiste com a condição humana» e «constitui uma dimensão específica da existência humana». É como a apresenta M. Eliade. E «quando este facto não aparece nas sociedades é preciso encontrar «os equivalentes funcionais» em certos comportamentos de passagem ou aprendizagem socialmente regulados» (5).

O problema da iniciação cristã ou da re-iniciação *arranca desta situação: muitos baptizados e poucos evangelizados*. A iniciação, portanto, não se confina a idades ou tempos, é antes como uma escola à que a pessoa pode e deve voltar continuamente para atingir a maturidade da sua fé em Cristo: «até que cheguemos todos, à unidade da fé e do conhecimento dos filhos de Deus, ao estado do homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (Ef. 4, 11-16).

1.2 *Uma necessidade*. — Necessidade é uma força tendente a estabelecer ou a conservar determinada estrutura de relações ou interrelações sociais e espirituais. Toda a iniciação nasce das duas grandes necessidades de toda a pessoa ou grupo: a necessidade de conservação e afirmação de si próprios e a necessidade de expansão e abertura aos outros.

Ora verifica-se que toda a pessoa ou grupo rejeita instintivamente a morte social e procura a afirmação livre, autónoma e aberta.

É nesta perspectiva que a comunidade eclesial, como grupo primário e secundário que é, tentou ao longo dos tempos e continuará a tentar satisfazer tais necessidades através da iniciação cristã (6).

1.3 *Uma comunidade mediadora* — A iniciação cristã dos adultos é um processo de evangelização que desemboca na comunidade cristã,

(3) «Evangelii Nuntiandi», Paulo VI, 1975, n. 52.

(4) «Catechesi Tradendae», João Paulo II, 1979, n. 44.

(5) Cfr. M. ELIADE, *Aspects du Mythe*, Paris, Gallimard, 1963, p. 244. Cf. M. ELIADE, *Naissances mystiques*, Paris, Gallimard, 1959, p. 274.

(6) Vários autores, *Educar II*, Salamanca, Sígueme, 1977, p. 205.

se ela já existe, ou na criação duma comunidade cristã, se ainda não existe. A normalidade da iniciação conduz à incorporação numa comunidade como termo «ad quem». Ela exigirá, por isso, uma aprendizagem em cada uma das dimensões da comunidade, a saber: a palavra, a celebração e o compromisso.

C. Floristan afirma mesmo: «só é possível um neo-catecumenado onde exista uma certa comunidade cristã, porque não se trata de uma cultura religiosa, mas da educação do sentido cristão que só uma comunidade de crentes pode dar» (7).

A comunidade histórica do aqui e agora é como o seio materno onde se gera a pessoa e se desenvolve. O facto comunitário é a matriz da evangelização, da celebração e do compromisso, isto é, entre a comunidade utópica e desejada deve existir sempre a comunidade — *mediadora real* como termo «ad quem». É precisamente nesta relação que nasce também a grande questão posta hoje ao nosso cristianismo: *se não existe um tecido comunitário, pode falar-se de iniciação cristã dos adultos?*

«Sem uma comunidade que o apoie, o catecumenado tem poucas possibilidades de sobreviver. Embora pareça exagero, atrevemo-nos a dizer que onde não haja comunidade nunca haverá catecumenado» (8). É este o nosso problema.

## 2. CONSTATAÇÕES — INDICADORAS DA NECESSIDADE DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS.

Fenómeno social é um acontecimento susceptível de descrição ou de análise científica, se para tal houver elementos. Genericamente, o fenómeno social é o facto social tal qual é observável, isto é, como uma rede complexa de relações mútuas e inter-relações. A Sociologia procura desvendar este género de relações sejam elas de harmonia, conflito ou mera influência. Tais relações são sociais, porque simultaneamente interiores e ligadas à consciência, e exteriores, apresentando assim uma *certa uniformidade observável* (9).

Todos os factos sociais são dinâmicos, já que as relações se situam no campo da acção. Em cada fenómeno se podem descobrir as várias

---

(7) L. M. e C. FLORISTAN, *Nuevas vías de pertenencia a la Iglesia*, Madrid, Morova, 1972, p. 41.

(8) Secretariado Diocesano de Catequesis, *El catecumenado de adultos*, Madrid, 1976, p. 28, n. 39-42.

(9) JEAN GOLFIN, *Les 50 mots de la sociologie*, Toulouse, Privat, 1972, p. 96.

dimensões da vida social, porque a sociedade como fenómeno global está presente em todos os factores, é omnipresente.

Apresenta-se o fenómeno da iniciação cristã dos adultos primeiramente sob o ângulo da sua negatividade, isto é, *da sua quase não existência, como fenómeno*. Esta perspectiva vai reforçar a necessidade aguda da sua criação entre nós. É uma apresentação intra-eclesial, o que vem limitar mais o campo. Ler, examinar e diagnosticar, eis o objectivo destas *constatações-indicadoras da necessidade* da I.C.A. entre nós.

2.1 *Uma viragem histórica, a decadência do catecumenado*. Nos séculos V e VI acontece uma viragem fundamental na iniciação cristã. Aumentou o interesse pelas crianças *já baptizadas* das famílias cristãs. Tal acontecia, porque a maioria da população do Império era tida como cristã. A instituição catecumenal perdeu significação. Acabou a minuciosa organização criada. Simplificou-se o catecumenado e apareceram novos ritos. Surgiram os padrinhos como instituição comprometida oficialmente na educação das crianças baptizadas. A catequese dos fiéis ficou assegurada pela pregação.

Seguindo o exemplo dos seus chefes, povos inteiros converteram-se após uma pregação sumária. S. Columbano e S. Bonifácio criaram um novo estilo. A pregação consistia numa instrução ampla, dada depois do baptismo. A solução era a inversa. Surgia, assim, um novo género de catequese. É esta a grande viragem histórica: em vez de uma catequese preparatória para o baptismo, a Igreja instituiu uma *catequese para adultos e crianças já baptizadas*. Mas o adulto, neste esquema, caiu pouco a pouco no esquecimento.

Constatamos, que esta viragem nos afecta hoje: há muitos sacramentalizados com os sacramentos da iniciação, mas não estão evangelizados. Esta situação nasceu da práxis pastoral e catequética que a Igreja realizou até há bem pouco tempo. Talvez a Igreja tenha cometido o erro prático de tornar «cristãs» grandes massas, sem a suficiente pedagogia e demasiado depressa com uma evidente preocupação quantitativa. E continua a mimar as crianças e é incapaz de conservá-las no seu seio quando adultas. Comprova-o o facto de 63% das crianças compreendidas entre os 6 e 11 anos, em 1962, assistirem à catequese, enquanto que os jovens desaparecem. Pela experiência que cada um tem da sua comunidade, da sua diocese e do país, parece claro que as instituições escolares, eclesiais e familiares são impotentes para deter este fenómeno. Podemos, pois, constatar a existência de um povo massivamente baptizado, 96%, entre nós, que recebe ideias, normas, gestos e objectivos *do ser cristão na infância*, sem contudo atingir a maturidade cristã.

Podendo esta situação caracterizar-se: por conhecimentos superficiais e desconexos e sem hierarquia; por ideias e comportamentos religiosos sem referências às realidades do homem, trabalho, sexo, dinheiro, política, relações humanas; por grandes sectores onde reina a ignorância, embora persista a fidelidade a certas práticas religiosas; pela permanência de tabús e moralismos que bloqueiam a fé fecunda, coerente e livre. Exemplificando: à pergunta que é a Igreja? eis as respostas obtidas numa pequena amostra, em duas paróquias: «é a casa de Deus, onde os cristãos se reúnem; casa de Deus, comunidade dos cristãos, massa de gente dirigida pelos padres que dizem o que a gente deve fazer e crer»<sup>(10)</sup>.

Este indicador histórico, a viragem na catequese apela para a necessidade da iniciação cristã dos adultos e para a sua práxis mais convincente entre nós.

2.2 *A problemática do catolicismo popular.* O Catolicismo popular é um facto. Pode ser descrito de várias maneiras, acentuando um ou outro aspecto. É um conjunto de mediações e expressões religiosas que têm os povos onde os gestos do *catolicismo* chegaram a ser canais espontâneos das vivências religiosas, como acontece no nosso país. «É uma certa forma de pertença religiosa, inseparável da cultura popular, que consiste pelo menos em dar um sinal público da sua ligação com a Igreja, nos momentos importantes da vida pessoal e familiar: o nascimento-batismo, casamento, «morte»<sup>(11)</sup>. O Sínodo em 1974 afirmava que a religiosidade popular cristã é uma tradição cristã profunda, que impregna a existência dos indivíduos, o contexto social e a mesma história dos povos. Todas as análises confessam o facto, embora insistam em aspectos diferentes.

Notam-se, contudo, aspectos negativos de origem diversa: de tipo ancestral, como a superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, feiticismo, ritualismo; deformações catequéticas, ignorância religiosa, sincretismo, reducionismo da fé, falta de sentido de pertença à Igreja...<sup>(12)</sup>. Tudo isto exige «uma constante depuração e clarificação e supõe não só uma pertença à Igreja como também uma vivência cristã e um compromisso com os irmãos — afirmam os documentos de Puebla. Este fenómeno também apela para a necessidade duma autêntica iniciação cristã dos adultos.

<sup>(10)</sup> Levantamento realizado pelos alunos de teologia pastoral do I.C.H.T. do Porto, 1976.

<sup>(11)</sup> PANNET, R. *Le Catholicisme populaire*, Paris, Centurion, 1974.

<sup>(12)</sup> A. GOMES DIAS, *Pastoral do Domingo*, 6, Lisboa, 1980, p. 18 ss.

2.3 *A débil vitalidade da paróquia.* A Igreja clericalizou-se. A vida pastoral centrou-se sobretudo nos padres. Os leigos não desempenham papeis específicos na cidade de Deus, nem como cristãos na cidade dos homens. Cultivam a passividade. A Liturgia perdeu o seu interesse, porque nem sempre se percebia. Talvez tudo isto seja mais real nas paróquias rurais, que das 4 323, são, entre nós, a maioria. A paróquia perdeu vitalidade. Diminuiu o seu carácter comunitário. Deixou de ser o centro da vida para ser apenas um centro de culto.

No encontro nacional da paróquia ousava-se perguntar: Em que grau são comunidades cristãs as nossas paróquias? São comunidades baptismais e eucarísticas? E acrescentava-se: «tenho um sentimento de temor porque esta questão pode desencadear uma certa agressividade, mas tenho enorme confiança porque a vossa presença parece significar desejo de renovação. Se a vossa resposta for afirmativa, a pastoral de iniciação ou catecumenal não tem sentido. Se, pelo contrário, for negativa, é urgente e necessária uma pastoral de iniciação e de re-iniciação entre nós»<sup>(13)</sup>.

Creio a nossa situação muito semelhante a esta. Daí a necessidade da pastoral de iniciação. A diminuição de clero contribui para esta depauperação da paróquia, até porque tudo rodava à volta do clero como roda mestra. Esta diminuição conduz a uma pastoral de distribuição e portanto de consumo. E verificamos que em 1968 havia 4 899 sacerdotes seculares, enquanto que em 1978 eram apenas 3 565. E as esperanças cifram-se nos seguintes números: se em 1967 os seminaristas maiores eram uns 1006, dez anos mais tarde, eram apenas 348.

Esta constatação é importante, porque se verificam grandes correlações. Assim, onde o número de habitantes por paróquia aumenta, a prática diminui. E a nossa média neste campo vai de 500 a 12 000 habitantes por paróquia. O mesmo acontece com a presença do padre, que, ao atender 4 ou 5 paróquias, faz com que elas percam dinamismo e tenham igualmente uma quebra da prática religiosa.

Este indicador aviva a consciência para a necessidade da iniciação cristã de adultos no nosso país. É pois necessário que os leigos tomem a palavra do Evangelho. Estão nesta linha as assembleias dominicais sem padre.

---

<sup>(13)</sup>Parroquia urbana, present y futuro, Regalde R. L., art. El catecumenado en el origen y desarrollo de comunidades cristianas, Madrid, 1975, p. 197.



## 2.4 *Distanciamento entre práxis ritual-sacramental e vida*

Praticam-se actos para comunicar com o sagrado. Eles garantem a salvação. Multiplicam-se as missas e os sacramentos. Dão-se as pessoas a práticas religiosas exteriores, com imagens, gestos... parecendo-lhes que isso basta para se sentirem católicos autênticos.

Isto conduz a um dualismo preocupante: rito na Igreja e a vida cá fora. Busca-se o rito como garantia. A religião não tem o direito de influir na vida. Cava-se um fosso entre o domingo e os outros dias da semana, entre a igreja e a fábrica. O lugar da religião é a igreja e o da vida é cá fora. Surge a separação entre fé e a vida.

Este indicador aponta para o estudo da *autenticidade do grupo*. Medir-se-á tal autenticidade analisando as práticas religiosas e a consequente vida cristã.

*São factos eloquentes:*

— a *quase unanimidade das crianças nascidas são baptizadas*, 96%. O baptismo não distingue o crente do não-crente. A Igreja parece não querer superar o distanciamento entre a celebração do baptismo e a vida de muitos que o solicitam para as crianças.

— a *quase-unanimidade do matrimónio*, 90%, rito social que, no caso, legitima a convivência entre homem e mulher. Não faz distinguir entre os que querem ser sinal do amor de Cristo e os que pretendem ter uma situação meramente legalizada.

Três exemplos da vida ajudam-nos a penetrar na análise da autenticidade religiosa.

— *A separação da vida económica e o evangelho*: Esta vida económica é muitas vezes anti-evangélica, na maneira de conceber a propriedade privada sem limites, sem hipoteca ao bem comum; no modo de administrar os próprios bens das Igrejas, comunidades e congregações também estão ausentes critérios evangélicos...

— *a separação entre profissão e moral*: o importante é ser bom profissional, embora as normas elementares de ética humana e social possam ser omitidas. Os critérios de rentabilidade e eficácia consideram-se como supremos. Pode pois acontecer ser imoralmente um bom profissional.

— *A separação entre vida e política*: Pode chegar ao ponto de se julgarem muito bons cristãos e afirmar: «não me meto em política». Desvinculam-se do bem comum em vez de tentarem evangelizar a política <sup>(14)</sup>.

---

<sup>(14)</sup> GARAMENDI A., *Denuncia y anuncio proféticos en la pastoral de Hoy*, Madrid, PPC, 1972.

São três campos importantes da vida: a economia, a profissão e a política, que nos fazem compreender este distanciamento vital.

Semelhante distanciamento é efectivamente manifestado num pequeno inquérito realizado a 500 jovens na zona norte. Vejamos duas das perguntas: «julgas que podes ser bom cristão e rejeitar a doutrina da Igreja sobre o matrimónio»? «Quando vais ao cinema tens em conta algum critério religioso»? As respostas situam-se neste distanciamento entre a vida e a religião. Só 43% diziam *não* no primeiro caso e tinham algum critério religioso no segundo<sup>(15)</sup>.

Os resultados duma sondagem francesa de 1971 confirmam igualmente este distanciamento ao responderem a esta questão: «o facto de ter uma religião tem para si influência? «Na vida familiar, sim — 54%, não — 45%; na vida profissional sim — 27%, não — 67%; nas opiniões políticas, sim — 25%, não — 72%»<sup>(16)</sup>.

A tal respeito, já o Papa João XXIII (referindo-se às instituições cristãs), escrevia: «cremos que o motivo de tal fenómeno radica na falta de coerência entre o comportamento e a fé. É, pois de desejar que nelas se restaure a unidade de pensamento e do espírito a fim de que nos seus actos dominem simultaneamente a luz da fé e a força do amor» (P.T. n. 151). E acrescentava: «julgamos também que nos cristãos a ruptura entre a fé religiosa e a acção temporal resulta, pelo menos em parte, da falta de uma sólida formação cristã» (P.T. n. 153).

Esta constatação-indicadora do distanciamento provoca uma iniciação autenticamente cristã sólida.

## 2.5 *A maturidade psicológica e a maturidade religiosa*

As pessoas depois dos 20 anos são consideradas adultas e como tal tratadas em pastoral.

Autores como James, Allprot, Wiemens, Eroms ou Clark descreveram a maturidade religiosa ideal através de 10 rasgos significativos. A tentativa mais citada é a de Allprot. Carrier, contudo, reduz estes dez rasgos a três: o critério da extensão, objectivação e integração.

*Critério de extensão* significa a capacidade da religião para cobrir os sectores da cultura e o facto do cristão adulto desenvolver a sua cultura religiosa até cobrir a sua própria cultura e a sua experiência

---

<sup>(15)</sup> Levantamento realizado pelos alunos de Teologia Pastoral do I.C.H.T. em 1976.

<sup>(16)</sup> Todos os números de sondagens francesas referidos neste artigo foram extraídos do livro de R. PANNET, já citado.



vital. Só assim estará superada a ignorância ou a ruptura e a desproporção entre cultura profana e religiosa, como já dizia o Papa João Paulo VI, na O. A.: «os leigos devem assumir como sua tarefa própria a renovação da ordem temporal» (n. 48). E os nossos Bispos tantas vezes têm repetido: «é próprio dos leigos... como um dever... a actuação no domínio temporal, pela qual serão julgados quanto ao uso que hajam feito dos talentos com que Deus os dotou». (Perspectivas cristãs da R. da Vida Nacional, n.º 4).

*Critério de objectivação* realça o facto da religiosidade atingir a capacidade de motivar a pessoa a nível de conhecimentos e tendências. Os interesses religiosos, incarnados na totalidade da existência humana, são como o suporte dinamizador da vida, atingindo uma concepção assim, convicções estáveis no campo religioso e a identificação com o grupo de pertença.

*Critério de integração*, é um processo de absolutização que engloba dois movimentos: o conhecimento da relatividade dos valores contingentes, para os não considerar como absolutos, e o reconhecimento da relação de aceitação-submissão ao valor tido como absoluto.

A integração faz descobrir, aceitar e adoptar o esquema de relação entre os valores com claridade e actualidade e ainda todas as adaptações necessárias para conseguir uma personalidade equilibrada<sup>(17)</sup>.

Toda a maturidade real, observável, será uma aproximação da maturidade ideal. Comprovamos, contudo, uma inadequação entre idade psico-social de muitos crentes e a fé, porque na sua vida têm pensamentos, cargos, atitudes, adultos, enquanto que a sua fé está alicerçada em bases infantis. É também nesta dinâmica entre a não-maturidade e a maturidade a alcançar que se pode situar a necessidade da iniciação cristã dos adultos. Até porque toda a maturidade implica duração, tempo que entre no processo de tipo iniciático.

## 2.6 *A relação de pertença e várias tipologias*

Muitos estudos se debruçaram sobre a relação de pertença à comunidade-Igreja.

A relação de pertença consiste, segundo H. Carrier, «num dinamismo psicológico fundamental pelo que o fiel apreende a igreja, se sente mais ou menos comprometido, se identifica, cria motivações próprias,

---

(17) Vários autores, *Educar III*, Salamanca, Sigueme, 1966, p. 565.

participa nas suas actividades e no que inspira as suas escolhas, preferências e comportamentos»<sup>(18)</sup>.

Pertencer à Igreja está muito misturado com a pertença a toda uma *cultura envolvente*: as respostas típicas, sou cristão por tradição, porque me meteram nisto, porque vou à missa, por respeito humano, pelos meus pais... A situação de pertença acaba por ser *congénita às pessoas*. Será a tradição, a consciência ou a opção por Cristo e pela comunidade cristã, que motivam esta pertença? Embora reconhecendo diferentes graus de pertença, tudo isto é um alerta para a Igreja e chama a atenção para a iniciação.

Na sistematização desta relação de pertença inclui-se de facto uma ampla problemática difícil de apreender: o problema de praticar ou não praticar, a maior ou menor integração no grupo religioso, paróquia, a representação mental da própria pertença, a maior ou menor intencionalidade de pensar ou fazer o que pensa e faz a Igreja, o ser crente praticante, ou praticante não-crente etc.

Foi nestes parâmetros que se apresentaram várias categorias de fiéis. A primeira tipologia foi apresentada pelo Grupo de Sociologia das Religiões, em França. Baseando-se nos actos religiosos, apresentava quatro grupos:

- o grupo dos alheados da vida religiosa, afastados, dissidentes, desligados, caracterizados pela ausência dos actos de culto;

- o grupo dos conformistas, conformistas ocasionais, indiferentes, que realizam actos solenes ligados a momentos importantes da vida: nascimento, matrimónio, etc.;

- o grupo dos praticantes, participantes regulares, observantes, observantes regulares que praticam actos periódicos: semanais ou anuais, missa, confissão, comunhão;

- o grupo dos devotos, pessoas piedosas que realizam actos excepcionais ou frequentam outros, como a missa, comunhão, etc.<sup>(19)</sup>.

Outros estudiosos preferem falar de:

- católicos activos: que crêem, cumprem, participam e assumem responsabilidades;

- militantes, que assumem responsabilidades;

- praticantes, que crêem, cumprem, mas não participam;

- indiferentes, que cumprem irregularmente;

- afastados, que mal acreditam, aparecem nos quatro momentos típicos; os não católicos, que não estão baptizados;

<sup>(18)</sup> Citado por FORISTAN, o. c..

<sup>(19)</sup> DESROCHE H., *Sociologies religieuses*, Paris, PUF. 1968, p. 40.

— os hostis à religião e à Igreja...

Fictter apresentou uma tipologia, que, embora relativa, está qualificada e pode servir de comparação para nós.

Os dirigentes e as elites, com uma prática fervorosa e integração na comunidade, com uma clara representação mental da própria pertença. Este grupo atingiria uns 5,7%.

Os praticantes ordinários, caracterizados por uma instabilidade fundamental e pela representação ambígua da relação de pertença, da compreensão da comunidade-igreja, seriam uns 70%. Este grupo pode oscilar para o primeiro ou para o 3.<sup>o</sup> grupo.

Os praticantes ocasionais, que seguem pertencendo à Igreja talvez nominalmente, sem participação no culto. Têm mecanismos de defesa que tendem a exprimir-se na *indiferença* ou na agressividade. É de notar, contudo, que conservam sempre uns resíduos, e neste sentido pode falar-se de pertença marginal. Estes resíduos ou substrato, no plano das crenças, e até das práticas, levam com facilidade a desvirtuamentos, à superstição, etc. Este grupo atingiria uns 25%.

No último encontro nacional de Pastoral sobre o Domingo foi apresentada uma tipologia simplificada da pertença, que propunha os seguintes números:

cristãos iniciados e comprometidos, 2%; a massa praticante, 30%; a massa não-praticante, 70%, aproximadamente.

Esta constatação-indicadora revela a fácil e incoerente socialização da pessoa no campo religioso, sem a consequente personalização, o que desemboca na necessidade da iniciação. Até porque a «pertença cristã apresenta-se psicologicamente como uma participação dinâmica, em vias de amadurecimento ou de regressão numa comunidade viva inspirada por Cristo, mas que está inserida no mundo», afirmava já A. Godin. Ora que outra coisa é a iniciação cristã?

## 2.7 A prática religiosa

Prática religiosa é o conjunto de manifestações externas de carácter religioso, que derivam de *preceitos* canónicos ou do *fervor*, dos *costumes* ou da *fé* dos fiéis. Esta pode de algum modo quantificar-se. Por isso, pode afirmar-se que estatisticamente Portugal é um país católico, pois 96% receberam o baptismo, considerado como o acto que nos incorpora à comunidade Igreja. A sondagem sobre este sacramento realizada em França, em Julho de 1972, confirma esta visão, pois entre as várias concepções apresentadas sobre o baptismo, 51% das respostas escolhiam: «é um sacramento pelo qual se entra na Igreja».

Significa, portanto, uma enculturação no grupo-referência. As várias manifestações desta prática têm muito a ver com a iniciação.

— *Assistência à Missa dominical* «é elevada — mais de 2,4 milhões o número de fiéis que semanalmente se reúnem em celebração festiva do mistério central da fé cristã. Mas é infelizmente maior — cerca do dobro — o número de baptizados que por impossibilidade prática ou insensibilidade ao significado e valor dessa celebração faltam habitualmente ou muitas vezes» (Bispos Portug. Instr. Past. sobre o Domingo e a sua celebração, n. 2).

Este dado é significativo, porque é um indicador estável, que demora a modificar-se. São 30% dos 5,9 milhões de portugueses baptizados com mais de 7 anos que praticam. O grupo etário dos 7 aos 14 é o que atinge maior percentagem 41%. As mulheres, 33%, participam mais que os homens 23%. Nesta análise interessará perguntar, também, as motivações que terão subjacentes os 30% de praticantes<sup>(20)</sup>:

- o legalismo de quem vai apenas para cumprir um preceito;
- o conformismo, de quem não é capaz de superar a pressão social;
- o personalismo dos que praticam por exigência da fé consciente;
- o fervor dos que sentem a necessidade de exprimir a sua fé em comunidade;

a fé forte e livre comprometida que leva à sua celebração?

Em França, a 3 de Setembro de 1971, fez-se uma sondagem às pessoas entre os 15 e os 29 anos.

Perguntava-se precisamente o contrário: «Porque motivo não vão à missa, se são baptizados?»

40% porque não tenho tempo; 23% porque não me apetece. Outras percentagens menores: porque penso que o bom Deus não me exige isso, porque trabalho toda a semana, etc..

O *Batismo* é o primeiro sacramento da iniciação. 90% em Portugal e 88% em França é a média dos baptizados. Quais as motivações desta prática? Subjacentes à prática, encontramos motivos teológicos ou sociológico-culturais? A sondagem feita em França, em Julho de 1972, apresenta-nos dados interessantes.

«Se tivesse um filho, baptizá-lo-ia? Sim — 88%, não — 9%, não sei 3%. Em que idade o baptizaria? 80% nos primeiros anos da sua vida; 2% nos dois ou três primeiros anos; 1% entre os 7 e os 10 anos. E porque razão o faria baptizar? Escolha entre as várias apresentadas: 43% porque tenho fé em Cristo; 36% porque sempre se fez assim na

---

<sup>(20)</sup> Rev. *Economia e Sociologia* (n. 25/26) 1977. Todos os dados referentes à prática são extraídos desta publicação de Évora.

minha família; 26% para depois se poder casar também pela Igreja; 18% porque o nascimento de um filho é um grande acontecimento; 15% porque Deus dá assim a sua graça às crianças; 11% nem sei porquê; 9% sem opinião».

*O Casamento.* O casamento não-católico tende, desde 1960, a aumentar, embora o casamento católico seja entre nós o predominante, pois atinge os 80%. Os números variam de diocese para diocese. Ainda neste campo a sondagem de Junho de 1972, em França, nos pode elucidar. «Que um católico, case pelo civil sem se casar pela Igreja é para você inaceitável? sim 24,4%; lamentável, sim 33,7%; sem importância, 35,5% sim.

O conjunto destas indicações, no campo da prática religiosa, aponta para a passagem duma religiosidade passiva, de tradição rural, a uma religiosidade comprometida; duma religiosidade sociológica, de costumes e práticas fixas a uma religiosidade personalizada; duma religiosidade individualista e vazia a uma religiosidade comunitária. Caso não aconteça esta renovação profunda, cairemos numa maior massificação e continuaremos no sacramentalismo consumidor. A iniciação cristã dos adultos tem um papel fundamental nesta hora.

### 3. INDICADORES PASTORAIS DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS ENTRE NÓS

Este conjunto de constatações-indicadoras da necessidade da iniciação cristã dos adultos poderia ter sido alargado. Mas bastam estas, para interpelar todos os agentes de pastoral. Na sua acção, muitos deles, estão talvez motivados por esta necessidade. Apresentam-se alguns elementos positivos da I.C.A., para que a leitura do fenómeno ultrapasse a negatividade e a consciencialização da necessidade possa acontecer. Ter-se-á sobretudo presente a vertente pastoral daí o título de indicadores pastorais.

#### 3.1 *Redescoberta da eclesiologia da «communitas»*

Os historiadores da Eclesiologia demonstram a existência duma tensão dialéctica entre dois tipos de eclesiologia: a da «potestas», Mat. 16, 13-20 e a da *communitas*, de Mat. 18, 15-20.

O Vaticano II constituiu um certo retorno à perspectiva comunitária. Este retorno manifesta-se não só no uso frequente do termo *comunhão*, mas também nas perspectivas novas que apresenta. São de singular

importância nesta perspectiva os temas de povo de Deus, laicado, colegialidade, carismas, vocação universal à santidade, espírito ecuménico, diálogo com as religiões não cristãs, liberdade religiosa, abertura ao mundo contemporâneo.

O Vaticano ao apresentar o mistério da Igreja (L.G. 1) privilegia as imagens de comunhão. A comunidade é o símbolo visível e eficaz do plano de Deus sobre o mundo. A Igreja, implicada nesta história trinitária de Deus — mistério comunitário que se abre ao mundo, não pode ser senão uma comunidade ao serviço da comunhão do mundo.

Ora um do factos típicos do nosso tempo é a pessoa procurar a comunidade e novos modelos comunitários. Embora saiba que nenhum deles abrangerá a totalidade do mistério e menos ainda poderá ser modelo único e exclusivo.

Todo o modelo comunitário tenta superar o anonimato, a despersonalização, e privilegia a adesão livre e adulta.

A positividade deste modelo eclesial reside em dar ênfase à relação de todos com o Espírito Santo. Estabelece uma união entre os membros ao serviço do bem comum. Integra os membros na comunidade. Quer marcar uma visão mais participativa e uma profunda pertença à comunidade. Compromete-se com os problemas vitais das pessoas. Provoca núcleos de comunidades reduzidas. Suscita a criatividade e a integração vivencial dos problemas humanos.

Optar pela comunidade constitui uma alternativa eclesial plenamente coerente com a renovação conciliar. Ora a opção comunitária, como se perceberá, não é viável, possível e séria senão numa comunidade de dimensão humana, numa micro-estrutura, onde cada pessoa seja conhecida pelo seu nome e se crie a relação de fraternidade. Optar pela comunidade hoje constitui uma alternativa eclesial.

A redescoberta da eclesiologia da «communistas» parece-me um facto entre nós. Fala-se de grupos, comunidades, reuniões, assembleias de cristãos, assembleias de clero, assembleias de diocese.

Os documentos dos nossos bispos, os encontros a nível nacional em vários sectores apresentam esta eclesiologia da comunhão. Só nascendo desta fonte será possível a iniciação cristã.

Terá sido assimilada esta perspectiva pastoral, ou tenderá para o esgotamento? A iniciação cristã dos adultos situa-se nesta linha da eclesiologia da «communitas» e é um dos indicadores pastorais.



### 3.2 *Correlação entre mentalidade eclesiológica e acção pastoral*

Só ultimamente, escreveu o P. Liégé, o princípio eclesiológico funcionou como eixo em torno do qual gira a reflexão sobre a acção pastoral. Existe, pois, uma correlação profunda entre eclesiologia e acção pastoral. O princípio é tão determinante que torna inseparável a mentalidade eclesiológica e acção pastoral. Nesta perspectiva, qualquer renovação pastoral exige uma renovação da consciência eclesial, do modelo de Igreja.

O Vaticano II, porque desejava uma renovação, apresentou um modelo de Igreja. E assim o actual Papa, na abertura de Puebla, dizia: «Não há garantia de uma acção evangelizadora séria e vigorosa sem uma eclesiologia bem cimentada» (João Paulo II, Disc. Inaugural, n. 7).

### 3.3 *Redescoberta da função explícita e latente da ICA*

Todos os grupos catecumenais, ou semelhantes, têm uma função explícita: educação da fé através duma experiência comunitária. Esta função cristãmente original diversificar-se-á de acordo com as situações e condicionalismos sociais.

O sistema de crenças, valores cristãos, ilumina as experiências pessoais ou sociais que se vivem, e estas servem para descobrir e explicitar a fé, que, sendo vida e atitudes, dá segurança ou inquietação, une ou separa de outros grupos, torna solidário ou denunciador de situações, serve de integração ou de desintegração em determinadas formas de família, empresa ou sociedade, e impele para a mudança, conforma ou renova. Mas, além desta função básica explícita, podem surgir outras funções particulares que geram o *pluralismo comunitário*: como comunidades neo-catecumenais, carismáticas, populares, eclesiais e outras. Entre nós parece existir esta consciência, que tem a sua história nas vindas de Julian Ruiz, Kiko, Jesus Lopez e todas as outras experiências originais que em cada diocese se vivem ou funcionam.

### 3.4 *A redescoberta da ICA como processo de incorporação à comunidade.*

A ICA é um processo de incorporação, amadurecimento e crescimento cristão. A maturidade cristã é um processo específico de socialização. Acentua-se o específico, porque existem processos de assimilação ou enculturação cujo motor são factores sociais, enquanto que este tem como motor a pessoa. É, pois, a passagem de uma fé-herança e

praxis sociológica a uma fé pessoal e livre, que acontece através de uma comunidade. Já passou o tempo em que a incorporação à Igreja e aos seus valores acontecia menos livremente, embora se tenha de reconhecer a existência duma certa passividade. A integração, é pois, a participação nas crenças, valores e atitudes comuns de quantos aderiram a Cristo.

A Igreja em Portugal, desde o Episcopado com as suas comissões até aos encontros nacionais e à nomeação dum secretário para a catequese de adultos, parece ter redescoberto esta linha pastoral.

### 3.5 *Uma melhor compreensão da acção pastoral*

Do mesmo modo que existem fenómenos sociais que afectam zonas e países, também é legítimo pensar na eficácia de uma acção de conjunto realizada pela Igreja. Importa, porém, reconhecer os elementos e as forças activas existentes e procurar-lhes aplicação, adaptá-las e facilitar-lhes a adaptação pela reciclagem, se tal for preciso. Só assim se poderão veicular *critérios*, valores, *centros* de interesse, *linhas* de pensamento, as *fontes* inspiradoras e os *modelos* de vida da humanidade, (E.N. 19) que serão benéficos para a vivência cristã. Esta acção para ser fecunda deverá ser uma *acção conjunta*, de grande espaço, e a longo prazo, mas planificada. Só assim se poderá superar uma pastoral de Cristandade, que tem quase como objectivos únicos a *manutenção* e funciona como alimentadora e sacramentalista. Esta estrutura não é um instrumento válido no mundo de hoje, onde a acção pastoral se defronta com duas necessidades; a *necessidade premente de aprofundamento da fé* dos que já acreditam, devido ao pluralismo e solicitações envolventes; e a *necessidade de evangelização* para os que não acreditam. E esta nova perspectiva ganha corpo entre nós através do conjunto de encontros nacionais, pela tentativa pastoral para a renovação do dia do Senhor, o Domingo, pelo dinamismo verificado em algumas dioceses.

As constatações-indicadoras e os indicadores pastorais fazem-nos descobrir a necessidade da iniciação cristã dos adultos que entre nós «é uma acção com adultos já baptizados; é um lugar-tempo de conversão; procura a renovação das paróquias através da educação básica dos adultos; deixa de ter como horizonte-meta os sacramentos, porque podem acontecer celebrações ao longo do processo; é uma fase transitória com limites difíceis de fixar; tem como finalidade primordial, a maturidade da fé»<sup>(31)</sup>.

---

(31) Parroquia Urbana, present y futuro, o. c. pág. 181.



A iniciação abrange o nível pessoal e o nível estrutural. Acontece o primeiro quando o adulto deseja o baptismo e entra neste dinamismo da iniciação, ou quando, já baptizado, busca a fé perdida ou o amadurecimento do seu baptismo e entra na dinâmica da re-iniciação. Quando as pessoas são mais ou menos assíduas ou apenas consumidoras, a perspectiva da iniciação viria a exigir-lhes mais profundas motivações para a sua prática, na medida em que anelam uma Igreja comunidade, fraterna, corresponsável, carismática, profética, cristocêntrica e serva-libertadora.

A nível estrutural, a acção pastoral da iniciação cristã dos adultos implica objectivos de conversão, integração na comunidade viva e acções pastorais de carácter kerigmático.

#### 4. MUDANÇA-RENOVAÇÃO UMA OPÇÃO

Das constatações-indicadoras e dos indicadores pastorais emerge a renovação-mudança e a criatividade-transformação. Estas são fáceis de assumir a nível teórico e menos a nível prático. Parece-me, contudo, que a iniciação e a re-iniciação cristã dos adultos é hoje uma questão importante entre nós. Problema que pede resposta.

No relatório feito pelos responsáveis diocesanos da pastoral do Domingo aparece-nos um discurso grávido de mudança e renovação: «ignorância da fé e incoerência na vida prática; falta de clero e falta do catecumenado; pouca gente frequenta as reuniões de formação; desclericalizar a Igreja a nível de diocese; preparar assembleias sem padre; reformar estruturas; falta de comunidade em si; prática tradicionalista; visão clerical da pastoral e da Igreja; catequese de adultos; a concepção de Igreja... Eis algumas das frases que sintetizam desejos, mas que não nos compromete facilmente na renovação-mudança<sup>(22)</sup>.

4.1 *Renovação-mudança.* «A humanidade vive numa encruzilhada em que a mudança é uma situação normal e a adaptação à mudança é um valor reconhecido» (F. Houtard). Mudança na Igreja não é para «mudar a Igreja, mas para mudar algo na Igreja. Não é fazer outra Igreja, mas em certo sentido é preciso fazer uma Igreja diferente» (Y. Congar).

O Vaticano II afirma uma nova idade (G.S.4) caracterizada pela mudança que repercute no seu seio. Nada podemos absolutizar. Porque a grande questão é como realizar a missão espiritual num contexto novo, perante mentalidades novas, frutos de valores culturais novos.

---

(22) Relatório de delegados diocesanos feito para a Pastoral de Domingo.

Os elementos-chave da mudança podem resumir-se nos factores, nas condições e nos agentes da mudança.

A dinâmica da mudança encontra sempre uma «atitude constituída» formada por um certo número de opiniões, ideias, crenças, valores aos quais a pessoa ou a comunidade está fortemente ligada. E uma «atitude a constituinte» muito mais aberta à mudança.

O primeiro passo para mudar, neste campo concreto, é *um descobrimento consciente da perspectiva catecumenal em pastoral* por parte de todos os agentes de pastoral.

Esta perspectiva está apresentada no RICA, sem estar descoberta suficientemente pelos animadores e pela comunidade cristã. Esta perspectiva foi acentuada nos Sínodos 1974 e 1977. A Pastoral catecumenal é caracterizada pela articulação que faz da caminhada dos catecúmenos propriamente ditos (adultos não baptizados, mas que se preparam para o ser) e dos já baptizados que se encontram como os catecúmenos, já que têm uma ânsia e um gosto espiritual, apesar da sua fé ser débil.

Sem serem idênticas, estas situações são complementares. Com muita gente que se prepara para o matrimónio, ou que pede o baptismo para os filhos, ou os apresentam na catequese, a pastoral catecumenal quer fazer um esforço para «tomar as coisas desde a raíz», fazer amadurecer a procura, permitir a expressão progressiva da fé e constituir o tecido eclesial real. Todos estes elementos são da iniciação cristã<sup>(23)</sup>.

Por isso a mensagem do sínodo de 1977 dizia: «o modelo da catequese é o catecumenato baptismal, formação particular em que o adulto convertido à fé se prepara para a profissão da fé baptismal na vigília pascal» (n.º 8).

**4.2 Criatividade-transformação.** Na mudança entra sempre muito de criatividade. Criatividade é uma capacidade da pessoa, do grupo ou comunidade para enfrentar *situações inusitadas* e resolver problemas novas. Criamos pressionados pelos desejos e modelos interiores mas também pelo contexto envolvente. O preço da criatividade é sempre elevado, porque é sempre custoso «descobrir no passado e no presente as possibilidades ocultas do futuro», como afirma Girardi.

A criatividade, neste campo, deve respeitar as coordenadas da iniciação cristã, a saber: *a fé evangélica não é um facto natural*, não nascemos cristãos tornamo-nos cristãos; *e a conversão evangélica como passagem* tem uma certa forma objectiva que inclui quatro elementos: *a fé não é*

---

(23) BOURGEOIS, in «La Maison Dieu, (132) 1977 p. 132, nota 43.

*um simples saber, o tempo também conta para crer, a Igreja não é apenas mais um grupo social, a iniciação cristã distingue-se de outras iniciações* <sup>(24)</sup>.

A iniciação exprime-se não só através do esquema biológico do amadurecimento, ou do crescimento orgânico (Ef. 4, 11-16), mas também através da passagem duma vida antiga a outra nova (Rom 6). Ser iniciado cristão é questão dum processo orgânico e orientado.

A criatividade-transformação da iniciação deve apoiar-se não só no saber, mas também no grupo com o seu animador, nas celebrações como acções simbólicas e na referência à vida quotidiana das pessoas, como meios muito úteis.

Este esforço criativo faz-nos descobrir a urgência da preparação de «iniciadores». A formação de pessoas para estas tarefas iniciáticas é exigente. Vive-se, entre nós, uma fase de procura que é importante superar.

Faz ainda parte desta criatividade vencer a atitude do «tudo ou nada» em pastoral, já que a fé é como uma semente. Não menos importante para esta transformação é a «coerência pastoral» que impede contradizer a perspectiva da iniciação cristã com uma sacramentalização anárquica, quer esta sela apressada ou restitutiva.

Os agentes de pastoral devem assimilar interiormente a necessidade da iniciação cristã para o hoje da Igreja em Portugal, para esta poder vingar. Só esta *consciência receptiva* pode gerar acolhimento e sobretudo criatividade-transformação. Caso contrário, de nada valerá mais um ritual, mesmo que este seja o da Iniciação Cristã dos Adultos.

Estes apontamentos incidiram deliberadamente nalgumas raízes da necessidade da iniciação cristã entre nós, para ajudar a uma consciencialização de todos. Alguém escreveu: «quando se acentuam as coisas secundárias, é sinal de uma certa debilidade espiritual». Espera-se que a necessidade da iniciação cristã entre nós não seja uma coisa secundária.

A. GOMES DIAS

---

<sup>(24)</sup> *id.* artigo citado.

## Apresentação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos

### 1. O QUE É UM RITUAL?

Os diversos ministros litúrgicos servem-se, habitualmente, de livros próprios para realizarem as celebrações de maneira digna e correcta. Não quer isto dizer que seja totalmente impossível organizar e levar a cabo uma celebração de maneira ordenada e completa sem a ajuda de alguns livros litúrgicos. Durante os primeiros séculos, aquele que presidia à reunião dominical dos cristãos, não se servia de livro nenhum para dar graças sobre o pão e sobre o vinho, isto é, para formular a Oração Eucarística, que ele «inventava» naquele preciso momento, a partir de esquemas de oração que conhecia de cor. Mas já não acontecia o mesmo com o Leitor, que para ler a passagem da Palavra de Deus escolhida para esse dia, tinha necessariamente de ter à mão algum volume da Bíblia, que foi o primeiro Leccionário.

Entre os diversos livros litúrgicos há um que se chama o *Ritual*. Ele contém todas as celebrações próprias do presbítero, excepto a Missa. É o livro dos sacramentos e dos sacramentais a que ele preside. Nele não encontramos, portanto, os sacramentos que pertencem ao bispo (Ordenações, Consagração dos Santos óleos, etc.). Quanto à Eucaristia, tudo o que lhe diz respeito se encontra no Missal.

Houve um tempo em que foi possível reunir num só volume todas essas celebrações sacramentais próprias do presbítero. Compreenderemos facilmente porquê se nos lembrarmos que antes do Concílio Vaticano II nenhum sacramento, à excepção da Missa, era acompanhado da leitura da Palavra de Deus. A celebração do Baptismo, da Penitência, da Unção dos Doentes ou do Matrimónio reduzia-se à efectivação dos ritos litúrgicos, constituídos por gestos e orações. Nada mais.

A partir do momento em que o Concílio decidiu a reforma geral da liturgia romana e determinou que a Palavra de Deus fosse um dos

componentes obrigatórios de toda a celebração litúrgica normal, deixou de ser possível reunir num só volume todos os sacramentos, pois só as leituras que deles fazem parte, bastariam para constituir um livro de centenas, ou mesmo milhares de páginas. E temos de concordar que ir presidir a um funeral, a um baptismo ou a um casamento e levar nas mãos um livro de tais dimensões, não seria nada cómodo.

Por outro lado, a reforma da liturgia dos sacramentos foi uma obra de grande fôlego, que demorou mais ou menos anos em cada caso. As edições típicas iam sendo preparadas e apareciam em seu tempo, sendo depois traduzidas para as diversas línguas pelas respectivas Conferências Episcopais. O Ritual não apareceu todo renovado de repente, mas foi surgindo por fases.

Estas são as duas razões pelas quais, na hora actual, existem tantos Rituais quantos são os sacramentos do único Ritual. E um deles recebeu em língua portuguesa o nome de *Iniciação Cristã dos Adultos*.

## 2. A INICIAÇÃO CRISTÃ

A Igreja dos primeiros séculos não praticou o Baptismo, nem de adultos nem de crianças, isoladamente. O que ela conheceu e praticou foi a *iniciação cristã*, movimento único que tinha como primeiro tempo o Baptismo, passava imediatamente à Confirmação e atingia a sua plenitude na participação na Eucaristia, tudo celebrado duma só vez.

De facto, quando a *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma (215) nos dá a conhecer a liturgia dos primeiros anos do século III, e começa a explicar as diversas etapas que hão-de percorrer aqueles que se aproximam da fé, fá-lo numa descrição contínua, que tem o seu início no momento «em que o novo candidato é trazido para ouvir a Palavra», e só vem a terminar com a primeira participação na comunhão por parte desse novo cristão, depois de percorrer uma longa caminhada que, em certos casos, podia demorar três anos, e incluía o catecumenado, o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia<sup>(1)</sup>.

Nos últimos anos do século IV, Santo Ambrósio, bispo de Milão, ao falar àqueles que acabavam de ser baptizados, comenta-lhes, de maneira simbólica, o conjunto das etapas percorridas desde a manhã de Sábado Santo até ao fim da Vigília Pascal, conjunto que culminava no momento em que o neófito se apresentava diante daquele que presidia à Eucaristia e este lhe dizia: «O Corpo de Cristo», ao que ele respondia: «Amen»,

<sup>(1)</sup> HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, Edit. Vozes (1971), II parte, pág. 46-55.

depois de ter sido mergulhado por três vezes na fonte do novo nascimento e de ter recebido «o selo espiritual na hora em que se infunde o Espírito Santo, quando o bispo faz a consignação»<sup>(2)</sup>.

Poderíamos multiplicar os testemunhos antigos. Todos nos confirmariam que esta foi a prática geral da Igreja. Na mesma celebração o catecúmeno recebia o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, quer se tratasse de adulto ou de criança. Não havia, portanto, batismos isolados de crianças ou de adultos. O banho de água e a tríplice profissão de fé faziam parte de um conjunto que se chamava a iniciação cristã, para a distinguir de outras iniciações conhecidas e praticadas pelos pagãos.

As Igrejas orientais ainda hoje assim procedem. No mesmo dia em que a criança ou o adulto são batizados, celebra-se também a sua Confirmação e fazem a primeira Comunhão. Se a criança é apenas de dias, comunga só o Sangue do Senhor. A Igreja latina, por razões pastorais, retardou a Confirmação e a primeira Comunhão das crianças que são apresentadas ao Batismo pelos pais cristãos, prática que não foi alterada pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II em relação a elas. Mas tal costume em nada diminui a consciência que a própria Igreja tem de que, mediante os sacramentos da iniciação cristã, os homens são libertos do poder das trevas e configurados com Cristo morto, sepultado e ressuscitado, recebem o espírito de filhos e celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor e que esses três sacramentos estão de tal modo unidos entre si, que levam os fiéis<sup>(3)</sup> à perfeita estatura.

Em relação aos adultos, a reforma litúrgica brindou-nos com um Ritual da Iniciação Cristã, o que, só por si, quer dizer muito. Esta simples mudança de nome na designação de um Ritual significa que, no pensamento da Igreja, todo o Batismo deve levar, normalmente, à Confirmação e à Eucaristia, passando pela catequese e pela aprendizagem da vida cristã feita em Igreja e que um Batismo que se ficasse em si mesmo e não desabrochasse na plenitude da vida cristã seria, de certo modo, um Batismo abortado, uma iniciação que não chegara à maturidade.

Mas o que é, afinal, a iniciação cristã? Para os Padres da Igreja trata-se, fundamentalmente, de um mistério, no sentido de uma obra invisível de Deus, escondida simultaneamente aos nossos olhos e à nossa inteligência, razão porque não podemos compreender-lhe a

---

(2) SANTO AMBRÓSIO, *Os sacramentos e os mistérios*, Edit. Vozes, (1972), n. 2 pág. 42.

(3) Cfr. Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, n. 1-2.



profundidade. Mas esse mistério, porque nos foi revelado, pode ser acolhido por nós, na fé. Quem hoje o revela e o esconde são os sinais litúrgicos.

Ninguém se inicia a si mesmo. Todos somos iniciados. E o dom que nos é oferecido ultrapassa-nos, como ultrapassa a própria Igreja que aí desempenha papel essencial. Os orientais dizem que cada sacramento constitui uma autêntica experiência do mistério de Deus. A iniciação cristã é a primeira dessas experiências divinas feita pelo neófito (= nome do que acaba de ser iniciado) e por isso a catequese dos seus ritos e do respectivo simbolismo só tinha lugar depois do candidato ter vivido esses sinais e ter sido transformado por eles, isto é, depois de ter sido iluminado pela fé. É que só então ele era capaz de descobrir o sentido espiritual profundo do dom que Deus lhe tinha feito. Aquilo que ele recebera é que lhe dava inteligência para compreender o mistério.

### 3. INICIAÇÃO DE ADULTOS

Quando se fala em Baptismo, pensamos geralmente em Baptismo de crianças. Ora tal Baptismo não é o único, nem o mais primitivo, nem sequer o modelo do Baptismo em si. Existe um único Baptismo que foi tomando formas litúrgicas variadas segundo as épocas e as circunstâncias em que a Igreja desenvolvia a sua acção. Mas sintomaticamente, o Ritual do Baptismo das Crianças utilizado até ao Concílio Vaticano II não nascera directamente para elas. Surgira antes de uma simplificação do Baptismo dos adultos, e por isso é que o diálogo inicial se formulava assim: «N., que vens pedir à Igreja de Deus?... E para que te serve a fé?... Pois bem, se queres entrar na vida eterna...», o mesmo se repetindo na renúncia, na profissão de fé e no momento do Baptismo: «N., renuncias a Satanás?... N., crês em Deus Pai Todo-poderoso?... N., queres ser baptizado?...».

O que significa esta inadaptação na linguagem ritual? Apenas que o rito nascera para os adultos, que esses, sim, podiam responder por si mesmos às perguntas que lhes eram feitas. A liturgia, conservadora como é, entendeu não dever modificar a linguagem, mesmo quando os baptismos passaram a ser apenas de crianças.

Praticamente, os primeiros textos da tradição cristã só falam da iniciação dos adultos, o que é normal numa Igreja em plena expansão, numa Igreja que começara a partir de zero. Mas há outra razão para isso: o facto da iniciação dos adultos ser o modelo de referência mais exemplar, pois é nela que se vê melhor como se ajustam uns aos outros os diversos elementos que a constituem.

## 4. O RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS

### 4.1 — Ficha técnica

O primeiro documento produzido pelo Concílio Vaticano II foi a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada em Roma no dia 4 de Dezembro de 1963. Entre outras coisas, nela se pedia a revisão do duplo rito do Baptismo dos adultos, o mais simples e o mais solene (SC 66) que figurava no Ritual Romano de 1614, e que se restaurasse o catecumenado dos adultos, distribuído em várias etapas (SC 64).

Para levar a cabo esta e outras determinações litúrgicas conciliares, foi criada uma Comissão ou Conselho de liturgia (= Consilium).

Como se tratava de um trabalho de reforma em várias frentes, a Comissão nomeou tantos grupos quantas eram as áreas litúrgicas. O grupo encarregado da revisão do Ritual do Baptismo dos Adultos ficou a ser conhecido como o «grupo 22», composto de 12 membros permanentes, o qual se pôs imediatamente em acção, elaborando um elenco de princípios entre os quais salientamos estes: a reforma do Baptismo dos Adultos há-de exprimir claramente o que os ritos significam, há-de assegurar continuidade entre as formas antigas abandonadas e as novas, há-de manifestar a íntima união entre a acção de Deus e os progressos do candidato ao Baptismo, e há-de deixar uma grande margem de adaptação às mentalidades e situações diversas.

O grupo buscou então as pessoas competentes para procederem ao exame das diversas fontes litúrgicas ortodoxas, protestantes e católicas, antigas e modernas, para o que obteve a colaboração de especialistas das diversas Igrejas, entrou em contacto com alguns Centros de Catecumenado na África, Ásia e Europa, elaborou um primeiro esquema que foi enviado a 50 desses Centros, recolheu as observações que lhe foram feitas e a partir delas preparou um novo esquema que, depois de estudado pelas Congregações romanas competentes, viria a ser aprovado pelo papa Paulo VI em 6 de Janeiro de 1972, Solenidade da Epifania, em que a Igreja celebra a manifestação do Senhor aos gentios, simbolizados naqueles que a tradição popular cristã chama os três Reis Magos.

Foram oito anos de investigações, estudos e consultas, o que nos diz alguma coisa sobre a importância atribuída pela Igreja a este documento da sua mais recente reforma litúrgica.



#### 4.2 — A edição portuguesa deste Ritual

Curiosamente, outros tantos foram os anos precisos para a aparição deste Ritual em tradução portuguesa, ocorrida no princípio de 1980. É caso para dizer que não foi menor o cuidado dos responsáveis desta edição do que fora o dos especialistas que prepararam o original latino. E disso seremos nós todos os beneficiários.

A versão portuguesa deste Ritual recebeu o nome de *Iniciação Cristã dos Adultos*. Foi confirmada em Roma a 20 de Agosto de 1979 e o «Imprimatur» tem a data de 16 de Dezembro desse mesmo ano. Apresenta-se num volume de 214 páginas, impresso a duas cores, como é tradicional nas edições litúrgicas.

Começemos por abrir o nosso livro e folheá-lo. Depois do Decreto de aprovação e promulgação, aparecem imediatamente os Preliminares que vão do número 1 ao número 67.

A presença de Preliminares a antecederem o texto litúrgico propriamente dito, é uma das características comuns a todos os novos Rituais. A reforma litúrgica não nos deu livros contendo apenas os ritos, as fórmulas e as rubricas, como sucedia no passado, mas fez preceder cada um deles duma introdução teológico-pastoral.

No caso presente, os Preliminares assemelham-se, pela amplitude e profundidade, à Instrução Geral do Missal Romano e à Instrução Geral da Liturgia das Horas, e são tão importantes ou talvez mais até do que os seis capítulos do Ritual, pois explicam o sentido do catecumenato e dos ritos que o integram, constituindo verdadeiro tratado teológico, litúrgico, pastoral e catequético da iniciação cristã dos adultos.

Ao dizermos isto queremos acrescentar que nada pode substituir a leitura e o contacto directo de cada um com o seu texto. Nenhuma conferência ou artigo pode dispensar-nos desse estudo pessoal. Diríamos até que a melhor maneira de conhecer o Ritual consiste em fazer, em primeiro lugar, a leitura seguida dos Preliminares, número após número, antes de abordar a análise de cada um dos seus seis capítulos. Nesse sentido, a apresentação do Ritual, que este artigo pretende fazer, tem por objectivo principal despertar o interesse de cada leitor pela descoberta das riquezas contidas sobretudo nos Preliminares.

Aos Preliminares segue-se o Capítulo I, que tem por título *Ritual do catecumenato em vários graus*. Teremos ocasião, mais adiante, de explicar esta terminologia. Por agora diremos apenas que este capítulo é o mais longo e importante de todos. À semelhança do que sucede nos outros cinco, cada uma das suas seis partes é precedida de uma pequena introdução, que retoma o essencial dos Preliminares, aplicando-o ao

rito que vai seguir-se, facto que dá a este Ritual um carácter único em relação a todos os outros livros litúrgicos. Como escreveu um liturgista, «quase ousaríamos defini-lo como um documento litúrgico dentro de um livro litúrgico. De facto, para lá dos momentos litúrgico-celebrativos, estreitamente ligados à celebração dos sacramentos, este Ritual apresenta-se como um grandioso esquema por meio do qual cada ministro responsável pode estruturar e deve dar vida aos diversos ritos nele propostos»<sup>(4)</sup>. Resumindo-nos, diremos que o Capítulo I é constituído por orientações teológicas, litúrgicas e pastorais, e pela montagem de cada rito a celebrar desde a admissão dos catecúmenos até ao fim do tempo da mistagogia.

O título do Capítulo II diz claramente qual o seu conteúdo: *Ritual simplificado da iniciação dos adultos*. Pode ser utilizado em casos excepcionais, quando não for possível, ao candidato, percorrer todas as fases da iniciação.

Também não precisamos de explicar o conteúdo do Capítulo III, chamado *Ritual breve da iniciação de um adulto em perigo ou artigo de morte*, e que foi organizado tendo sobretudo em vista a sua utilização pelos catequistas em casos urgentes.

O Capítulo IV trata da *Preparação para a confirmação e para a eucaristia dos adultos que, baptizados em criança, não receberam catequese*, nele se afirmando, a dada altura, que a preparação destes adultos exige um tempo prolongado pela mesma razão que a dos catecúmenos, pois a fé neles infundida no Baptismo, deve crescer e atingir a maturidade (n. 296). Trata-se de um fenómeno que se vai multiplicando cada dia mais entre nós e que manifesta que os compromissos do Baptismo não são assumidos pelos pais dessas crianças. O Ritual considera que a iniciação destes baptizados fica por fazer e propõe para ela modalidades específicas.

O Capítulo V é dedicado à *Iniciação das crianças em idade de catequese*. Trata-se do caso inverso do capítulo anterior. Ainda não são adultas, pelo que o Ritual se adapta à sua situação de crianças. Mas já são idóneas e podem conceber e alimentar uma fé própria e aceitar algumas responsabilidades. É a primeira vez que a Igreja, na sua liturgia, reconhece a situação, o que é um indício da atenção que ela presta ao novo estatuto da criança na sociedade, encontrando um equilíbrio entre a actuação pessoal desta, a sua dependência da família e o seu fazer parte de um grupo social. Este Capítulo V é o que mais se aproxima do Capítulo I,

---

<sup>(4)</sup> ACHILLE M. TRIACCA, *Struttura e linee-forza*, Rivista Litúrgica (1979), p. 426.

pela extensão, mas principalmente pela estrutura do rito, igual ao da iniciação dos adultos, apenas divergindo dele no tipo de linguagem que utiliza e que procura ser o mais adaptada possível às crianças a que se destina.

Após o Capítulo VI que contém os *Textos vários para a celebração da iniciação cristã dos adultos*, surge, em apêndice, o *Rito da admissão na plena comunhão da Igreja católica de alguém já validamente baptizado* noutras confissões cristãs. Este rito fora expressamente pedido pelo Concílio (SC 69). O Ritual reconhece o princípio da validade do Baptismo recebido em Igrejas não católicas e pede ao candidato que justifique o seu pedido por motivos de ordem espiritual. A essência do rito consiste na profissão de fé que antecede a comunhão eucarística.

E assim terminamos esta apresentação muito ligeira de todo o Ritual, necessária porém para lhe apreendermos toda a sua real extensão.

## 5. ESTRUTURA E CELEBRAÇÃO DA INICIAÇÃO DOS ADULTOS, SEGUNDO OS PRELIMINARES E O CAPÍTULO I

Após esta visão de conjunto de todo o Ritual, não é difícil concluir que as suas duas peças fundamentais são os Preliminares e o Capítulo I, que se completam e esclarecem mutuamente. Por isso, a partir de agora, vamos olhar simultaneamente para ambos, e falar, por conseguinte, da estrutura e do desenrolar da celebração da iniciação dos adultos.

Dizíamos acima que devido à extensão dos vários Rituais seria quase impossível juntá-los todos num único volume, como sucedia até há pouco. Se tal, porém, viesse a acontecer, os Preliminares do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos seriam precedidos ainda dos Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, comuns à iniciação dos adultos e ao Baptismo das crianças, cujo texto, por ter sido inserido no Ritual do Baptismo das Crianças, não foi incluído neste Ritual.

Os Preliminares, que logo no seu número 1 dizem que ele se destina «àqueles adultos que, depois de terem escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam o Deus vivo e verdadeiro e tomam o caminho da fé e da conversão», vão eles próprios ser a melhor introdução a todo o Ritual.

Efectivamente eles descrevem a estrutura da iniciação dos adultos (4-40), os ministérios e ofícios (41-48), o tempo e o lugar da iniciação (49-63) e as adaptações que pertencem à Conferência Episcopal, ao Bispo da Diocese e ao ministro que organiza uma celebração (64-67).

## 5.1 — A estrutura da iniciação

Quando os Preliminares falam da estrutura da iniciação, o que eles pretendem é descrever a longa caminhada que um adulto é convidado a fazer desde a busca inicial, e que pode ser mais ou menos longa, até à sua participação e inserção plena na vida da comunidade cristã.

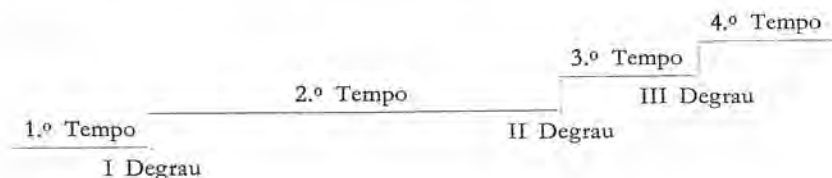
Partindo do princípio que cada homem tem capacidades diferentes e responde de modo diverso à graça que Deus lhe vai dando, o Ritual possui elasticidade suficiente que permite adaptá-lo a situações espirituais muito diversas. Não se trata pois de um livro monolítico. Nesse aspecto ele é um bom exemplo do que pretende ser toda a liturgia renovada.

Nessa caminhada para a fé, o adulto vai subindo vários degraus, como se tivesse diante de si uma escada, ou vai passando várias portas, como sucede a quem visita pela primeira vez um amigo que faz questão de lhe mostrar todas as divisões da sua nova casa.

Esses degraus ou portas são três e cada um deles é assinalado por um rito litúrgico: ao subir o primeiro degrau celebra-se o rito da instituição dos catecúmenos; ao passar ao segundo, o rito da eleição; e ao chegar ao terceiro, é a vez de se celebrarem os sacramentos.

Cada um desses degraus é simultaneamente ponto de chegada e de partida para sucessivas caminhadas, pois não se trata só de subir degraus, mas de permanecer nos patamares a que eles dão acesso, durante dias, meses ou até alguns anos, não parado, mas à procura do que se pretende descobrir e possuir.

Como os degraus são três, os tempos de caminhada são quatro, porque o chão, onde começa o primeiro degrau, constitui o primeiro tempo. Representemos graficamente o que acabamos de dizer, mas tendo em conta que esses vários tempos têm duração diferente, por não se tratar de escalões jurídicos, mas corresponderem a níveis de fé que o candidato vai atingindo a pouco e pouco e nos quais permanece dando passos progressivos mas lentos, que acabarão por fazer dele um seguidor de Cristo:



## 5.2 — O pré-catecumenado

O primeiro tempo é o da *evangelização* ou do *pré-catecumenado*. Não seria possível nenhuma participação verdadeira numa celebração sem uma certa evangelização, um princípio de conversão, uma certa caminhada para a fé e um certo conhecimento da realidade da Igreja. A fé raramente acontece de maneira espontânea. Exige tempo.

O tempo do pré-catecumenado não tem duração antecipadamente definida, mas apesar disso nunca será lícito omiti-lo. É o tempo da primeira conversão que levará à fé inicial. Por isso é preciso ter muita paciência e saber esperar, tendo em conta o progredir do dom de Deus e a psicologia do homem que é feito para assimilar lentamente.

Durante este tempo os candidatos são *simpatizantes* ou *pré-catecúmenos*. É um tempo de contactos, de diálogos, de espontaneidade e das primeiras descobertas em conversas ocasionais, durante o qual não se realiza nenhum rito. Não há também um programa de catequese definido com precisão. Apenas se aponta aos responsáveis que eles devem fazer aos pré-catecúmenos uma exposição adequada do Evangelho.

## 5.3 — O catecumenado

Decorrido o tempo julgado suficiente da primeira evangelização, o candidato vai subir o primeiro degrau e entrar no segundo tempo.

Acontece então o primeiro rito litúrgico que se chama *rito da admissão dos catecúmenos*, que tem como gesto principal a grande signação, que marca a entrega a Cristo da vida do candidato e a sua entrada na Igreja como membro da casa de Deus: *N., recebe a Cruz na tua fronte: Cristo te fortalece com o sinal da sua vitória* (85).

Todo o encontro de amor começa por um reconhecimento misterioso de duas pessoas. Antes de qualquer palavra ser pronunciada, qualquer coisa cantou no coração. Só depois virão a descoberta mútua, os primeiros encontros, os momentos de felicidade, as interrogações, talvez as dúvidas.

O adulto que encontrou Jesus Cristo e pretende tornar-se seu discípulo, começa por receber nele esta pequenina semente de um sinal da Cruz traçado na fronte. Tal semente vai germinar, crescer, sofrer transformações, como toda a semente. A Igreja vai esforçar-se por guiar o seu crescimento sem prejudicar-lhe a espontaneidade. Vai propor ao adulto uma experiência comunitária, para o ajudar a desabrochar até à plena inserção em Cristo. Durante cerca de três anos, vários

ritos exprimirão este dom mútuo do Senhor e do homem. É o tempo do *catecumenado* que começa no primeiro momento em que a Igreja faz de um simpatizante, um *catecúmeno*.

Catecumenado é palavra recente no vocabulário cristão habitual, mas não nova. Esteve esquecida durante muitos séculos, mas ei-la a ressurgir, e com que vitalidade, na Igreja pós-conciliar. Trata-se da instituição pela qual a Igreja recebe de Deus novos filhos e de um tempo especial dentro dessa instituição.

A restauração do catecumenado veio preencher um vazio que começara a formar-se no século VI, quando, em virtude do desenvolvimento dos baptismos de crianças, a preparação dos adultos para o baptismo, tão exigente nos primeiros séculos, principiou a ser desvalorizada até desaparecer completamente.

Passaram os tempos de cristandade e a Igreja não pode, para ser fiel à missão recebida, deixar de baptizar os adultos. Mas não o pode fazer como passou a fazê-lo a partir do século XII. Por isso reorganizou o catecumenado como instituição normal que há-de levar um adulto até ao baptismo.

Catecumenado ou *tempo do catecumenado* é uma *ordem*, um estado eclesial com o seu carisma, actividades específicas, liturgia apropriada. A ordem do catecumenado é já uma primeira glória que encaminha o catecúmeno para a plenitude que é o baptismo.

A actividade principal deste tempo é a catequese progressiva, organizada e completa e a experiência da vida da comunidade local e espírito dos cristãos. O objectivo da catequese não é tanto ensinar uma doutrina, mas ajudar o catecúmeno a entrar no conhecimento íntimo de um mistério, de nascer para ele e facilitar a mudança do homem velho para uma vida de homem novo, respeitando progressivamente a situação de convertido, desenvolvendo nele uma consciência nova. Não admira, por isso, que este período exija vários anos.

Durante todo este tempo a iniciativa humana do catecúmeno não é deixada às suas únicas forças, mas é transformada pela graça de Deus, significada e actualizada nos ritos litúrgicos do catecumenado, constituídos por celebrações da Palavra que têm como finalidade educar a sensibilidade do catecúmeno para o sentido da Penitência e da Eucaristia. Cada uma dessas celebrações consta de três elementos: a *leitura da Palavra de Deus*, os *exorcismos menores* que acentuam a ruptura com um tipo de vida e a escolha deliberada de outra que se deseja, e as *bênçãos*, cuja finalidade é a de reconhecer o valor da paz e da acção de graças.



#### 5.4 — O tempo da purificação e da iluminação

Tal como aconteceu no primeiro degrau da iniciação, também agora a subida do segundo se realiza por meio de um rito litúrgico que se chama *rito da eleição ou da inscrição do nome*.

Um dia o Senhor disse a Isaías: «Eu sou o Eterno, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome» (Is. 45, 3). Também um dia o catecúmeno é escolhido pela comunidade, que o convida a dar mais um passo. Trata-se de uma decisão definitiva. Há um tempo para pensar e um tempo para agir, um tempo de maturação e um tempo de ceifa. Para um baptismo de adulto a preparação pode ter durado longos meses. Mas chega o momento em que ele se encontra a poucas semanas da celebração sacramental. Estas semanas são importantes e correspondem, em geral, ao tempo da Quaresma.

É toda a Igreja que entra em Quaresma com todos os futuros baptizados. O povo cristão prepara a Páscoa que para alguns dos seus membros será a primeira Páscoa. No primeiro domingo da Quaresma, na Missa da comunidade, a seguir à homília, o sacerdote encarregado da iniciação dos catecúmenos chama, pelo seu nome, cada um dos que foram escolhidos para serem baptizados. A Igreja e eles comprometem-se numa relação mútua (140 s.). O presidente da celebração recebe o testemunho dos cristãos que conhecem os candidatos e torna-se o garante da seriedade com que estes se comprometem. A sua decisão de responsável torna-se decisão da Igreja (147).

Ao ser chamado pelo seu nome, cada um vem assinar no livro onde foram inscritos todos os que o precederam. O nome de cada cristão está inscrito no Livro da Vida (Filip. 4, 3). Assim Cristo entra na história humana de cada discípulo.

A partir de agora o catecúmeno passa a ser chamado *eleito*. Terminou, com a inscrição do nome, o tempo do catecumenado propriamente dito e iniciou-se o *tempo da purificação e da iluminação* que vai durar quarenta dias, e se destina a preparar mais intensivamente o espírito e o coração dos candidatos (22). Ei-los lançados numa corrida a caminho do baptismo.

Recordemos os Evangelhos previstos para as Missas dos domingos da Quaresma, no ano A: a tentação de Jesus, a Transfiguração, a samaritana, a cura do cego de nascença, a ressurreição de Lázaro. Desde os primeiros séculos da Igreja, estas páginas do Evangelho foram escolhidas para esclarecer as últimas semanas de preparação dos eleitos. Elas são apelos à conversão, elas revelam a acção de Deus por Jesus Cristo.

Ainda hoje estes Evangelhos dão o seu pleno significado às celebrações catecumenais deste terceiro tempo da iniciação, que se chamam *escrutínios* e têm lugar nos terceiro, quarto e quinto domingos da Quaresma. É Deus que prescreve os rins e os corações. Aceitar o seu olhar sobre a nossa vida é aceitar descobrir se a luz que está em nós não serão trevas. A cada um é pedido que acolha a luz, a fim de ser capaz de discernir «qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus» (Ef 3, 18). De acordo com os Evangelhos dos domingos da Quaresma os candidatos são chamados a passar das trevas para a luz, da morte para a vida, convertendo-se a Jesus Cristo. E não estão sózinhos neste combate. Jesus Cristo intervém pelo poder do Espírito e toda a comunidade dos cristãos vive esta conversão com aqueles que se preparam para o baptismo.

Depois dos *escrutínios* vêm as *tradições* (= entregas, transmissões). «Aquilo que eu mesmo recebi, é isso que vos transmito», dizia S. Paulo aos fiéis de Corinto (1 Cor 11, 23). E a Igreja confia solenemente aos seus eleitos os dois grandes tesouros da tradição: o Símbolo da fé e a Oração do Senhor. Proclamar a fé e chamar a Deus nosso Pai é um dom que nos é feito, dom de que nos tornamos possuidores, mas possuidores responsáveis, e que dentro de pouco tempo teremos de restituir. No dia do baptismo o novo cristão deverá proclamar publicamente a sua fé e dirá com todos os seus irmãos o Pai nosso. A essa proclamação pública do Símbolo da fé e da Oração dominical por parte dos eleitos se chama *redições* (= acto de devolver o que lhes foi entregue ou de dizer por sua vez o que lhes foi transmitido).

Tudo isto, apesar de ser já muito, ainda é apenas e só preparação. Após o silêncio de Sábado Santo (26) vai chegar a plenitude. «O sol nascente lança menos raios sobre o mundo do que o Espírito espalha de esplendores sobre um catecúmeno que Ele inunda da sua graça», escreveu um dia S. João Crisóstomo.

A plenitude acontece na Noite Pascal, noite de Ressurreição, noite dessa libertação que nos vem do fundo das idades, noite da saída do Egipto, noite da nuvem luminosa que conduz no deserto, noite da presença do Senhor que alimenta e dessedenta o seu povo. Que outra noite poderia convir ao baptismo melhor do que esta? A comunidade está reunida, o novo baptizado torna-se o seu profeta, anuncia a todos os seus irmãos na fé que tudo é possível a quem crê em Jesus, e que hoje ainda, o Senhor se deixa encontrar no caminho dos homens para eles. Se fazer reconhecer, como outrora no caminho de Emaús.

Desde há muitos séculos que a Noite Pascal é a noite da iniciação cristã. Vamos quinze séculos para trás. Estamos na Vigília Pascal.



Caiu a noite. A grande basílica da cidade de Roma, de Antioquia da Síria ou da nossa Bracara Augusta (= Braga) está mergulhada na obscuridade com excepção de uma pequena claridade junto do altar. Uma criança ou um homem lê um dos grandes textos bíblicos que prefiguram o baptismo: poema da criação do mundo, passagem do Mar Vermelho, visão de Ezequiel sobre os ossos ressequidos, promessa de um coração novo em substituição do nosso coração de pedra. Entre cada uma dessas leituras, o canto dos salmos sustenta a oração da assembleia, porque a espera é longa e o dia de trabalho foi cansativo. É preciso que ninguém durma nesta noite.

No baptistério, pegado à basílica, realizam-se entretanto ritos solenes. Lá estão o bispo, os presbíteros e os diáconos. Os catecúmenos, que os padrinhos assistem e ajudam, despiram-se. Desceram os degraus da piscina baptismal e foram mergulhados nela enquanto faziam a sua profissão de fé. Ei-los que sobem da piscina, já baptizados, ressuscitados com Cristo. Enxugam-se e vestem uma túnica branca.

O bispo marca-os logo em seguida com a unção do Santo Crisma, sinal do dom do Espírito Santo. Toda a vida cristã está já contida no baptismo, mas a confirmação revela outro aspecto da infinita riqueza do mesmo Deus que nos deixou os dois sacramentos. E o homem tem necessidade de variedade de sinais. De facto, porquê dois sacramentos tão aproximados? É que, baptismo e confirmação, como dois momentos complementares, como dois tempos de um mesmo gesto, correspondem àquilo que é vivido. É preciso nunca ter conhecido um baptizado adulto para não compreender até que ponto o baptismo é um corte, uma opção, uma escolha decisiva que ele faz. Muitas vezes abrem-se fossos enormes, há amigos que passam a olhá-lo com admiração, enquanto outros começam a fazê-lo com desgosto e desdém. Pelo baptismo, Deus chama o adulto a uma verdadeira morte. É preciso que ele acolha o Espírito, que se deixe doravante conduzir pelo vento do Pentecostes, que se abra a uma vida nova, que anuncie ao mundo a alegria que Deus lhe deu. E a força para tudo isso é-lhe dada na confirmação.

Os Apóstolos viveram a Páscoa com o Senhor. Mas o Pentecostes é que lhes revelou a sua verdadeira dimensão de discípulos. Eles tinham percorrido apenas uma etapa. Só quando o Espírito os inundou é que eles puderam compreender e realizar a sua tarefa no mundo e foram capazes de continuar a missão de Cristo de anunciar a Boa Nova. Acontece o mesmo com o adulto que é iniciado cristão. A confirmação é para ele a celebração do mistério do Pentecostes. O Espírito continua a suscitar uma Igreja ao serviço de toda a humanidade. Imposição das

mãos, unção sobre a fronte, assim se celebra a confirmação. Como o óleo penetra o corpo e o torna mais maleável, assim o Espírito de Jesus penetra o nosso espírito e o modela à sua semelhança, a fim de descobrirmos que função particular devemos exercer no corpo vivo que é a Igreja, que ministério é o nosso. A confirmação aparece assim como a dimensão do futuro do baptismo. Porque o baptizado é um homem do futuro, a Igreja crê nele. Ela reconhece que Cristo encarrega cada um dos seus membros de fazer crescer o corpo inteiro. Aquilo que a Igreja vive e celebra desde há tantos séculos não a pode enganar.

Voltemos para junto dos que acabam de ser feitos cristãos. Esta rápida digressão pelo mistério da confirmação não no-los fez esquecer. Recebem agora um círio aceso. Abrem-se as portas que dão para a basílica. Os círios que os novos baptizados trazem nas mãos iluminam as trevas da noite e uma grande claridade irrompe na basílica. Dissipa-se a densa escuridão de há pouco, à medida que a longa procissão avança até ao altar. E começa então a Eucaristia.

Os neófitos participam pela primeira vez na Oração universal, dizem pela primeira vez com os outros fiéis a Oração dominical, comungam pela primeira vez o Corpo de Cristo. Imaginemos a sua grande alegria e pensemos como ela seria incompleta se eles tivessem de ficar à porta da casa do banquete.

Voltemos ao presente. Decerto compreendemos agora um pouco melhor o valor da restauração feita pela Igreja do catecumenado em várias etapas. A Eucaristia em que os novos baptizados participam pela primeira vez introdu-los no centro da festa. Ela é o sacramento por excelência da iniciação cristã e de toda a vida do baptizado. Como não cantar, dar graças, louvar e bendizer ao Senhor? O Espírito que lhes é dado, faz de cada novo cristão um cantor do mundo. A Eucaristia em que ele irá participar cada domingo será o seu mais belo cântico até ele próprio se tornar um dia Eucaristia.

«Sepultados na morte com Cristo, pelo baptismo, a fim de que, como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai, nós vivamos também de uma vida nova, a partir de agora considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus» (Rom 6, 4. 11). A vida do baptizado é uma vida nova. Os ritos da iniciação cristã celebrados na antiga basílica romana, antioquena ou bracarense, esses ritos que a nossa época redescobriu e a reforma litúrgica nos colocou entre as mãos, exprimem-no com clareza.

### 5.5 — O tempo da mistagogia

Os sacramentos da iniciação foram o último passo do catecúmeno. A Noite Pascal foi a noite da plenitude. O novo cristão não tem mais nada para receber da Igreja. Ela deu-lhe a totalidade do Dom. Os últimos a abeirar-se da mesa do Senhor passaram a ser iguais aos que já o faziam há longos anos.

Mas o neófito vai ter necessidade da ajuda da comunidade para assimilar bem a grandeza dos dons que recebeu, para deles tomar consciência e os agradecer. Isso tem lugar no *tempo da mistagogia*, que dura cinquenta dias e ocupa as sete semanas do tempo pascal. É então que o neófito experimenta com alegria, gosto e sabedoria espiritual o sentido da vida que a fé nos dá, descobre o significado dos ritos litúrgicos realizados na noite da iniciação e das relações fraternas adquiridas na comunidade.

Estes cinquenta dias a seguir à Páscoa manifestam bem que na consciência da Igreja, tão importante como preparar-se para receber o dom de Deus, é reconhecer esse dom, é inventariar as suas riquezas, é saboreá-lo, é apropriar-se dele em acção de graças.

Quem ajuda o neófito a fazer essa descoberta e a saboreá-la é a frequência dos sacramentos e a própria comunidade, que com ele participa, cada domingo, nas chamadas *Missas dos neófitos*, enriquecidas com leituras especialmente apropriadas à sua condição (38-40).

O Ritual sugere que no fim do tempo pascal, nas proximidades do domingo de Pentecostes, se faça uma celebração litúrgica especial, acompanhada de festa externa (237), para que a alegria da comunidade seja ainda mais completa.

## CONCLUSÃO

Os novos ritos da Iniciação Cristã dos Adultos não são inovação da Igreja, mas apenas a tradução para os tempos de hoje de uma tradição catequética e litúrgica milenar. Aquilo que maior realce recebe no novo Ritual é o projecto de vida cristã que lhe está subjacente, é a redescoberta da iniciação como processo de integração progressiva na comunidade, é o valor reconhecido à Palavra de Deus como desafio que permanentemente é feito ao candidato, nas várias etapas, para a acolher

gradualmente e gradualmente lhe responder e corresponder, é a afirmação cem vezes repetida de que a comunidade local é parte interessada e actuante na obra da iniciação, pelo que deve ser sinal de fé e de conversão para o candidato.

«Sereis minhas testemunhas» (Act 1, 18), foi a última palavra de Jesus, a sua última recomendação aos Apóstolos antes de subir ao céu. Depois da Ascensão aconteceu o Pentecostes, do qual derivou toda a luz para os ajudar a entrar na Páscoa do Senhor, a viverem do seu Espírito, a comungarem da sua Eucaristia.

Como eles, cada homem que descobre e encontra hoje Jesus, na fé, é convidado a fazer idêntica experiência, o que supõe sempre uma iniciação semelhante àquela que eles próprios tiveram. Este novo Ritual é o programa dessa iniciação.

Neste Ritual-programa há que distinguir o *caminho espiritual, moral e litúrgico* a percorrer pelo catecúmeno, necessariamente demorado e que lhe exige muita determinação e à comunidade cristã em que ele está inserido clara consciência da sua responsabilidade, do *método* que se utiliza para fazer dele um verdadeiro discípulo de Cristo.

Tal método não é novo. A Igreja primitiva conheceu-o e utilizou-o. As ciências humanas dos nossos dias apontam-no como aquele que dá melhores resultados. Ele tem em conta que o homem é um todo formado de inteligência e coração, e que só tocando-o a esses dois níveis, se consegue fazer obra séria, honesta e com hipóteses de permanecer.

Por outro lado, a Igreja crê que a descoberta da fé e a progressiva adesão à vida cristã é consequência simultânea da liberdade do catecúmeno e da acção misteriosa mas real de Deus, através da liturgia.

Desta dupla convicção é sinal o método agora proposto, segundo o qual a mensagem cristã deve ser apresentada de forma progressiva, adaptada à idade, mentalidade e capacidade espiritual do candidato, ao longo de tempos e degraus sucessivos, marcados por ritos litúrgicos que garantem a intervenção constante de Deus em todo esse processo catecumenal.

Este Ritual é a prova de que a Igreja redescobriu tal método como o caminho mais idóneo para uma catequese verdadeira e profunda, que leve a viver o mistério de Cristo e a conformar a vida com o Evangelho. Pensamos que ele irá sendo descoberto por nós todos como resposta a outras situações (v. g. catequese de adultos, de jovens e de crianças, retiros espirituais, etc.) em que a liturgia deve aparecer como elemento integrante a acompanhar toda a catequese ou reflexão teológica,

bíblica ou pastoral, e não apenas no fim e desligada dessa mesma reflexão. Tocar o homem todo, na sua inteligência e coração, significa dar à exposição doutrinal e à celebração litúrgica, em cada caso concreto, a importância e o lugar complementares que este Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos lhes reconhece e nos apresenta como ideal a conseguir, utilizando até, quando se achar conveniente, devidamente integrados, muitos dos elementos que ele contém.

Por tudo isso pensamos que o interesse deste Ritual ultrapassa bastante as dimensões que o seu título sugere.

P. LEÃO CORDEIRO

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados:

*Os Rituais*

Celebração do Baptismo das Crianças  
Iniciação Cristã dos Adultos

*As Revistas*

Ephemerides Liturgicae (1974)  
La Maison-Dieu 110 (1972)  
Notitiae (1972)  
Phase (1976)  
Rivista Liturgica (1979)

*Os livros*

Quand l'Église baptise un enfant (Cerf)  
Le livre des sacrements (Centurion-Cerf).

# A Iniciação Cristã dos Adultos no novo Ritual

## INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II pediu a restauração do catecumenado dos adultos de modo a que se pudesse dar a conveniente instrução e se santificasse este tempo por meio de ritos sagrados <sup>(1)</sup>. E no Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja exorta a que «*aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenado, mediante a celebração de cerimónias litúrgicas*», e acrescenta: «*o catecumenado não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã*» <sup>(2)</sup>. Por isso, recomendou a criação de ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, que introduzissem os catecúmenos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus <sup>(3)</sup>.

O novo Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos <sup>(4)</sup> foi organizado de modo a que os ritos que o integram ajudem os que tomam o caminho da fé e da conversão na sua preparação para receberem com fruto os próprios sacramentos da Iniciação Cristã <sup>(5)</sup>. «*A iniciação dos catecúmenos faz-se à maneira de uma caminhada progressiva*» e «*o ritual da iniciação acomoda-se ao caminho espiritual dos adultos*» <sup>(6)</sup>. A caminhada consta de vários *degraus, passos* ou *portas* que conduzem a tempos próprios e característicos da iniciação cristã. Esta é como um tempo de noviciado, caracterizado não tanto pela aprendizagem dogmática, moral ou litúrgica, mas sobre-

<sup>(1)</sup> Cfr. *Constituição Litúrgica*, 64.

<sup>(2)</sup> *A Actividade Missionária da Igreja*, 14.

<sup>(3)</sup> *Idem*, 14.

<sup>(4)</sup> *Iniciação Cristã dos Adultos*, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1979).

<sup>(5)</sup> *Iniciação Cristã dos Adultos* (= ICA), 1.

<sup>(6)</sup> ICA 5.



tudo como um caminho e um tempo de crescimento na Igreja local, marcado por acções litúrgicas.

As duas grandes linhas condutoras da iniciação cristã, em qualquer das suas fases, são a *iniciativa de Deus* e a *livre resposta do homem*. É à volta destes elementos que se desenvolvem os diferentes ritos, que de algum modo expressam o duplo movimento e cooperação do homem com a graça (?). Entre a iniciativa de Deus e a resposta do homem encontra-se a *presença constante da comunidade* que em nome de Deus chama, e em nome do homem responde. Tudo isto o realiza e expressa a Igreja na celebração dos ritos da iniciação cristã, mediante o ministério da palavra, da oração, da ajuda fraterna e do exemplo de vida cristã.

## 1 — RITO DA ADMISSÃO OU INSTITUIÇÃO DOS CATECÚMENOS

É este o primeiro rito da iniciação cristã. Realiza-se após a primeira evangelização e marca o início da fé em Cristo Salvador<sup>(8)</sup>.

Antes de mais, este rito é celebrado *«fora da porta da Igreja ou no átrio ou na entrada, ou ainda numa parte apropriada da mesma Igreja ou, finalmente, conforme os casos, noutra lugar adequado fora da Igreja»*<sup>(4)</sup>. Do diálogo inicial o essencial encontra-se nas duas perguntas e sua respectiva resposta:

*«Que vens pedir à Igreja de Deus?*

*A fé. (ou: ser admitido na Igreja)*

*Para que serve a fé?*

*Para alcançar a vida eterna»*<sup>(10)</sup>.

Em seguida, é proposto aos candidatos um caminho a seguir, assim descrito:

*«Deus comunica a sua luz a todo o homem que vem a este mundo... Vós seguistes a sua luz; e assim, agora, se abre para vós o caminho do Evangelho: ... e isto é o ponto de partida de tudo o mais; sois guiados pela luz de Cristo... e, apoiando cada vez mais n'Ele vossa vida, n'Ele acreditais de todo o coração. Aqui tendes traçado, em breves palavras, o caminho da fé. Por esse caminho Cristo vos há-de conduzir, na caridade, à posse da vida eterna»*<sup>(11)</sup>.

(?) Cfr. J. ORIOL, *El nuevo rito de la iniciación cristiana de adultos* in *Phase* 12 (1972) 295.

(8) Cfr. ICA 68.

(9) ICA 73.

(10) ICA 75.

(11) ICA 76.

Os candidatos prometem seguir por este caminho e na sua resposta se encontra a primeira fórmula de adesão à Igreja.

Para que os candidatos não se percam ou venham a desanimar na sua caminhada, estes são apresentados à Igreja pelos arantes que, juntamente com a comunidade dos fiéis, se comprometem a ajudá-los a encontrar e a seguir a Cristo<sup>(12)</sup>.

Segue uma oração de acção de graças pelo dom da vocação à vida cristã: *Graças Vos damos... porque de muitas maneiras os preparastes e lhes batestes à porta, e assim eles Vos procuram, e porque hoje os chamastes e eles Vos responderam diante de Vós*»<sup>(13)</sup>.

Recebem, em seguida, o sinal da cruz na fronte com um apelo: *«Aprende agora a conhecê-l'O e a segui-l'O»*<sup>(14)</sup>. Podem, igualmente, receber a signação dos sentidos, cujo sentido é expresso pelas palavras que acompanham o rito:

*«Recebei o sinal da Cruz nos ouvidos, para ouvirdes a voz do Senhor. Recebei o sinal da cruz na boca, para responderdes à palavra de Deus. Recebei o sinal da Cruz no peito, para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração. Recebei o sinal da Cruz nos ombros, para levardes o jugo de Cristo, que é suave»*<sup>(15)</sup>

O rito da signação é ainda enriquecido com uma oração, a mais antiga das quais<sup>(16)</sup>, a nossa primeira do Ritual, faz referência ao poder salvador da Cruz do Senhor e aos inícios da glória da regeneração espiritual do Baptismo<sup>(17)</sup>.

Só a partir deste momento é que os catecúmenos, seu novo nome, são convidados a entrar na Igreja: *«Entrai na Igreja e tomai parte connosco na mesa da palavra de Deus»*<sup>(18)</sup>.

O primeiro rito a realizar dentro da Igreja é a celebração da palavra de Deus. A Deus pertence a primeira palavra. Na primeira leitura é apresentada a vocação de Abraão, pai na fé, que deixou a sua terra e partiu para o país que o Senhor lhe indicou. O salmo responsorial proclama a eleição divina dos catecúmenos: *«Feliz o povo que o Senhor escolheu para Sua herança»*. O Evangelho descreve a vocação dos dois primeiros discípulos que, atendendo ao testemunho de João Baptista,

---

<sup>(12)</sup> Cfr. ICA 77.

<sup>(13)</sup> ICA 82.

<sup>(14)</sup> ICA 83.

<sup>(15)</sup> ICA 85.

<sup>(16)</sup> *Liber Sacramentorum Romanae Ecclesiae Ordinis Anni Circuli* (Sacramentarium Gelasianum); ed. L. C. MOHLBERG = RED, Series maior, Fontes IV, Casa Editrice Herder (Roma 1968), n. 286.

<sup>(17)</sup> Cfr. ICA 87.

<sup>(18)</sup> ICA 90.

deixaram de ser seus discípulos para seguir Jesus e permanecer com Ele.

À Homília seguem a Entrega do livro dos Evangelhos<sup>(19)</sup> e as preces pelos catecúmenos, onde se evoca a longa caminhada já realizada e se pede «*para que possam percorrer o grande caminho que ainda lhes resta*»<sup>(20)</sup>.

A oração conclusiva recorda as grandes linhas condutoras da celebração: a iniciativa de Deus e a resposta do homem, ajudado pela comunidade dos fiéis<sup>(21)</sup>.

Mediante este rito os «*simpatizantes*» da vida cristã são recebidos na comunidade dos fiéis, onde passam a ser chamados catecúmenos, por aspirarem ao Baptismo. Este é o primeiro «*degrau*», «*passo*» ou «*porta*» que conduz ao tempo do catecumenado. Este «deverá prolongar-se o tempo necessário para que a sua conversão e a sua fé possam adquirir a conveniente maturidade»<sup>(22)</sup>.

Durante este tempo os catecúmenos «*são introduzidos na vida de fé, na vida litúrgica e na vida de caridade do povo de Deus*»<sup>(23)</sup>. As acções litúrgicas previstas para este tempo são as celebrações da palavra de Deus, exorcismos menores, e, eventualmente, as tradições do Símbolo e da Oração dominical, bem como o rito do *Ephpheta* no caso de estes virem a ser antecipados do «*tempo da purificação*» para este «*tempo do catecumenado*»<sup>(24)</sup>.

As **Celebrações da Palavra de Deus** destinadas aos catecúmenos têm por finalidade:

- «1. *Gravar no espírito a doutrina ensinada.*
2. *Ensinar a saborear os aspectos e os caminhos da oração.*
3. *Explicar aos catecúmenos os sinais, as acções e os tempos do mistério litúrgico.*
4. *Introduzi-los pouco a pouco no culto de toda a comunidade*»<sup>(25)</sup>.

Estas celebrações podem fazer-se depois da catequese<sup>(26)</sup>, mas convém iniciar os catecúmenos em ordem à satisfação do Domingo, e como tal deve-se-lhes oferecer a possibilidade de participarem na liturgia da palavra da missa dominical da comunidade<sup>(27)</sup>.

---

<sup>(19)</sup> Cfr. ICA 93.

<sup>(20)</sup> ICA 94.

<sup>(21)</sup> Cfr. ICA 95.

<sup>(22)</sup> ICA 98.

<sup>(23)</sup> ICA 98.

<sup>(24)</sup> Cfr. ICA 125-126.

<sup>(25)</sup> ICA 106.

<sup>(26)</sup> Cfr. ICA 108.

<sup>(27)</sup> Cfr. ICA 107.

Os **Exorcismos menores** são orações que invocam a ajuda de Deus para o catecúmeno. Descrevem a situação conflituosa do homem que respondendo ao apelo de Deus, procura viver a vida cristã e prepara-se para percorrer o caminho dos justos, onde encontra as bênçãos do reino, na vitória do espírito sobre a carne e no cultivo das virtudes<sup>(28)</sup>.

As **Bênçãos dos Catecúmenos** são orações de bênção e despedida para usar no fim das celebrações da palavra, no fim das reuniões de catequese ou até em particular. Recordam o apelo de Deus à conversão e ao Baptismo, e a necessidade da resposta do catecúmeno, que o conduzirão à regeneração espiritual<sup>(29)</sup>.

## 2 — RITO DA ELEIÇÃO OU DA INSCRIÇÃO DO NOME

Após o tempo necessário a uma catequese completa, o catecúmeno que deseja receber os sacramentos na próxima solenidade pascal deve fazer uma preparação próxima. A entrada neste tempo chamado de «*purificação e iluminação*» realiza-se mediante o rito da «*eleição*» ou da «*inscrição do nome*», que por sua vez encerra o catecumenado. Normalmente este rito faz-se no primeiro Domingo da Quaresma.

O rito realiza-se depois da liturgia da palavra, seguida de Homilia, e começa com a *apresentação dos candidatos* que «*confiados na graça divina e ajudados pela oração e exemplo da comunidade, vêm pedir para serem admitidos aos sacramentos do Baptismo, da Confirmação e da Eucaristia*»<sup>(30)</sup>.

Segue um interrogatório feito aos padrinhos sobre a vida dos catecúmenos. A seriedade do acto é realçada pela proposta:

«*A Santa Igreja de Deus deseja ter a certeza de que estes catecúmenos estão preparados para serem admitidos no número dos eleitos que vão celebrar a iniciação cristã nas próximas solenidades pascais*»<sup>(31)</sup>. O interrogatório versa sobre três pontos fundamentais da vida cristã que o catecúmeno deve ter observado durante o tempo do catecumenado:

— «*Foram fiéis em escutar a palavra de Deus que a Igreja lhes anunciou?*

— «*Começaram a pôr em prática a palavra que escutaram, vivendo sob o olhar de Deus?*

---

(28) Cfr. G. ARAUD, *A liturgia do catecumenato*, em J. GELINEAU, *Em Vossas Assembleias*, 2—*Pastoral dos Sacramentos*, ed. Paulinas (S. Paulo 1974) pp. 20-21.

(29) Cfr. ICA 119-124.

(30) ICA 143.

(31) ICA 144.

— *Viveram em comunhão fraterna e entregues à oração?*» (32).

Perante o bom testemunho da comunidade, sobretudo representada nos padrinhos e catequistas, os catecúmenos são convidados a manifestar a sua vontade decisiva de receber os sacramentos da iniciação cristã e a fazer a *inscrição do nome*. Este rito é realizado e explicado com a fórmula de admissão ou eleição:

«*Fostes eleitos para receber os sacramentos da iniciação cristã na próxima Vigília Pascal*» (33).

Seguem-se preces pelos eleitos e uma oração final. É de salientar da fórmula de despedida o voto da Igreja:

«*Começastes connosco esta caminhada da Quaresma. Cristo será para Vós o Caminho, a Verdade e a Vida. Agora ide em paz e o Senhor vos acompanhe*» (34).

## 2.1 Ritos do tempo da purificação e da iluminação

### 2.1.1 — *Escrutínios*

A palavra faz-nos recordar algo como votações. Porém, não esqueçamos que as votações servem para revelar a vontade pessoal que se encontra no íntimo do coração. Neste sentido os escrutínios de que nos ocupamos são o acto pelo qual Deus, por meio da liturgia da Igreja, escruta ou perscruta e penetra no íntimo dos corações dos catecúmenos para os provar, purificar e libertar do mal (35).

«*Os escrutínios têm uma finalidade sobretudo espiritual e realizam-se por meio dos exorcismos*» (36). «*Destinam-se à libertação do pecado e do demónio e ao fortalecimento em Cristo que é o caminho, a verdade e a vida*» (37).

O característico dos escrutínios é o rito do exorcismo que liberta os eleitos das consequências do pecado e da influência diabólica, e os robustece para prosseguirem a sua caminhada, abrindo o coração aos dons do Salvador. Para despertar tal desejo de purificação e redenção celebram-se três escrutínios devidamente inseridos na Missa dos escrutínios (nos III, IV e V Dom da Quaresma com as leituras do ciclo A, que podem ser transferidas para outros dias).

(32) ICA 144.

(33) ICA 147.

(34) ICA 150.

(35) Cfr. G. ARAUD, *op. cit.*, p. 23.

(36) ICA 154.

(37) ICA 25,1.

Os escrutínios visam impregnar o espírito do sentido de Cristo que é a água viva (Samaritana), a luz (cego de nascença), a ressurreição e a vida (ressurreição de Lázaro) <sup>(38)</sup>.

#### 2.1.1 a) *Primeiro Escrutínio*

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a situação do povo de Deus no deserto sem água para sobreviver. Deus está com os seus e envia-lhes água saída dum rochedo fustigado. O Salmo Responsorial convida a evitar a actitude do povo rebelde: «*Escutai hoje a voz do Senhor, não fecheis o vosso coração*» <sup>(39)</sup>. A II leitura fala da justificação pela fé e do amor de Deus derramado nos nossos corações, mediante o Espírito Santo. Encerra uma particular importância para os eleitos a ideia do Apóstolo de que «*o nosso orgulho é ter a esperança de participar na glória de Deus*» <sup>(40)</sup>. A aclamação ao Evangelho é transformada em prece: «*Senhor, Vós sois o Salvador do mundo: dai-nos a água viva, para não mais termos sede*». E é esta água viva, que é Cristo, que o Evangelho da Samaritana nos apresenta: «*aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente a jorrar para a vida eterna*» <sup>(41)</sup>. O final do Evangelho, colocado na boca dos samaritanos é importante para os eleitos: «*nós próprios ouvimos, e sabemos que Ele é, na verdade, o salvador do mundo*» <sup>(42)</sup>. Desta forma os eleitos são convidados a prosseguir a sua caminhada à procura de Cristo que saciará a sua sede de verdade.

Após a Homilia e as preces pelos eleitos, seguem as **orações de exorcismo**, característica do escrutínio. Nelas se comparam os eleitos à Samaritana: ambos procuram a água e junto do poço se encontram com a água da vida. Ambos têm sede de verdade e em Cristo se encontram com a verdade. O essencial do escrutínio, como escrutinação ou penetração de Deus no coração do eleito é formulado com estas palavras: «*(os eleitos) abrem confiadamente o seu coração, para mostrarem as suas manchas e descobrirem as feridas ocultas. Por vosso amor, libertai-os das suas enfermidades, dai-lhes saúde, que estão doentes, dessedentai-os, que têm sede, e dai-lhes a vossa paz (...). No Espírito Santo mostrai o caminho aos vossos eleitos para caminharem para o Pai e O poderem adorar em verdade*» <sup>(43)</sup>.

<sup>(38)</sup> Cfr. ICA 157-159.

<sup>(39)</sup> Sal 94, 7. 8.

<sup>(40)</sup> Rom 5, 2.

<sup>(41)</sup> Jo 4, 14.

<sup>(42)</sup> Jo 4, 42.

<sup>(43)</sup> ICA 164.



### 2.1.1 b) Segundo Escrutínio

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a eleição e a consagração de David como rei de Israel para apascentar o povo de Deus. O Salmo Responsorial apresenta o Senhor como o pastor que conduz o seu povo. A II leitura convida a viver como filhos da luz: «Desperta, tu que dormes, levanta-te do meio dos mortos, e Cristo brillará sobre ti»<sup>(44)</sup>. Cristo é de facto a luz do mundo como proclama a aclamação ao evangelho: «Eu sou a luz do mundo, quem me segue terá a luz da vida»<sup>(45)</sup>. O Evangelho apresenta a cura do cego de nascença, figura do estado espiritual dos eleitos, que, como o cego de nascença, são convidados a lavar-se para poderem ver: «Jesus fez lodo, untou-me os olhos com ele e disse-me: 'vai lavar-te à Piscina de Siloé'. Eu fui, lavei-me e comecei a ver»<sup>(46)</sup>. As **orações do exorcismo** relacionam o Evangelho com a vida dos eleitos:

«(Pai de infinita misericórdia, que) destes ao cego de nascença a fé em vosso Filho para que entrasse no reino da vossa luz, fazei que os vossos eleitos... sejam libertados das ilusões que os envolvem e os cegam... para se tornarem filhos da luz»<sup>(47)</sup>. Realizando nos eleitos a cura da cegueira de nascença eles hão-de tornar-se, como o cego do Evangelho, «firmes e corajosas testemunhas da fé»<sup>(48)</sup>.

### 2.1.1 c) Terceiro Escrutínio

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a profecia da ressurreição: «vou abrir os vossos túmulos; deles vos farei ressuscitar... Porei o Meu Espírito em vós: haveis de viver, e Eu vos fixarei na vossa terra»<sup>(49)</sup>. O Evangelho anuncia o início da realização da profecia: Cristo é a ressurreição e a vida e quem n'Ele acredita não morrerá. A segunda leitura explica e garante a ressurreição dos eleitos: «Deus, que dos mortos ressuscitou Cristo Jesus, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito, que habita em Vós»<sup>(50)</sup>. As **orações do exorcismo** pedem ao Pai, fonte da vida eterna, que realize nos eleitos a promessa da ressurreição «para que recebam

<sup>(44)</sup> Ef 5, 14.

<sup>(45)</sup> Jo 8, 12 b.

<sup>(46)</sup> Jo 9, 11.

<sup>(47)</sup> ICA 171.

<sup>(48)</sup> ICA 171.

<sup>(49)</sup> Ez 37, 12. 14.

<sup>(50)</sup> Rom 8, 11.

...o ressuscitado e dela possam dar testemunho»<sup>(51)</sup>. Depois  
Lázaro: «Livrai da morte os que buscam a vida nos vossos sacramentos...  
e, pelo vosso Espírito que dá a vida, comunicai-lhes a fé, a esperança e a caridade,  
para que... participem da glória da vossa ressurreição»<sup>(52)</sup>.

### 2.1.2 — Tradições

As tradições consistem na entrega aos eleitos dos antiquíssimos documentos da fé e da oração da Igreja. A finalidade deste rito é a iluminação dos eleitos com os textos que são como que o compêndio da sua fé e da sua oração. As principais tradições são a do Símbolo e a da Oração dominical.

#### 2.1.2 a) A tradição do Símbolo

Antes de professarem a sua fé os eleitos devem aprender de cor o Símbolo. Por isso é-lhes entregue na semana que segue ao primeiro escrutínio, se não tiver já sido entregue no catecumenado<sup>(53)</sup>.

O rito é inserido numa liturgia da palavra:  
**I leitura** (Deut 6, 1-7): «Escuta, Israel: amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração».

**Salmo Resp.:** «Senhor, Vós tendes palavras de vida eterna».

**II leitura** (Rom 10, 8-13): «Podeis salvar-vos pelo Evangelho, se o conservardes como eu vo-lo anunciei».

**Evangelho:** a profissão de fé de Pedro: «Tu és o Messias» (Mt. 16, 13-18), ou a fé em Cristo como enviado do Pai: «As palavras que Eu digo, digo-as, pois, como o Pai Mas disse a Mim» (Jo 12, 44-50).

A entrega ou tradição do Símbolo é introduzida com estas palavras: «Escutai as palavras da fé, daquela fé que vos dará a justificação. São poucas essas palavras, mas encerram grandes mistérios. Recebei-as com sinceridade e guardai-as no coração»<sup>(54)</sup>. A propósito, S. Cirilo de Jerusalém dizia aos seus eleitos: «Não quero que os escrevais (os dogmas) em papel, mas que os graveis na memória do vosso coração. Cuidai também que, ao meditardes o que vos foi transmitido, nenhum catecúmeno o escute»<sup>(55)</sup>.

<sup>(51)</sup> ICA 178.

<sup>(52)</sup> ICA 178.

<sup>(53)</sup> Cfr. ICA 184.

<sup>(54)</sup> ICA 186.

<sup>(55)</sup> *Catequeses pré-baptismais*, V, 12: ed. Vozes (Petrópolis 1978), p. 69.

À entrega, por recitação, segue-se uma oração sobre os eleitos que explica a finalidade do rito:  
«Dai-lhes a ciência verdadeira, a esperança firme e a santa doutrina, para que se tornem dignos de chegarem à graça do Baptismo»<sup>(56)</sup>.

#### 2.1.2 b) A tradição da Oração dominical

«Desde a antiguidade a Oração dominical é a oração própria daqueles que, pelo Baptismo, receberam o espírito de adopção de filhos»<sup>(57)</sup>. Para que os neófitos a possam rezar na primeira celebração da Eucaristia, esta oração deve-lhes ser entregue dentro da semana que segue ao terceiro escrutínio<sup>(58)</sup>.

A celebração da entrega (tradição) segue à liturgia da palavra sobre a paternidade divina, o Espírito da adopção filial, e a oração que Cristo ensinou. A oração sobre os eleitos refere-se à filiação divina dos eleitos. Ao Deus que faz crescer a Igreja com o nascimento de novos filhos, pede-se o aumento de fé e de compreensão para os eleitos «para que, uma vez renascidos na fonte baptismal, sejam contados entre os vossos filhos adoptivos»<sup>(59)</sup>.

#### 2.1.3 — A redição do Símbolo

Este rito faz parte dos preparativos do Sábado Santo para a profissão de fé baptismal. Consiste na recitação do Símbolo que deve ter sido aprendido de memória, e é integrado numa celebração da palavra.

#### 2.1.4 — O rito do «Ephpheta»

«Por meio deste rito inculca-se a necessidade da graça, para que alguém possa escutar a palavra de Deus e professá-la em ordem à salvação»<sup>(60)</sup>. Consiste em tocar com o polegar nos ouvidos e na boca dos eleitos com estas palavras:

«Ephpheta, quer dizer, abre-te, para professares a fé que ouviste, em louvor e glória de Deus»<sup>(61)</sup>.

<sup>(56)</sup> ICA 187.

<sup>(57)</sup> ICA 188.

<sup>(58)</sup> Cfr. ICA 189.

<sup>(59)</sup> ICA 192.

<sup>(60)</sup> ICA 200.

<sup>(61)</sup> ICA 202.

### 2.1.5 — A unção com o óleo dos catecúmenos

Este rito faz parte dos preparativos do Sábado Santo, e é transferido da Vigília pascal para aliviar a celebração do Baptismo. A finalidade desta unção no peito, ou nas mãos, ou noutras partes do corpo, é descrita na benção do óleo:

*«Senhor, ... que do óleo fizestes sinal de vigor, ... concede a fortaleza aos catecúmenos que vão ser com ele ungidos, para que reconhecendo ... a força do alto, compreendam melhor o Evangelho ... e se entreguem com grandeza de ânimo aos trabalhos da vida cristã»* <sup>(62)</sup>.

Pela unção é significada a necessidade da força divina que ajuda o baptizando a superar os obstáculos da vida passada e a vencer os ataques do demónio <sup>(63)</sup>. É ungido antes do Baptismo para estar apto a enfrentar o inimigo na batalha do baptismo de morte ao pecado para a vida da graça.

## 3 — A CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

A celebração dos sacramentos da iniciação cristã constitui o último degrau da caminhada e a última porta de acesso à vida de comunhão com a Igreja. Mediante estes sacramentos os homens são libertados do pecado e configurados com Cristo, recebem o Espírito de adopção filial e celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor <sup>(64)</sup>. Pelo Baptismo são incorporados em Cristo pela regeneração espiritual. Pela Confirmação são assinalados com o dom do Espírito Santo e pela Eucaristia tomam parte da mesa do Corpo e Sangue de Cristo, penhor da vida eterna <sup>(65)</sup>.

### 3.1 — A celebração do Baptismo

*«O Baptismo é o sacramento da fé pela qual os catecúmenos aderem a Deus e ao mesmo tempo são por Ele regenerados»* <sup>(66)</sup>. Os ritos que precedem o

<sup>(62)</sup> ICA 207.

<sup>(63)</sup> Cfr. ICA 212.

<sup>(64)</sup> Cfr. *Preliminares Gerais da Iniciação Cristã* (PGIC), *Ritual do Baptismo das Crianças*, ed. Gráfica de Coimbra (Coimbra 1970), n. 1.

<sup>(65)</sup> Cfr. PGIC 2

<sup>(66)</sup> ICA 211.

Batismo, sobretudo a benção da água e a profissão de fé, são de preparação, mas estão intimamente ligados ao mesmo <sup>(67)</sup>.

### 3.1.1 — *A benção da água*

Após se ter invocado a ajuda de Deus e dos Santos na *Ladainha*, procede-se à benção da água com uma longa oração, onde se faz a comemoração das maravilhas de Deus desde o princípio do mundo e da criação do género humano: «*logo no princípio do mundo o vosso Espírito pairava sobre as águas, prefigurando o seu poder de santificar. Pelas águas do dilúvio destes-nos uma imagem do Baptismo, ... o fim do pecado e o princípio da santidade*». Invoca-se, seguidamente, o Baptismo de Cristo nas águas do Jordão e o lado de Cristo a brotar sangue e água, sacramentos da regeneração e da vida que nasce da morte do homem velho. E assim se introduz a prece: «*olhai agora, Senhor, para a vossa Igreja, e fazei que para ela jorre a fonte do Baptismo. Receba esta água, do Espírito Santo, a graça do vosso Filho, para que o homem, criado à vossa imagem, seja lavado, pelo sacramento do Baptismo, de todas as manchas do homem velho e ressuscite, da água e do Espírito Santo, para a vida nova de filho de Deus*» <sup>(68)</sup>.

### 3.1.2 — *A renúncia*

A renúncia a Satanás, suas obras e seduções para se poder beneficiar da liberdade dos filhos de Deus, ou seja, o deixar de servir o autor do mal e o pai da mentira para se dedicar ao autor do bem e ao pai da verdade, é solenemente proclamado na renúncia, que se detém nos aspectos negativos, pertencentes ao estado do homem velho.

### 3.1.3 — *A profissão de fé*

Por este rito os candidatos ao Baptismo manifestam a sua fé para nela serem baptizados. De facto é na fé que se é baptizado. S. Cipriano (+ 258) escrevia, a propósito: «*Na Igreja baptiza-se no Símbolo e com o Símbolo*» <sup>(69)</sup> e S. Basílio explica: «*Como se acredita no Pai, no Filho e no Espírito Santo, assim se baptiza no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*» <sup>(70)</sup>.

---

<sup>(67)</sup> Cfr. 28.

<sup>(68)</sup> ICA 215.

<sup>(69)</sup> *Epist.* 69, 7; CSEL, 3, 756.

<sup>(70)</sup> *De Spiritu Sancto*, 12; PG 32, 117.

A *Tradição Apostólica* (c. 215) de S. Hipólito de Roma atesta a tradição de se baptizar à medida que se ia fazendo a profissão de fé em cada uma das pessoas da Trindade<sup>(71)</sup>.

### 3.1.4 — O rito do Baptismo

«A ablução da água significa a participação mística na morte e ressurreição de Cristo»<sup>(72)</sup>. Por este rito o eleito é gerado para a vida divina e agregado aos filhos de Deus na Igreja. O Baptismo pode ser por imersão, quer de todo o corpo, quer somente da cabeça, ou por infusão, derramando a água sobre a cabeça<sup>(73)</sup>.

### 3.1.5 — Ritos explicativos

Ao Baptismo seguem alguns ritos explicativos:

a) **A unção com o crisma**, diferente da Confirmação, «significa o sacerdócio régio dos baptizados e a sua inserção na comunidade do povo de Deus»<sup>(74)</sup>, como diz a fórmula: «*agora que fazeis parte do seu povo, Ele vos unge com o Crisma da salvação, para que sejais eternamente membros de Cristo sacerdote, profeta e rei*»<sup>(75)</sup>. Este rito é suprimido quando segue a Confirmação.

b) **A imposição da veste branca** é o símbolo da nova dignidade do baptizado<sup>(76)</sup>: «*fostes revestidos de Cristo. Recebei a veste branca, e apresentai-a, sem mancha, no tribunal de nosso Senhor*»<sup>(77)</sup>.

c) **A entrega da vela acesa** ilustra a nova vocação do baptizado: «*agora sois luz em Cristo. Caminhai sempre como filhos da luz*»<sup>(78)</sup>.

## 3.2 — A celebração da Confirmação

É recomendação da Igreja que «*não se baptize o adulto sem que, imediatamente depois do Baptismo, receba a Confirmação, a não ser que obstem motivos graves*»<sup>(79)</sup>.

<sup>(71)</sup> Cfr. ed. Botte, pp. 48-50; ed. Vozes (Petrópolis 1971), pp. 52-53.

<sup>(72)</sup> ICA 32.

<sup>(73)</sup> (Cfr. ICA 220-221.

<sup>(74)</sup> ICA 33.

<sup>(75)</sup> ICA 224.

<sup>(76)</sup> Cfr. ICA 33.

<sup>(77)</sup> ICA 225.

<sup>(78)</sup> ICA 226.

<sup>(79)</sup> ICA 34.



# **Boletim de Pastoral Litúrgica**

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

**18-19**

**ABRIL - MAIO - JUNHO - JULHO - AGOSTO - SETEMBRO  
DE 1980**

# BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro 3800 — Aveiro

Telef.: 034-22172

Condições de assinatura anual:

*Via Normal*

Continente, Ilhas e Espanha 130\$00

Outros países ... .. 200\$00

*Via Aérea:*

Estrangeiro... .. 250\$00

Número avulso ... .. 35\$00

---

**18-19** Abril - Maio - Junho - Julho - Agosto - Setembro de 1980

ANO V

Apresentação

Necessidade de uma Iniciação Cristã dos Adultos — *A. Gomes Dias*.

Apresentação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos — *P. Leão Cordeiro*

A Iniciação Cristã dos Adultos no novo Ritual — *Fr. Pedro Ferreira, OCD*

Noticiário

VI Encontro Nacional

Publicações litúrgicas.

---

Composto e impresso na Gráfica de Coimbra — 1000 ex.

*Este número duplo do Boletim é dedicado à iniciação cristã dos adultos e inclui uma parte dos temas tratados no VI Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que se realizou em Setembro passado no Santuário de Fátima.*

*A situação religiosa no nosso País, de que se tomou mais consciência a partir do recenseamento à prática dominical, e a publicação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, saído da reforma litúrgica do Vaticano II, dão a esta temática um interesse pastoral evidente.*

*Para a grande maioria dos nossos católicos, a iniciação faz-se nos primeiros meses da existência através do Baptismo. Passa totalmente despercebida a ligação íntima do Baptismo com a Eucaristia e a Confirmação — os três Sacramentos da iniciação cristã.*

*A própria Igreja é considerada fundamentalmente como organização social e não como «acontecimento institucional» — para usar a terminologia do recente acordo ecuménico do Grupo de Dombes — nem como o lugar da Aliança no qual os Sacramentos são simultaneamente dados e recebidos.*

*Neste contexto religioso, a reforma do Ritual do Baptismo dos Adultos, ordenada pelo Vaticano II, recria o catecumenado dos adultos*

*em vários graus, permitindo que a formação do tempo catecumenal se faça progressivamente com celebrações litúrgicas apropriadas.*

*Na exortação apostólica «Catechesi Tradendae», o Papa João Paulo II dá provas de ampla visão pastoral ao incluir, entre os catecúmenos de hoje, os adultos que, nascidos e educados em regiões ainda não cristianizadas, nunca puderam aprofundar a doutrina cristã; aqueles que receberam na sua infância uma catequese correspondente a tal idade, mas que depois se afastaram de toda a prática religiosa e se acham na idade madura com conhecimentos religiosos infantis; aqueles que se ressentem de uma catequese precoce, mal orientada e mal assimilada; e finalmente aqueles que, embora nascidos em ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na fé e são, na idade adulta, verdadeiros catecúmenos.*

*Neste quadro global e realista, encontramos grande parte dos batizados do nosso País. Só, pois, uma caminhada catecumenal feita segundo os critérios da Igreja e adaptado ao nosso meio poderá responder às necessidades de hoje.*



# Necessidade de uma Iniciação Cristã dos Adultos

## Apontamentos para análise

### 1. INTRODUÇÃO

O programa do VI encontro nacional explicita as motivações da sua temática, a saber: a urgência pastoral do País, a necessidade de apresentação do RICA (Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos) e a colaboração no esforço nacional para a pastoral do Domingo, que este ano incide sobre a construção das comunidades eclesiais, que integram a Igreja.

Neste âmbito, estas linhas pretenderão apenas *avivar a consciência para a necessidade da iniciação cristã dos adultos*.

Três breves anotações:

1.1 *Iniciação*, sociologicamente, iniciação afirma uma fase de transição, dum termo «a quo» para um termo «ad quem». Iniciação é, pois, a enculturação num grupo ou sociedade através da qual se cria a unidade social, com o objectivo *de defender, continuar ou manter as tradições*.

É ainda *um tempo-instrução* sobre as tradições, instituições, ritos e segredos do grupo, que até pode culminar com a mudança do nome à pessoa, como símbolo de total renascimento. Esta iniciação, enculturação e instrução pode estar, ou não, ligada a um determinado momento etário da pessoa <sup>(1)</sup>.

A Iniciação Cristã dos Adultos «destina-se àqueles adultos que, depois de terem escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam a Deus vivo e tomam o caminho da fé e da conversão» <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> *Antropologie*, Les Dictionnaires du Savoir Moderne, Paris, 1972. Cfr. também: La Maison Dieu (132) 1978; (133) 1978 dedicados à iniciação; Concilium 142, 1979/2.

<sup>(2)</sup> R. I. C. A. n. 1.

Num país dito cristão, caberá a publicação dum Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos? Falar e propor tal, não soará para uns a quase ofensa e para outros a sedução ou a um problema de luxo sem urgência?

Como ler a afirmação de Paulo VI: este anúncio destina-se «igualmente às multidões de homens que receberam o baptismo, mas vivem fora de toda a vida cristã»<sup>(3)</sup>? Ou ainda a frase do Papa João Paulo II: «e vai por fim para para aqueles que, embora nascidos em países cristãos, que o mesmo é dizer num ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na sua fé e são chegados à idade adulta, verdadeiros catecúmenos»<sup>(4)</sup>?

Efectivamente, a iniciação faz parte da vida, «coexiste com a condição humana» e «constitui uma dimensão específica da existência humana». É como a apresenta M. Eliade. E «quando este facto não aparece nas sociedades é preciso encontrar «os equivalentes funcionais» em certos comportamentos de passagem ou aprendizagem socialmente regulados»<sup>(5)</sup>.

O problema da iniciação cristã ou da re-iniciação *arranca desta situação: muitos baptizados e poucos evangelizados*. A iniciação, portanto, não se confina a idades ou tempos, é antes como uma escola à que a pessoa pode e deve voltar continuamente para atingir a maturidade da sua fé em Cristo: «até que cheguemos todos, à unidade da fé e do conhecimento dos filhos de Deus, ao estado do homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (Ef. 4, 11-16).

1.2 *Uma necessidade*. — Necessidade é uma força tendente a estabelecer ou a conservar determinada estrutura de relações ou interrelações sociais e espirituais. Toda a iniciação nasce das duas grandes necessidades de toda a pessoa ou grupo: a necessidade de conservação e afirmação de si próprios e a necessidade de expansão e abertura aos outros.

Ora verifica-se que toda a pessoa ou grupo rejeita instintivamente a morte social e procura a afirmação livre, autónoma e aberta.

É nesta perspectiva que a comunidade eclesial, como grupo primário e secundário que é, tentou ao longo dos tempos e continuará a tentar satisfazer tais necessidades através da iniciação cristã<sup>(6)</sup>.

1.3 *Uma comunidade mediadora* — A iniciação cristã dos adultos é um processo de evangelização que desemboca na comunidade cristã,

<sup>(32)</sup> «Evangelii Nuntiandi», Paulo VI, 1975, n. 52,

<sup>(4)</sup> «Catechesi Tradendae», João Paulo II, 1979, n. 44.

<sup>(5)</sup> Cfr. M. ELIADE, *Aspects du Mythe*, Paris, Gallimard, 1963, p. 244. Cf. M. ELIADE, *Naissances mystiques*, Paris, Gallimard, 1959, p. 274.

<sup>(6)</sup> Vários autores, *Educar II*, Salamanca, Sigueme, 1977, p. 205.



se ela já existe, ou na criação duma comunidade cristã, se ainda não existe. A normalidade da iniciação conduz à incorporação numa comunidade como termo «ad quem». Ela exigirá, por isso, uma aprendizagem em cada uma das dimensões da comunidade, a saber: a palavra, a celebração e o compromisso.

C. Floristan afirma mesmo: «só é possível um neo-catecumenado onde exista uma certa comunidade cristã, porque não se trata de uma cultura religiosa, mas da educação do sentido cristão que só uma comunidade de crentes pode dar» (7).

A comunidade histórica do aqui e agora é como o seio materno onde se gera a pessoa e se desenvolve. O facto comunitário é a matriz da evangelização, da celebração e do compromisso, isto é, entre a comunidade utópica e desejada deve existir sempre a *comunidade — mediadora real* como termo «ad quem». É precisamente nesta relação que nasce também a grande questão posta hoje ao nosso cristianismo: *se não existe um tecido comunitário, pode falar-se de iniciação cristã dos adultos?*

«Sem uma comunidade que o apoie, o catecumenado tem poucas possibilidades de sobreviver. Embora pareça exagero, atrevemo-nos a dizer que onde não haja comunidade nunca haverá catecumenado» (8). É este o nosso problema.

## 2. CONSTATAÇÕES — INDICADORAS DA NECESSIDADE DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS.

Fenómeno social é um acontecimento susceptível de descrição ou de análise científica, se para tal houver elementos. Genericamente, o fenómeno social é o facto social tal qual é observável, isto é, como uma rede complexa de relações mútuas e inter-relações. A Sociologia procura desvendar este género de relações sejam elas de harmonia, conflito ou mera influência. Tais relações são sociais, porque simultaneamente interiores e ligadas à consciência, e exteriores, apresentando assim uma *certa uniformidade observável* (9).

Todos os factos sociais são dinâmicos, já que as relações se situam no campo da acção. Em cada fenómeno se podem descobrir as várias

---

(7) L. M. e C. FLORISTAN, *Nuevas vías de pertenencia a la Iglesia*, Madrid, Morova, 1972, p. 41.

(8) Secretariado Diocesano de Catequeses, *El catecumenado de adultos*, Madrid, 1976, p. 28, n. 39-42.

(9) JEAN GOLFIN, *Les 50 mots de la sociologie*, Toulouse, Privat, 1972, p. 96.

dimensões da vida social, porque a sociedade como fenómeno global está presente em todos os factores, é omnipresente.

Apresenta-se o fenómeno da iniciação cristã dos adultos primeiramente sob o ângulo da sua negatividade, isto é, *da sua quase não existência, como fenómeno*. Esta perspectiva vai reforçar a necessidade aguda da sua criação entre nós. É uma apresentação intra-eclesial, o que vem limitar mais o campo. Ler, examinar e diagnosticar, eis o objectivo destas *constatações-indicadoras da necessidade* da I.C.A. entre nós.

2.1 *Uma viragem histórica, a decadência do catecumenado*. Nos séculos V e VI acontece uma viragem fundamental na iniciação cristã. Aumentou o interesse pelas crianças *já baptizadas* das famílias cristãs. Tal acontecia, porque a maioria da população do Império era tida como cristã. A instituição catecumenal perdeu significação. Acabou a minuciosa organização criada. Simplificou-se o catecumenado e apareceram novos ritos. Surgiram os padrinhos como instituição comprometida oficialmente na educação das crianças baptizadas. A catequese dos fiéis ficou assegurada pela pregação.

Seguindo o exemplo dos seus chefes, povos inteiros converteram-se após uma pregação sumária. S. Columbano e S. Bonifácio criaram um novo estilo. A pregação consistia numa instrução ampla, dada depois do baptismo. A solução era a inversa. Surgia, assim, um novo género de catequese. É esta a grande viragem histórica: em vez de uma catequese preparatória para o baptismo, a Igreja instituiu uma *catequese para adultos e crianças já baptizadas*. Mas o adulto, neste esquema, caiu pouco a pouco no esquecimento.

Constatamos, que esta viragem nos afecta hoje: há muitos sacramentalizados com os sacramentos da iniciação, mas não estão evangelizados. Esta situação nasceu da práxis pastoral e catequética que a Igreja realizou até há bem pouco tempo. Talvez a Igreja tenha cometido o erro prático de tornar «cristãs» grandes massas, sem a suficiente pedagogia e demasiado depressa com uma evidente preocupação quantitativa. E continua a mimar as crianças e é incapaz de conservá-las no seu seio quando adultas. Comprova-o o facto de 63% das crianças compreendidas entre os 6 e 11 anos, em 1962, assistirem à catequese, enquanto que os jovens desaparecem. Pela experiência que cada um tem da sua comunidade, da sua diocese e do país, parece claro que as instituições escolares, eclesiais e familiares são impotentes para deter este fenómeno. Podemos, pois, constatar a existência de um povo massivamente baptizado, 96%, entre nós, que recebe ideias, normas, gestos e objectivos *do ser cristão na infância*, sem contudo atingir a maturidade cristã.

Podendo esta situação caracterizar-se: por conhecimentos superficiais e desconexos e sem hierarquia; por ideias e comportamentos religiosos sem referências às realidades do homem, trabalho, sexo, dinheiro, política, relações humanas; por grandes sectores onde reina a ignorância, embora persista a fidelidade a certas práticas religiosas; pela permanência de tabús e moralismos que bloqueiam a fé fecunda, coerente e livre. Exemplificando: à pergunta que é a Igreja? eis as respostas obtidas numa pequena amostra, em duas paróquias: «é a casa de Deus, onde os cristãos se reúnem; casa de Deus, comunidade dos cristãos, massa de gente dirigida pelos padres que dizem o que a gente deve fazer e crer»<sup>(10)</sup>.

Este indicador histórico, a viragem na catequese apela para a necessidade da iniciação cristã dos adultos e para a sua práxis mais convincente entre nós.

2.2 *A problemática do catolicismo popular.* O Catolicismo popular é um facto. Pode ser descrito de várias maneiras, acentuando um ou outro aspecto. É um conjunto de mediações e expressões religiosas que têm os povos onde os gestos do catolicismo chegaram a ser canais espontâneos das vivências religiosas, como acontece no nosso país. «É uma certa forma de pertença religiosa, inseparável da cultura popular, que consiste pelo menos em dar um sinal público da sua ligação com a Igreja, nos momentos importantes da vida pessoal e familiar: o nascimento-batismo, casamento, «morte»<sup>(11)</sup>. O Sínodo em 1974 afirmava que a religiosidade popular cristã é uma tradição cristã profunda, que impregna a existência dos indivíduos, o contexto social e a mesma história dos povos. Todas as análises confessam o facto, embora insistam em aspectos diferentes.

Notam-se, contudo, aspectos negativos de origem diversa: de tipo ancestral, como a superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, feiticismo, ritualismo; deformações catequéticas, ignorância religiosa, sincretismo, reducionismo da fé, falta de sentido de pertença à Igreja...<sup>(12)</sup>. Tudo isto exige «uma constante depuração e clarificação e supõe não só uma pertença à Igreja como também uma vivência cristã e um compromisso com os irmãos — afirmam os documentos de Puebla. Este fenómeno também apela para a necessidade duma autêntica iniciação cristã dos adultos.

<sup>(10)</sup> Levantamento realizado pelos alunos de teologia pastoral do I.C.H.T. do Porto, 1976.

<sup>(11)</sup> PANNET, R. *Le Catholicisme populaire*, Paris, Centurion, 1974.

<sup>(12)</sup> A. GOMES DIAS, *Pastoral do Domingo*, 6, Lisboa, 1980, p. 18 ss.

2.3 *A débil vitalidade da paróquia.* A Igreja clericalizou-se. A vida pastoral centrou-se sobretudo nos padres. Os leigos não desempenham papeis específicos na cidade de Deus, nem como cristãos na cidade dos homens. Cultivam a passividade. A Liturgia perdeu o seu interesse, porque nem sempre se percebia. Talvez tudo isto seja mais real nas paróquias rurais, que das 4 323, são, entre nós, a maioria. A paróquia perdeu vitalidade. Diminuiu o seu carácter comunitário. Deixou de ser o centro da vida para ser apenas um centro de culto.

No encontro nacional da paróquia ousava-se perguntar: Em que grau são comunidades cristãs as nossas paróquias? São comunidades baptismais e eucarísticas? E acrescentava-se: «tenho um sentimento de temor porque esta questão pode desencadear uma certa agressividade, mas tenho enorme confiança porque a vossa presença parece significar desejo de renovação. Se a vossa resposta for afirmativa, a pastoral de iniciação ou catecumenal não tem sentido. Se, pelo contrário, for negativa, é urgente e necessária uma pastoral de iniciação e de re-iniciação entre nós» (13).

Creio a nossa situação muito semelhante a esta. Daí a necessidade da pastoral de iniciação. A diminuição de clero contribui para esta depauperação da paróquia, até porque tudo rodava à volta do clero como roda mestra. Esta diminuição conduz a uma pastoral de distribuição e portanto de consumo. E verificamos que em 1968 havia 4 899 sacerdotes seculares, enquanto que em 1978 eram apenas 3 565. E as esperanças cifram-se nos seguintes números: se em 1967 os seminaristas maiores eram uns 1006, dez anos mais tarde, eram apenas 348.

Esta constatação é importante, porque se verificam grandes correlações. Assim, onde o número de habitantes por paróquia aumenta, a prática diminui. E a nossa média neste campo vai de 500 a 12 000 habitantes por paróquia. O mesmo acontece com a presença do padre, que, ao atender 4 ou 5 paróquias, faz com que elas percam dinamismo e tenham igualmente uma quebra da prática religiosa.

Este indicador aviva a consciência para a necessidade da iniciação cristã de adultos no nosso país. É pois necessário que os leigos tomem a palavra do Evangelho. Estão nesta linha as assembleias dominicais sem padre.

---

(13) Parroquia urbana, present y futuro, Regalde R. L., art. El catecumenado en el origen y desarrollo de comunidades cristianas, Madrid, 1975, p. 197.

## 2.4 *Distanciamento entre práxis ritual-sacramental e vida*

Praticam-se actos para comunicar com o sagrado. Eles garantem a salvação. Multiplicam-se as missas e os sacramentos. Dão-se as pessoas a práticas religiosas exteriores, com imagens, gestos... parecendo-lhes que isso basta para se sentirem católicos autênticos.

Isto conduz a um dualismo preocupante: rito na Igreja e a vida cá fora. Busca-se o rito como garantia. A religião não tem o direito de influir na vida. Cava-se um fosso entre o domingo e os outros dias da semana, entre a igreja e a fábrica. O lugar da religião é a igreja e o da vida é cá fora. Surge a separação entre fé e a vida.

Este indicador aponta para o estudo da *autenticidade do grupo*. Medir-se-á tal autenticidade analisando as práticas religiosas e a consequente vida cristã.

*São factos eloquentes:*

— a *quase unanimidade das crianças nascidas são baptizadas*, 96%. O baptismo não distingue o crente do não-crente. A Igreja parece não querer superar o distanciamento entre a celebração do baptismo e a vida de muitos que o solicitam para as crianças.

— a *quase-unanimidade do matrimónio*, 90%, rito social que, no caso, legitima a convivência entre homem e mulher. Não faz distinguir entre os que querem ser sinal do amor de Cristo e os que pretendem ter uma situação meramente legalizada.

Três exemplos da vida ajudam-nos a penetrar na análise da autenticidade religiosa.

— *A separação da vida económica e o evangelho*: Esta vida económica é muitas vezes anti-evangélica, na maneira de conceber a propriedade privada sem limites, sem hipoteca ao bem comum; no modo de administrar os próprios bens das Igrejas, comunidades e congregações também estão ausentes critérios evangélicos...

— *a separação entre profissão e moral*: o importante é ser bom profissional, embora as normas elementares de ética humana e social possam ser omitidas. Os critérios de rentabilidade e eficácia consideram-se como supremos. Pode pois acontecer ser imoralmente um bom profissional.

— *A separação entre vida e política*: Pode chegar ao ponto de se julgarem muito bons cristãos e afirmar: «não me meto em política». Desvinculam-se do bem comum em vez de tentarem evangelizar a política <sup>(14)</sup>.

---

<sup>(14)</sup> GARAMENDI A., *Denuncia y anuncio proféticos en la pastoral de Hoy*, Madrid, PPC, 1972.

São três campos importantes da vida: a economia, a profissão e a política, que nos fazem compreender este distanciamento vital.

Semelhante distanciamento é efectivamente manifestado num pequeno inquérito realizado a 500 jovens na zona norte. Vejamos duas das perguntas: «julgas que podes ser bom cristão e rejeitar a doutrina da Igreja sobre o matrimónio»? «Quando vais ao cinema tens em conta algum critério religioso»? As respostas situam-se neste distanciamento entre a vida e a religião. Só 43% diziam *não* no primeiro caso e tinham algum critério religioso no segundo <sup>(15)</sup>.

Os resultados duma sondagem francesa de 1971 confirmam igualmente este distanciamento ao responderem a esta questão: «o facto de ter uma religião tem para si influência? «Na vida familiar, sim — 54%, não — 45%; na vida profissional sim — 27%, não — 67%; nas opiniões políticas, sim — 25%, não — 72%» <sup>(16)</sup>.

A tal respeito, já o Papa João XXIII (referindo-se às instituições cristãs), escrevia: «cremos que o motivo de tal fenómeno radica na falta de coerência entre o comportamento e a fé. É, pois de desejar que nelas se restaure a unidade de pensamento e do espírito a fim de que nos seus actos dominem simultaneamente a luz da fé e a força do amor» (P.T. n. 151). E acrescentava: «julgamos também que nos cristãos a ruptura entre a fé religiosa e a acção temporal resulta, pelo menos em parte, da falta de uma sólida formação cristã» (P.T. n. 153).

Esta constatação-indicadora do distanciamento provoca uma iniciação autenticamente cristã sólida.

## 2.5 *A maturidade psicológica e a maturidade religiosa*

As pessoas depois dos 20 anos são consideradas adultas e como tal tratadas em pastoral.

Autores como James, Allprot, Wiemens, Eroms ou Clark descreveram a maturidade religiosa ideal através de 10 rasgos significativos. A tentativa mais citada é a de Allprot. Carrier, contudo, reduz estes dez rasgos a três: o critério da extensão, objectivação e integração.

*Critério de extensão* significa a capacidade da religião para cobrir os sectores da cultura e o facto do cristão adulto desenvolver a sua cultura religiosa até cobrir a sua própria cultura e a sua experiência

---

<sup>(15)</sup> Levantamento realizado pelos alunos de Teologia Pastoral do I.C.H.T. em 1976.

<sup>(16)</sup> Todos os números de sondagens francesas referidos neste artigo foram extraídos do livro de R. PANNET, já citado.



vital. Só assim estará superada a ignorância ou a ruptura e a desproporção entre cultura profana e religiosa, como já dizia o Papa João Paulo VI, na O. A.: «os leigos devem assumir como sua tarefa própria a renovação da ordem temporal» (n. 48). E os nossos Bispos tantas vezes têm repetido: «é próprio dos leigos... como um dever... a actuação no domínio temporal, pela qual serão julgados quanto ao uso que hajam feito dos talentos com que Deus os dotou». (Perspectivas cristãs da R. da Vida Nacional, n.º 4).

*CrITÉRIO de objectivação* realça o facto da religiosidade atingir a capacidade de motivar a pessoa a nível de conhecimentos e tendências. Os interesses religiosos, incarnados na totalidade da existência humana, são como o suporte dinamizador da vida, atingindo uma concepção assim, convicções estáveis no campo religioso e a identificação com o grupo de pertença.

*CrITÉRIO de integração*, é um processo de absolutização que engloba dois movimentos: o conhecimento da relatividade dos valores contingentes, para os não considerar como absolutos, e o reconhecimento da relação de aceitação-submissão ao valor tido como absoluto.

A integração faz descobrir, aceitar e adoptar o esquema de relação entre os valores com clareza e actualidade e ainda todas as adaptações necessárias para conseguir uma personalidade equilibrada<sup>(17)</sup>.

Toda a maturidade real, observável, será uma aproximação da maturidade ideal. Comprovamos, contudo, uma inadequação entre idade psico-social de muitos crentes e a fé, porque na sua vida têm pensamentos, cargos, atitudes, adultos, enquanto que a sua fé está alicerçada em bases infantis. É também nesta dinâmica entre a não-maturidade e a maturidade a alcançar que se pode situar a necessidade da iniciação cristã dos adultos. Até porque toda a maturidade implica duração, tempo que entre no processo de tipo iniciático.

## 2.6 *A relação de pertença e várias tipologias*

Muitos estudos se debruçaram sobre a relação de pertença à comunidade-Igreja.

A relação de pertença consiste, segundo H. Carrier, «num dinamismo psicológico fundamental pelo que o fiel apreende a igreja, se sente mais ou menos comprometido, se identifica, cria motivações próprias,

---

(17) Vários autores, *Educar III*, Salamanca, Sigueme, 1966, p. 565.

participa nas suas actividades e no que inspira as suas escolhas, preferências e comportamentos»<sup>(18)</sup>.

Pertencer à Igreja está muito misturado com a pertença a toda uma *cultura envolvente*: as respostas típicas, sou cristão por tradição, porque me meteram nisto, porque vou à missa, por respeito humano, pelos meus pais... A situação de pertença acaba por ser *congénita às pessoas*. Será a tradição, a consciência ou a opção por Cristo e pela comunidade cristã, que motivam esta pertença? Embora reconhecendo diferentes graus de pertença, tudo isto é um alerta para a Igreja e chama a atenção para a iniciação.

Na sistematização desta relação de pertença inclui-se de facto uma ampla problemática difícil de apreender: o problema de praticar ou não praticar, a maior ou menor integração no grupo religioso, paróquia, a representação mental da própria pertença, a maior ou menor intencionalidade de pensar ou fazer o que pensa e faz a Igreja, o ser crente praticante, ou praticante não-crente etc.

Foi nestes parâmetros que se apresentaram várias categorias de fiéis. A primeira tipologia foi apresentada pelo Grupo de Sociologia das Religiões, em França. Baseando-se nos actos religiosos, apresentava quatro grupos:

- o grupo dos alheados da vida religiosa, afastados, dissidentes, desligados, caracterizados pela ausência dos actos de culto;

- o grupo dos conformistas, conformistas ocasionais, indiferentes, que realizam actos solenes ligados a momentos importantes da vida: nascimento, matrimónio, etc.;

- o grupo dos praticantes, participantes regulares, observantes, observantes regulares que praticam actos periódicos: semanais ou anuais, missa, confissão, comunhão;

- o grupo dos devotos, pessoas piedosas que realizam actos excepcionais ou frequentam outros, como a missa, comunhão, etc.<sup>(19)</sup>.

Outros estudiosos preferem falar de:

- católicos activos: que crêem, cumprem, participam e assumem responsabilidades;

- militantes, que assumem responsabilidades;

- praticantes, que crêem, cumprem, mas não participam;

- indiferentes, que cumprem irregularmente;

- afastados, que mal acreditam, aparecem nos quatro momentos típicos; os não católicos, que não estão baptizados;

(18) Citado por FORISTAN, o. c..

(19) DESROCHE H., *Sociologies religieuses*, Paris, PUF. 1968, p. 40.

— os hostis à religião e à Igreja...

Fictter apresentou uma tipologia, que, embora relativa, está qualificada e pode servir de comparação para nós.

Os dirigentes e as elites, com uma prática fervorosa e integração na comunidade, com uma clara representação mental da própria pertença. Este grupo atingiria uns 5,7%.

Os praticantes ordinários, caracterizados por uma instabilidade fundamental e pela representação ambígua da relação de pertença, da compreensão da comunidade-igreja, seriam uns 70%. Este grupo pode oscilar para o primeiro ou para o 3.<sup>o</sup> grupo.

Os praticantes ocasionais, que seguem pertencendo à Igreja talvez nominalmente, sem participação no culto. Têm mecanismos de defesa que tendem a exprimir-se na *indiferença* ou na agressividade. É de notar, contudo, que conservam sempre uns resíduos, e neste sentido pode falar-se de pertença marginal. Estes resíduos ou substrato, no plano das crenças, e até das práticas, levam com facilidade a desvirtuamentos, à superstição, etc. Este grupo atingiria uns 25%.

No último encontro nacional de Pastoral sobre o Domingo foi apresentada uma tipologia simplificada da pertença, que propunha os seguintes números:

cristãos iniciados e comprometidos, 2%; a massa praticante, 30%; a massa não-praticante, 70%, aproximadamente.

Esta constatação-indicadora revela a fácil e incoerente socialização da pessoa no campo religioso, sem a conseqüente personalização, o que desemboca na necessidade da iniciação. Até porque a «pertença cristã apresenta-se psicologicamente como uma participação dinâmica, em vias de amadurecimento ou de regressão numa comunidade viva inspirada por Cristo, mas que está inserida no mundo», afirmava já A. Godin. Ora que outra coisa é a iniciação cristã?

## 2.7 *A prática religiosa*

Prática religiosa é o conjunto de manifestações externas de carácter religioso, que derivam de *preceitos* canónicos ou do *fervor*, dos *costumes* ou da *fé* dos fiéis. Esta pode de algum modo quantificar-se. Por isso, pode afirmar-se que estatisticamente Portugal é um país católico, pois 96% receberam o baptismo, considerado como o acto que nos incorpora à comunidade Igreja. A sondagem sobre este sacramento realizada em França, em Julho de 1972, confirma esta visão, pois entre as várias concepções apresentadas sobre o baptismo, 51% das respostas escolhiam: «é um sacramento pelo qual se entra na Igreja».

Significa, portanto, uma enculturação no grupo-referência. As várias manifestações desta prática têm muito a ver com a iniciação.

— *Assistência à Missa dominical* «é elevada — mais de 2,4 milhões o número de fiéis que semanalmente se reúnem em celebração festiva do mistério central da fé cristã. Mas é infelizmente maior — cerca do dobro — o número de baptizados que por impossibilidade prática ou insensibilidade ao significado e valor dessa celebração faltam habitualmente ou muitas vezes» (Bispos Portug. Instr. Past. sobre o Domingo e a sua celebração, n. 2).

Este dado é significativo, porque é um indicador estável, que demora a modificar-se. São 30% dos 5,9 milhões de portugueses baptizados com mais de 7 anos que praticam. O grupo etário dos 7 aos 14 é o que atinge maior percentagem 41%. As mulheres, 33%, participam mais que os homens 23%. Nesta análise interessará perguntar, também, as motivações que terão subjacentes os 30% de praticantes<sup>(20)</sup>:

- o legalismo de quem vai apenas para cumprir um preceito;
- o conformismo, de quem não é capaz de superar a pressão social;
- o personalismo dos que praticam por exigência da fé consciente;
- o fervor dos que sentem a necessidade de exprimir a sua fé em comunidade;

a fé forte e livre comprometida que leva à sua celebração?

Em França, a 3 de Setembro de 1971, fez-se uma sondagem às pessoas entre os 15 e os 29 anos.

Perguntava-se precisamente o contrário: «Porque motivo não vão à missa, se são baptizados?»

40% porque não tenho tempo; 23% porque não me apetece. Outras percentagens menores: porque penso que o bom Deus não me exige isso, porque trabalho toda a semana, etc..

O *Batismo* é o primeiro sacramento da iniciação. 90% em Portugal e 88% em França é a média dos baptizados. Quais as motivações desta prática? Subjacentes à prática, encontramos motivos teológicos ou sociológico-culturais? A sondagem feita em França, em Julho de 1972, apresenta-nos dados interessantes.

«Se tivesse um filho, baptizá-lo-ia? Sim — 88%, não — 9%, não sei 3%. Em que idade o baptizaria? 80% nos primeiros anos da sua vida; 2% nos dois ou três primeiros anos; 1% entre os 7 e os 10 anos. E porque razão o faria baptizar? Escolha entre as várias apresentadas: 43% porque tenho fé em Cristo; 36% porque sempre se fez assim na

---

(20) Rev. *Economia e Sociologia* (n. 25/26) 1977. Todos os dados referentes à prática são extraídos desta publicação de Évora.

minha família; 26% para depois se poder casar também pela Igreja; 18% porque o nascimento de um filho é um grande acontecimento; 15% porque Deus dá assim a sua graça às crianças; 11% nem sei porquê; 9% sem opinião».

O *Casamento*. O casamento não-católico tende, desde 1960, a aumentar, embora o casamento católico seja entre nós o predominante, pois atinge os 80%. Os números variam de diocese para diocese. Ainda neste campo a sondagem de Junho de 1972, em França, nos pode elucidar. «Que um católico, case pelo civil sem se casar pela Igreja é para você inaceitável? sim 24,4%; lamentável, sim 33,7%; sem importância, 35,5% sim.

O conjunto destas indicações, no campo da prática religiosa, aponta para a passagem duma religiosidade passiva, de tradição rural, a uma religiosidade comprometida; duma religiosidade sociológica, de costumes e práticas fixas a uma religiosidade personalizada; duma religiosidade individualista e vazia a uma religiosidade comunitária. Caso não aconteça esta renovação profunda, cairemos numa maior massificação e continuaremos no sacramentalismo consumidor. A iniciação cristã dos adultos tem um papel fundamental nesta hora.

### 3. INDICADORES PASTORAIS DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS ENTRE NÓS

Este conjunto de constatações-indicadoras da necessidade da iniciação cristã dos adultos poderia ter sido alargado. Mas bastam estas, para interpelar todos os agentes de pastoral. Na sua acção, muitos deles, estão talvez motivados por esta necessidade. Apresentam-se alguns elementos positivos da I.C.A., para que a leitura do fenómeno ultrapasse a negatividade e a consciencialização da necessidade possa acontecer. Ter-se-á sobretudo presente a vertente pastoral daí o título de indicadores pastorais.

#### 3.1 *Redescoberta da eclesiologia da «communitas»*

Os historiadores da Eclesiologia demonstram a existência duma tensão dialéctica entre dois tipos de eclesiologia: a da «potestas», Mat. 16, 13-20 e a da *communitas*, de Mat. 18, 15-20.

O Vaticano II constituiu um certo retorno à perspectiva comunitária. Este retorno manifesta-se não só no uso frequente do termo *comunhão*, mas também nas perspectivas novas que apresenta. São de singular

importância nesta perspectiva os temas de povo de Deus, laicado, colegialidade, carismas, vocação universal à santidade, espírito ecuménico, diálogo com as religiões não cristãs, liberdade religiosa, abertura ao mundo contemporâneo.

O Vaticano ao apresentar o mistério da Igreja (L.G. 1) privilegia as imagens de comunhão. A comunidade é o símbolo visível e eficaz do plano de Deus sobre o mundo. A Igreja, implicada nesta história trinitária de Deus — mistério comunitário que se abre ao mundo, não pode ser senão uma comunidade ao serviço da comunhão do mundo.

Ora um dos factos típicos do nosso tempo é a pessoa procurar a comunidade e novos modelos comunitários. Embora saiba que nenhum deles abrangerá a totalidade do mistério e menos ainda poderá ser modelo único e exclusivo.

Todo o modelo comunitário tenta superar o anonimato, a despersonalização, e privilegia a adesão livre e adulta.

A positividade deste modelo eclesial reside em dar ênfase à relação de todos com o Espírito Santo. Estabelece uma união entre os membros ao serviço do bem comum. Integra os membros na comunidade. Quer marcar uma visão mais participativa e uma profunda pertença à comunidade. Compromete-se com os problemas vitais das pessoas. Provoca núcleos de comunidades reduzidas. Suscita a criatividade e a integração vivencial dos problemas humanos.

Optar pela comunidade constitui uma alternativa eclesial plenamente coerente com a renovação conciliar. Ora a opção comunitária, como se perceberá, não é viável, possível e séria senão numa comunidade de dimensão humana, numa micro-estrutura, onde cada pessoa seja conhecida pelo seu nome e se crie a relação de fraternidade. Optar pela comunidade hoje constitui uma alternativa eclesial.

A redescoberta da eclesiologia da «comunidades» parece-me um facto entre nós. Fala-se de grupos, comunidades, reuniões, assembleias de cristãos, assembleias de clero, assembleias de diocese.

Os documentos dos nossos bispos, os encontros a nível nacional em vários sectores apresentam esta eclesiologia da comunhão. Só nascendo desta fonte será possível a iniciação cristã.

Terá sido assimilada esta perspectiva pastoral, ou tenderá para o esgotamento? A iniciação cristã dos adultos situa-se nesta linha da eclesiologia da «communitas» e é um dos indicadores pastorais.



### 3.2 *Correlação entre mentalidade eclesiológica e acção pastoral*

Só ultimamente, escreveu o P. Liégé, o princípio eclesiológico funcionou como eixo em torno do qual gira a reflexão sobre a acção pastoral. Existe, pois, uma correlação profunda entre eclesiologia e acção pastoral. O princípio é tão determinante que torna inseparável a mentalidade eclesiológica e acção pastoral. Nesta perspectiva, qualquer renovação pastoral exige uma renovação da consciência eclesial, do modelo de Igreja.

O Vaticano II, porque desejava uma renovação, apresentou um modelo de Igreja. E assim o actual Papa, na abertura de Puebla, dizia: «Não há garantia de uma acção evangelizadora séria e vigorosa sem uma eclesiologia bem cimentada» (João Paulo II, Disc. Inaugural, n. 7).

### 3.3 *Redescoberta da função explícita e latente da ICA*

Todos os grupos catecumenais, ou semelhantes, têm uma função explícita: educação da fé através duma experiência comunitária. Esta função cristãmente original diversificar-se-á de acordo com as situações e condicionalismos sociais.

O sistema de crenças, valores cristãos, ilumina as experiências pessoais ou sociais que se vivem, e estas servem para descobrir e explicitar a fé, que, sendo vida e atitudes, dá segurança ou inquietação, une ou separa de outros grupos, torna solidário ou denunciador de situações, serve de integração ou de desintegração em determinadas formas de família, empresa ou sociedade, e impele para a mudança, conforma ou renova. Mas, além desta função básica explícita, podem surgir outras funções particulares que geram o *pluralismo comunitário*: como comunidades neo-catecumenais, carismáticas, populares, eclesiais e outras. Entre nós parece existir esta consciência, que tem a sua história nas vindas de Julian Ruiz, Kiko, Jesus Lopez e todas as outras experiências originais que em cada diocese se vivem ou funcionam.

### 3.4 *A redescoberta da ICA como processo de incorporação à comunidade.*

A ICA é um processo de incorporação, amadurecimento e crescimento cristão. A maturidade cristã é um processo específico de socialização. Acentua-se o específico, porque existem processos de assimilação ou enculturação cujo motor são factores sociais, enquanto que este tem como motor a pessoa. É, pois, a passagem de uma fé-herança e

praxis sociológica a uma fé pessoal e livre, que acontece através de uma comunidade. Já passou o tempo em que a incorporação à Igreja e aos seus valores acontecia menos livremente, embora se tenha de reconhecer a existência duma certa passividade. A integração, é pois, a participação nas crenças, valores e atitudes comuns de quantos aderiram a Cristo.

A Igreja em Portugal, desde o Episcopado com as suas comissões até aos encontros nacionais e à nomeação dum secretário para a catequese de adultos, parece ter redescoberto esta linha pastoral.

### 3.5 *Uma melhor compreensão da acção pastoral*

Do mesmo modo que existem fenómenos sociais que afectam zonas e países, também é legítimo pensar na eficácia de uma acção de conjunto realizada pela Igreja. Importa, porém, reconhecer os elementos e as forças activas existentes e procurar-lhes aplicação, adaptá-las e facilitar-lhes a adaptação pela reciclagem, se tal for preciso. Só assim se poderão veicular *critérios*, valores, *centros* de interesse, *linhas* de pensamento, as *fontes* inspiradoras e os *modelos* de vida da humanidade, (E.N. 19) que serão benéficos para a vivência cristã. Esta acção para ser fecunda deverá ser uma *acção conjunta*, de grande espaço, e a longo prazo, mas planificada. Só assim se poderá superar uma pastoral de Cristandade, que tem quase como objectivos únicos a *manutenção* e funciona como alimentadora e sacramentalista. Esta estrutura não é um instrumento válido no mundo de hoje, onde a acção pastoral se defronta com duas necessidades; a *necessidade premente de aprofundamento da fé* dos que já acreditam, devido ao pluralismo e solicitações envolventes; e a *necessidade de evangelização* para os que não acreditam. E esta nova perspectiva ganha corpo entre nós através do conjunto de encontros nacionais, pela tentativa pastoral para a renovação do dia do Senhor, o Domingo, pelo dinamismo verificado em algumas dioceses.

As constatações-indicadoras e os indicadores pastorais fazem-nos descobrir a necessidade da iniciação cristã dos adultos que entre nós «é uma acção com adultos já baptizados; é um lugar-tempo de conversão; procura a renovação das paróquias através da educação básica dos adultos; deixa de ter como horizonte-meta os sacramentos, porque podem acontecer celebrações ao longo do processo; é uma fase transitória com limites difíceis de fixar; tem como finalidade primordial, a maturidade da fé»<sup>(21)</sup>.

---

(21) Parroquia Urbana, present y futuro, o. c. pág. 181.

A iniciação abrange o nível pessoal e o nível estrutural. Acontece o primeiro quando o adulto deseja o baptismo e entra neste dinamismo da iniciação, ou quando, já baptizado, busca a fé perdida ou o amadurecimento do seu baptismo e entra na dinâmica da re-iniciação. Quando as pessoas são mais ou menos assíduas ou apenas consumidoras, a perspectiva da iniciação viria a exigir-lhes mais profundas motivações para a sua prática, na medida em que anelam uma Igreja comunidade, fraterna, corresponsável, carismática, profética, cristocêntrica e serva-libertadora.

A nível estrutural, a acção pastoral da iniciação cristã dos adultos implica objectivos de conversão, integração na comunidade viva e acções pastorais de carácter kerigmático.

#### 4. MUDANÇA-RENOVAÇÃO UMA OPÇÃO

Das constatações-indicadoras e dos indicadores pastorais emerge a renovação-mudança e a criatividade-transformação. Estas são fáceis de assumir a nível teórico e menos a nível prático. Parece-me, contudo, que a iniciação e a re-iniciação cristã dos adultos é hoje uma questão importante entre nós. Problema que pede resposta.

No relatório feito pelos responsáveis diocesanos da pastoral do Domingo aparece-nos um discurso grávido de mudança e renovação: «ignorância da fé e incoerência na vida prática; falta de clero e falta do catecumenado; pouca gente frequenta as reuniões de formação; desclericalizar a Igreja a nível de diocese; preparar assembleias sem padre; reformar estruturas; falta de comunidade em si; prática tradicionalista; visão clerical da pastoral e da Igreja; catequese de adultos; a concepção de Igreja... Eis algumas das frases que sintetizam desejos, mas que não nos compromete facilmente na renovação-mudança<sup>(22)</sup>.

4.1 *Renovação-mudança.* «A humanidade vive numa encruzilhada em que a mudança é uma situação normal e a adaptação à mudança é um valor reconhecido» (F. Houtard). Mudança na Igreja não é para «mudar a Igreja, mas para mudar algo na Igreja. Não é fazer outra Igreja, mas em certo sentido é preciso fazer uma Igreja diferente» (Y. Congar).

O Vaticano II afirma uma nova idade (G.S.4) caracterizada pela mudança que repercute no seu seio. Nada podemos absolutizar. Porque a grande questão é como realizar a missão espiritual num contexto novo, perante mentalidades novas, frutos de valores culturais novos.

---

<sup>(22)</sup> Relatório de delegados diocesanos feito para a Pastoral de Domingo.

Os elementos-chave da mudança podem resumir-se nos factores, nas condições e nos agentes da mudança.

A dinâmica da mudança encontra sempre uma «atitude constituída» formada por um certo número de opiniões, ideias, crenças, valores aos quais a pessoa ou a comunidade está fortemente ligada. É uma «atitude a constituinte» muito mais aberta à mudança.

O primeiro passo para mudar, neste campo concreto, é *um descobrimento consciente da perspectiva catecumenal em pastoral* por parte de todos os agentes de pastoral.

Esta perspectiva está apresentada no RICA, sem estar descoberta suficientemente pelos animadores e pela comunidade cristã. Esta perspectiva foi acentuada nos Sínodos 1974 e 1977. A Pastoral catecumenal é caracterizada pela articulação que faz da caminhada dos catecúmenos propriamente ditos (adultos não baptizados, mas que se preparam para o ser) e dos já baptizados que se encontram como os catecúmenos, já que têm uma ânsia e um gosto espiritual, apesar da sua fé ser débil.

Sem serem idênticas, estas situações são complementares. Com muita gente que se prepara para o matrimónio, ou que pede o baptismo para os filhos, ou os apresentam na catequese, a pastoral catecumenal quer fazer um esforço para «tomar as coisas desde a raiz», fazer amadurecer a procura, permitir a expressão progressiva da fé e constituir o tecido eclesial real. Todos estes elementos são da iniciação cristã<sup>(23)</sup>.

Por isso a mensagem do sínodo de 1977 dizia: «o modelo da catequese é o catecumenato baptismal, formação particular em que o adulto convertido à fé se prepara para a profissão da fé baptismal na vigília pascal» (n.º 8).

4.2 *Criatividade-transformação*. Na mudança entra sempre muito de criatividade. Criatividade é uma capacidade da pessoa, do grupo ou comunidade para enfrentar *situações inusitadas* e resolver problemas novas. Criamos pressionados pelos desejos e modelos interiores mas também pelo contexto envolvente. O preço da criatividade é sempre elevado, porque é sempre custoso «descobrir no passado e no presente as possibilidades ocultas do futuro», como afirma Girardi.

A criatividade, neste campo, deve respeitar as coordenadas da iniciação cristã, a saber: *a fé evangélica não é um facto natural*, não nascemos cristãos tornamo-nos cristãos; e *a conversão evangélica como passagem* tem uma certa forma objectiva que inclui quatro elementos: *a fé não é*

---

(23) BOURGEOIS, in «La Maison Dieu», (132) 1977 p. 132, nota 43.

*um simples saber, o tempo também conta para crer, a Igreja não é apenas mais um grupo social, a iniciação cristã distingue-se de outras iniciações* <sup>(24)</sup>.

A iniciação exprime-se não só através do esquema biológico do amadurecimento, ou do crescimento orgânico (Ef. 4, 11-16), mas também através da passagem duma vida antiga a outra nova (Rom 6). Ser iniciado cristão é questão dum processo orgânico e orientado.

A criatividade-transformação da iniciação deve apoiar-se não só no saber, mas também no grupo com o seu animador, nas celebrações como acções simbólicas e na referência à vida quotidiana das pessoas, como meios muito úteis.

Este esforço criativo faz-nos descobrir a urgência da preparação de «iniciadores». A formação de pessoas para estas tarefas iniciáticas é exigente. Vive-se, entre nós, uma fase de procura que é importante superar.

Faz ainda parte desta criatividade vencer a atitude do «tudo ou nada» em pastoral, já que a fé é como uma semente. Não menos importante para esta transformação é a «coerência pastoral» que impede contradizer a perspectiva da iniciação cristã com uma sacramentalização anárquica, quer esta sela apressada ou restitiva.

Os agentes de pastoral devem assimilar interiormente a necessidade da iniciação cristã para o hoje da Igreja em Portugal, para esta poder vingar. Só esta *consciência receptiva* pode gerar acolhimento e sobretudo criatividade-transformação. Caso contrário, de nada valerá mais um ritual, mesmo que este seja o da Iniciação Cristã dos Adultos.

Estes apontamentos incidiram deliberadamente nalgumas raízes da necessidade da iniciação cristã entre nós, para ajudar a uma consciencialização de todos. Alguém escreveu: «quando se acentuam as coisas secundárias, é sinal de uma certa debilidade espiritual». Espera-se que a necessidade da iniciação cristã entre nós não seja uma coisa secundária.

A. GOMES DIAS

---

<sup>(24)</sup> *id.* artigo citado.

## Apresentação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos

### 1. O QUE É UM RITUAL?

Os diversos ministros litúrgicos servem-se, habitualmente, de livros próprios para realizarem as celebrações de maneira digna e correcta. Não quer isto dizer que seja totalmente impossível organizar e levar a cabo uma celebração de maneira ordenada e completa sem a ajuda de alguns livros litúrgicos. Durante os primeiros séculos, aquele que presidia à reunião dominical dos cristãos, não se servia de livro nenhum para dar graças sobre o pão e sobre o vinho, isto é, para formular a Oração Eucarística, que ele «inventava» naquele preciso momento, a partir de esquemas de oração que conhecia de cor. Mas já não acontecia o mesmo com o Leitor, que para ler a passagem da Palavra de Deus escolhida para esse dia, tinha necessariamente de ter à mão algum volume da Bíblia, que foi o primeiro Leccionário.

Entre os diversos livros litúrgicos há um que se chama o *Ritual*. Ele contém todas as celebrações próprias do presbítero, excepto a Missa. É o livro dos sacramentos e dos sacramentais a que ele preside. Nele não encontramos, portanto, os sacramentos que pertencem ao bispo (Ordenações, Consagração dos Santos óleos, etc.). Quanto à Eucaristia, tudo o que lhe diz respeito se encontra no Missal.

Houve um tempo em que foi possível reunir num só volume todas essas celebrações sacramentais próprias do presbítero. Compreenderemos facilmente porquê se nos lembrarmos que antes do Concílio Vaticano II nenhum sacramento, à excepção da Missa, era acompanhado da leitura da Palavra de Deus. A celebração do Baptismo, da Penitência, da Unção dos Doentes ou do Matrimónio reduzia-se à efectivação dos ritos litúrgicos, constituídos por gestos e orações. Nada mais.

A partir do momento em que o Concílio decidiu a reforma geral da liturgia romana e determinou que a Palavra de Deus fosse um dos



componentes obrigatórios de toda a celebração litúrgica normal, deixou de ser possível reunir num só volume todos os sacramentos, pois só as leituras que deles fazem parte, bastariam para constituir um livro de centenas, ou mesmo milhares de páginas. E temos de concordar que ir presidir a um funeral, a um baptismo ou a um casamento e levar nas mãos um livro de tais dimensões, não seria nada cómodo.

Por outro lado, a reforma da liturgia dos sacramentos foi uma obra de grande fôlego, que demorou mais ou menos anos em cada caso. As edições típicas iam sendo preparadas e apareciam em seu tempo, sendo depois traduzidas para as diversas línguas pelas respectivas Conferências Episcopais. O Ritual não apareceu todo renovado de repente, mas foi surgindo por fases.

Estas são as duas razões pelas quais, na hora actual, existem tantos Rituais quantos são os sacramentos do único Ritual. E um deles recebeu em língua portuguesa o nome de *Iniciação Cristã dos Adultos*.

## 2. A INICIAÇÃO CRISTÃ

A Igreja dos primeiros séculos não praticou o Baptismo, nem de adultos nem de crianças, isoladamente. O que ela conheceu e praticou foi a *iniciação cristã*, movimento único que tinha como primeiro tempo o Baptismo, passava imediatamente à Confirmação e atingia a sua plenitude na participação na Eucaristia, tudo celebrado duma só vez.

De facto, quando a *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma (215) nos dá a conhecer a liturgia dos primeiros anos do século III, e começa a explicar as diversas etapas que hão-de percorrer aqueles que se aproximam da fé, fá-lo numa descrição contínua, que tem o seu início no momento «em que o novo candidato é trazido para ouvir a Palavra», e só vem a terminar com a primeira participação na comunhão por parte desse novo cristão, depois de percorrer uma longa caminhada que, em certos casos, podia demorar três anos, e incluía o catecumenado, o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia<sup>(1)</sup>.

Nos últimos anos do século IV, Santo Ambrósio, bispo de Milão, ao falar àqueles que acabavam de ser baptizados, comenta-lhes, de maneira simbólica, o conjunto das etapas percorridas desde a manhã de Sábado Santo até ao fim da Vigília Pascal, conjunto que culminava no momento em que o neófito se apresentava diante daquele que presidia à Eucaristia e este lhe dizia: «O Corpo de Cristo», ao que ele respondia: «Amen»,

<sup>(1)</sup> HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*, Edit. Vozes (1971), II parte, pág. 46-55.

depois de ter sido mergulhado por três vezes na fonte do novo nascimento e de ter recebido «o selo espiritual na hora em que se infunde o Espírito Santo, quando o bispo faz a consignação»<sup>(2)</sup>.

Poderíamos multiplicar os testemunhos antigos. Todos nos confirmariam que esta foi a prática geral da Igreja. Na mesma celebração o catecúmeno recebia o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, quer se tratasse de adulto ou de criança. Não havia, portanto, batismos isolados de crianças ou de adultos. O banho de água e a tríplice profissão de fé faziam parte de um conjunto que se chamava a iniciação cristã, para a distinguir de outras iniciações conhecidas e praticadas pelos pagãos.

As Igrejas orientais ainda hoje assim procedem. No mesmo dia em que a criança ou o adulto são batizados, celebra-se também a sua Confirmação e fazem a primeira Comunhão. Se a criança é apenas de dias, comunga só o Sangue do Senhor. A Igreja latina, por razões pastorais, retardou a Confirmação e a primeira Comunhão das crianças que são apresentadas ao Batismo pelos pais cristãos, prática que não foi alterada pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II em relação a elas. Mas tal costume em nada diminui a consciência que a própria Igreja tem de que, mediante os sacramentos da iniciação cristã, os homens são libertos do poder das trevas e configurados com Cristo morto, sepultado e ressuscitado, recebem o espírito de filhos e celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor e que esses três sacramentos estão de tal modo unidos entre si, que levam os fiéis<sup>(3)</sup> à perfeita estatura.

Em relação aos adultos, a reforma litúrgica brindou-nos com um Ritual da Iniciação Cristã, o que, só por si, quer dizer muito. Esta simples mudança de nome na designação de um Ritual significa que, no pensamento da Igreja, todo o Batismo deve levar, normalmente, à Confirmação e à Eucaristia, passando pela catequese e pela aprendizagem da vida cristã feita em Igreja e que um Batismo que se ficasse em si mesmo e não desabrochasse na plenitude da vida cristã seria, de certo modo, um Batismo abortado, uma iniciação que não chegara à maturidade.

Mas o que é, afinal, a iniciação cristã? Para os Padres da Igreja trata-se, fundamentalmente, de um mistério, no sentido de uma obra invisível de Deus, escondida simultaneamente aos nossos olhos e à nossa inteligência, razão porque não podemos compreender-lhe a

---

(2) SANTO AMBRÓSIO, *Os sacramentos e os mistérios*, Edit. Vozes, (1972), n. 2, pág. 42.

(3) Cfr. Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, n. 1-2.

profundidade. Mas esse mistério, porque nos foi revelado, pode ser acolhido por nós, na fé. Quem hoje o revela e o esconde são os sinais litúrgicos.

Ninguém se inicia a si mesmo. Todos somos iniciados. E o dom que nos é oferecido ultrapassa-nos, como ultrapassa a própria Igreja que aí desempenha papel essencial. Os orientais dizem que cada sacramento constitui uma autêntica experiência do mistério de Deus. A iniciação cristã é a primeira dessas experiências divinas feita pelo neófito (= nome do que acaba de ser iniciado) e por isso a catequese dos seus ritos e do respectivo simbolismo só tinha lugar depois do candidato ter vivido esses sinais e ter sido transformado por eles, isto é, depois de ter sido iluminado pela fé. É que só então ele era capaz de descobrir o sentido espiritual profundo do dom que Deus lhe tinha feito. Aquilo que ele recebera é que lhe dava inteligência para compreender o mistério.

### 3. INICIAÇÃO DE ADULTOS

Quando se fala em Baptismo, pensamos geralmente em Baptismo de crianças. Ora tal Baptismo não é o único, nem o mais primitivo, nem sequer o modelo do Baptismo em si. Existe um único Baptismo que foi tomando formas litúrgicas variadas segundo as épocas e as circunstâncias em que a Igreja desenvolvia a sua acção. Mas sintomaticamente, o Ritual do Baptismo das Crianças utilizado até ao Concílio Vaticano II não nascera directamente para elas. Surgira antes de uma simplificação do Baptismo dos adultos, e por isso é que o diálogo inicial se formulava assim: «N., que vens pedir à Igreja de Deus?... E para que te serve a fé?... Pois bem, se queres entrar na vida eterna...», o mesmo se repetindo na renúncia, na profissão de fé e no momento do Baptismo: «N., renuncias a Satanás?... N., crês em Deus Pai Todo-poderoso?... N., queres ser baptizado?...».

O que significa esta inadaptação na linguagem ritual? Apenas que o rito nascera para os adultos, que esses, sim, podiam responder por si mesmos às perguntas que lhes eram feitas. A liturgia, conservadora como é, entendeu não dever modificar a linguagem, mesmo quando os baptismos passaram a ser apenas de crianças.

Praticamente, os primeiros textos da tradição cristã só falam da iniciação dos adultos, o que é normal numa Igreja em plena expansão, numa Igreja que começara a partir de zero. Mas há outra razão para isso: o facto da iniciação dos adultos ser o modelo de referência mais exemplar, pois é nela que se vê melhor como se ajustam uns aos outros os diversos elementos que a constituem.

## 4. O RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS

### 4.1 — Ficha técnica

O primeiro documento produzido pelo Concílio Vaticano II foi a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada em Roma no dia 4 de Dezembro de 1963. Entre outras coisas, nela se pedia a revisão do duplo rito do Baptismo dos adultos, o mais simples e o mais solene (SC 66) que figurava no Ritual Romano de 1614, e que se restaurasse o catecumenado dos adultos, distribuído em várias etapas (SC 64).

Para levar a cabo esta e outras determinações litúrgicas conciliares, foi criada uma Comissão ou Conselho de liturgia (= Consilium).

Como se tratava de um trabalho de reforma em várias frentes, a Comissão nomeou tantos grupos quantas eram as áreas litúrgicas. O grupo encarregado da revisão do Ritual do Baptismo dos Adultos ficou a ser conhecido como o «grupo 22», composto de 12 membros permanentes, o qual se pôs imediatamente em acção, elaborando um elenco de princípios entre os quais salientamos estes: a reforma do Baptismo dos Adultos há-de exprimir claramente o que os ritos significam, há-de assegurar continuidade entre as formas antigas abandonadas e as novas, há-de manifestar a íntima união entre a acção de Deus e os progressos do candidato ao Baptismo, e há-de deixar uma grande margem de adaptação às mentalidades e situações diversas.

O grupo buscou então as pessoas competentes para procederem ao exame das diversas fontes litúrgicas ortodoxas, protestantes e católicas, antigas e modernas, para o que obteve a colaboração de especialistas das diversas Igrejas, entrou em contacto com alguns Centros de Catecumenado na África, Ásia e Europa, elaborou um primeiro esquema que foi enviado a 50 desses Centros, recolheu as observações que lhe foram feitas e a partir delas preparou um novo esquema que, depois de estudado pelas Congregações romanas competentes, viria a ser aprovado pelo papa Paulo VI em 6 de Janeiro de 1972, Solenidade da Epifania, em que a Igreja celebra a manifestação do Senhor aos gentios, simbolizados naqueles que a tradição popular cristã chama os três Reis Magos.

Foram oito anos de investigações, estudos e consultas, o que nos diz alguma coisa sobre a importância atribuída pela Igreja a este documento da sua mais recente reforma litúrgica.

#### 4.2 — A edição portuguesa deste Ritual

Curiosamente, outros tantos foram os anos precisos para a aparição deste Ritual em tradução portuguesa, ocorrida no princípio de 1980. É caso para dizer que não foi menor o cuidado dos responsáveis desta edição do que fora o dos especialistas que prepararam o original latino. E disso seremos nós todos os beneficiários.

A versão portuguesa deste Ritual recebeu o nome de *Iniciação Cristã dos Adultos*. Foi confirmada em Roma a 20 de Agosto de 1979 e o «Imprimatur» tem a data de 16 de Dezembro desse mesmo ano. Apresenta-se num volume de 214 páginas, impresso a duas cores, como é tradicional nas edições litúrgicas.

Começemos por abrir o nosso livro e folheá-lo. Depois do Decreto de aprovação e promulgação, aparecem imediatamente os Preliminares que vão do número 1 ao número 67.

A presença de Preliminares a antecederem o texto litúrgico propriamente dito, é uma das características comuns a todos os novos Rituais. A reforma litúrgica não nos deu livros contendo apenas os ritos, as fórmulas e as rubricas, como sucedia no passado, mas fez preceder cada um deles duma introdução teológico-pastoral.

No caso presente, os Preliminares assemelham-se, pela amplitude e profundidade, à Instrução Geral do Missal Romano e à Instrução Geral da Liturgia das Horas, e são tão importantes ou talvez mais até do que os seis capítulos do Ritual, pois explicam o sentido do catecumenato e dos ritos que o integram, constituindo verdadeiro tratado teológico, litúrgico, pastoral e catequético da iniciação cristã dos adultos.

Ao dizermos isto queremos acrescentar que nada pode substituir a leitura e o contacto directo de cada um com o seu texto. Nenhuma conferência ou artigo pode dispensar-nos desse estudo pessoal. Diríamos até que a melhor maneira de conhecer o Ritual consiste em fazer, em primeiro lugar, a leitura seguida dos Preliminares, número após número, antes de abordar a análise de cada um dos seus seis capítulos. Nesse sentido, a apresentação do Ritual, que este artigo pretende fazer, tem por objectivo principal despertar o interesse de cada leitor pela descoberta das riquezas contidas sobretudo nos Preliminares.

Aos Preliminares segue-se o Capítulo I, que tem por título *Ritual do catecumenado em vários graus*. Teremos ocasião, mais adiante, de explicar esta terminologia. Por agora diremos apenas que este capítulo é o mais longo e importante de todos. À semelhança do que sucede nos outros cinco, cada uma das suas seis partes é precedida de uma pequena introdução, que retoma o essencial dos Preliminares, aplicando-o ao



rito que vai seguir-se, facto que dá a este Ritual um carácter único em relação a todos os outros livros litúrgicos. Como escreveu um liturgista, «quase ousaríamos defini-lo como um documento litúrgico dentro de um livro litúrgico. De facto, para lá dos momentos litúrgico-celebrativos, estreitamente ligados à celebração dos sacramentos, este Ritual apresenta-se como um grandioso esquema por meio do qual cada ministro responsável pode estruturar e deve dar vida aos diversos ritos nele propostos»<sup>(4)</sup>. Resumindo-nos, diremos que o Capítulo I é constituído por orientações teológicas, litúrgicas e pastorais, e pela montagem de cada rito a celebrar desde a admissão dos catecúmenos até ao fim do tempo da mistagogia.

O título do Capítulo II diz claramente qual o seu conteúdo: *Ritual simplificado da iniciação dos adultos*. Pode ser utilizado em casos excepcionais, quando não for possível, ao candidato, percorrer todas as fases da iniciação.

Também não precisamos de explicar o conteúdo do Capítulo III, chamado *Ritual breve da iniciação de um adulto em perigo ou artigo de morte*, e que foi organizado tendo sobretudo em vista a sua utilização pelos catequistas em casos urgentes.

O Capítulo IV trata da *Preparação para a confirmação e para a eucaristia dos adultos que, baptizados em criança, não receberam catequese*, nele se afirmando, a dada altura, que a preparação destes adultos exige um tempo prolongado pela mesma razão que a dos catecúmenos, pois a fé neles infundida no Baptismo, deve crescer e atingir a maturidade (n. 296). Trata-se de um fenómeno que se vai multiplicando cada dia mais entre nós e que manifesta que os compromissos do Baptismo não são assumidos pelos pais dessas crianças. O Ritual considera que a iniciação destes baptizados fica por fazer e propõe para ela modalidades específicas.

O Capítulo V é dedicado à *Iniciação das crianças em idade de catequese*. Trata-se do caso inverso do capítulo anterior. Ainda não são adultas, pelo que o Ritual se adapta à sua situação de crianças. Mas já são idóneas e podem conceber e alimentar uma fé própria e aceitar algumas responsabilidades. É a primeira vez que a Igreja, na sua liturgia, reconhece a situação, o que é um indício da atenção que ela presta ao novo estatuto da criança na sociedade, encontrando um equilíbrio entre a actuação pessoal desta, a sua dependência da família e o seu fazer parte de um grupo social. Este Capítulo V é o que mais se aproxima do Capítulo I,

---

<sup>(4)</sup> ACHILLE M. TRIACCA, *Struttura e linee-forza*, Rivista Liturgica (1979), p. 426.



pela extensão, mas principalmente pela estrutura do rito, igual ao da iniciação dos adultos, apenas divergindo dele no tipo de linguagem que utiliza e que procura ser o mais adaptada possível às crianças a que se destina.

Após o Capítulo VI que contém os *Textos vários para a celebração da iniciação cristã dos adultos*, surge, em apêndice, o *Rito da admissão na plena comunhão da Igreja católica de alguém já validamente batizado* noutras confissões cristãs. Este rito fora expressamente pedido pelo Concílio (SC 69). O Ritual reconhece o princípio da validade do Baptismo recebido em Igrejas não católicas e pede ao candidato que justifique o seu pedido por motivos de ordem espiritual. A essência do rito consiste na profissão de fé que antecede a comunhão eucarística.

E assim terminamos esta apresentação muito ligeira de todo o Ritual, necessária porém para lhe apreendermos toda a sua real extensão.

## 5. ESTRUTURA E CELEBRAÇÃO DA INICIAÇÃO DOS ADULTOS, SEGUNDO OS PRELIMINARES E O CAPÍTULO I

Após esta visão de conjunto de todo o Ritual, não é difícil concluir que as suas duas peças fundamentais são os Preliminares e o Capítulo I, que se completam e esclarecem mutuamente. Por isso, a partir de agora, vamos olhar simultaneamente para ambos, e falar, por conseguinte, da estrutura e do desenrolar da celebração da iniciação dos adultos.

Dizíamos acima que devido à extensão dos vários Rituais seria quase impossível juntá-los todos num único volume, como sucedia até há pouco. Se tal, porém, viesse a acontecer, os Preliminares do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos seriam precedidos ainda dos Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, comuns à iniciação dos adultos e ao Baptismo das crianças, cujo texto, por ter sido inserido no Ritual do Baptismo das Crianças, não foi incluído neste Ritual.

Os Preliminares, que logo no seu número 1 dizem que ele se destina «àqueles adultos que, depois de terem escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam o Deus vivo e verdadeiro e tomam o caminho da fé e da conversão», vão eles próprios ser a melhor introdução a todo o Ritual.

Efectivamente eles descrevem a estrutura da iniciação dos adultos (4-40), os ministérios e ofícios (41-48), o tempo e o lugar da iniciação (49-63) e as adaptações que pertencem à Conferência Episcopal, ao Bispo da Diocese e ao ministro que organiza uma celebração (64-67).

## 5.1 — A estrutura da iniciação

Quando os Preliminares falam da estrutura da iniciação, o que eles pretendem é descrever a longa caminhada que um adulto é convidado a fazer desde a busca inicial, e que pode ser mais ou menos longa, até à sua participação e inserção plena na vida da comunidade cristã.

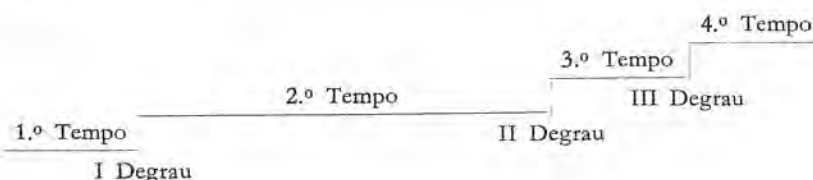
Partindo do princípio que cada homem tem capacidades diferentes e responde de modo diverso à graça que Deus lhe vai dando, o Ritual possui elasticidade suficiente que permite adaptá-lo a situações espirituais muito diversas. Não se trata pois de um livro monolítico. Nesse aspecto ele é um bom exemplo do que pretende ser toda a liturgia renovada.

Nessa caminhada para a fé, o adulto vai subindo vários degraus, como se tivesse diante de si uma escada, ou vai passando várias portas, como sucede a quem visita pela primeira vez um amigo que faz questão de lhe mostrar todas as divisões da sua nova casa.

Esses degraus ou portas são três e cada um deles é assinalado por um rito litúrgico: ao subir o primeiro degrau celebra-se o rito da instituição dos catecúmenos; ao passar ao segundo, o rito da eleição; e ao chegar ao terceiro, é a vez de se celebrarem os sacramentos.

Cada um desses degraus é simultaneamente ponto de chegada e de partida para sucessivas caminhadas, pois não se trata só de subir degraus, mas de permanecer nos patamares a que eles dão acesso, durante dias, meses ou até alguns anos, não parado, mas à procura do que se pretende descobrir e possuir.

Como os degraus são três, os tempos de caminhada são quatro, porque o chão, onde começa o primeiro degrau, constitui o primeiro tempo. Representemos graficamente o que acabamos de dizer, mas tendo em conta que esses vários tempos têm duração diferente, por não se tratar de escalões jurídicos, mas corresponderem a níveis de fé que o candidato vai atingindo a pouco e pouco e nos quais permanece dando passos progressivos mas lentos, que acabarão por fazer dele um seguidor de Cristo:



## 5.2 — O pré-catecumenado

O primeiro tempo é o da *evangelização* ou do *pré-catecumenado*. Não seria possível nenhuma participação verdadeira numa celebração sem uma certa evangelização, um princípio de conversão, uma certa caminhada para a fé e um certo conhecimento da realidade da Igreja. A fé raramente acontece de maneira espontânea. Exige tempo.

O tempo do pré-catecumenado não tem duração antecipadamente definida, mas apesar disso nunca será lícito omiti-lo. É o tempo da primeira conversão que levará à fé inicial. Por isso é preciso ter muita paciência e saber esperar, tendo em conta o progredir do dom de Deus e a psicologia do homem que é feito para assimilar lentamente.

Durante este tempo os candidatos são *simpatizantes* ou *pré-catecúmenos*. É um tempo de contactos, de diálogos, de espontaneidade e das primeiras descobertas em conversas ocasionais, durante o qual não se realiza nenhum rito. Não há também um programa de catequese definido com precisão. Apenas se aponta aos responsáveis que eles devem fazer aos pré-catecúmenos uma exposição adequada do Evangelho.

## 5.3 — O catecumenado

Decorrido o tempo julgado suficiente da primeira evangelização, o candidato vai subir o primeiro degrau e entrar no segundo tempo.

Acontece então o primeiro rito litúrgico que se chama *rito da admissão dos catecúmenos*, que tem como gesto principal a grande signação, que marca a entrega a Cristo da vida do candidato e a sua entrada na Igreja como membro da casa de Deus: *N., recebe a Cruz na tua fronte: Cristo te fortalece com o sinal da sua vitória* (85).

Todo o encontro de amor começa por um reconhecimento misterioso de duas pessoas. Antes de qualquer palavra ser pronunciada, qualquer coisa cantou no coração. Só depois virão a descoberta mútua, os primeiros encontros, os momentos de felicidade, as interrogações, talvez as dúvidas.

O adulto que encontrou Jesus Cristo e pretende tornar-se seu discípulo, começa por receber nele esta pequenina semente de um sinal da Cruz traçado na fronte. Tal semente vai germinar, crescer, sofrer transformações, como toda a semente. A Igreja vai esforçar-se por guiar o seu crescimento sem prejudicar-lhe a espontaneidade. Vai propor ao adulto uma experiência comunitária, para o ajudar a desabrochar até à plena inserção em Cristo. Durante cerca de três anos, vários

ritos exprimirão este dom mútuo do Senhor e do homem. É o tempo do *catecumenado* que começa no primeiro momento em que a Igreja faz de um simpatizante, um *catecúmeno*.

Catecumenado é palavra recente no vocabulário cristão habitual, mas não nova. Esteve esquecida durante muitos séculos, mas ei-la a ressurgir, e com que vitalidade, na Igreja pós-conciliar. Trata-se da instituição pela qual a Igreja recebe de Deus novos filhos e de um tempo especial dentro dessa instituição.

A restauração do catecumenado veio preencher um vazio que começara a formar-se no século VI, quando, em virtude do desenvolvimento dos baptismos de crianças, a preparação dos adultos para o baptismo, tão exigente nos primeiros séculos, principiou a ser desvalorizada até desaparecer completamente.

Passaram os tempos de cristandade e a Igreja não pode, para ser fiel à missão recebida, deixar de baptizar os adultos. Mas não o pode fazer como passou a fazê-lo a partir do século XII. Por isso reorganizou o catecumenado como instituição normal que há-de levar um adulto até ao baptismo.

Catecumenado ou *tempo do catecumenado* é uma *ordem*, um estado eclesial com o seu carisma, actividades específicas, liturgia apropriada. A ordem do catecumenado é já uma primeira glória que encaminha o catecúmeno para a plenitude que é o baptismo.

A actividade principal deste tempo é a catequese progressiva, organizada e completa e a experiência da vida da comunidade local e espírito dos cristãos. O objectivo da catequese não é tanto ensinar uma doutrina, mas ajudar o catecúmeno a entrar no conhecimento íntimo de um mistério, de nascer para ele e facilitar a mudança do homem velho para uma vida de homem novo, respeitando progressivamente a situação de convertido, desenvolvendo nele uma consciência nova. Não admira, por isso, que este período exija vários anos.

Durante todo este tempo a iniciativa humana do catecúmeno não é deixada às suas únicas forças, mas é transformada pela graça de Deus, significada e actualizada nos ritos litúrgicos do catecumenado, constituídos por celebrações da Palavra que têm como finalidade educar a sensibilidade do catecúmeno para o sentido da Penitência e da Eucaristia. Cada uma dessas celebrações consta de três elementos: a *leitura da Palavra de Deus*, os *exorcismos menores* que acentuam a ruptura com um tipo de vida e a escolha deliberada de outra que se deseja, e as *bênçãos*, cuja finalidade é a de reconhecer o valor da paz e da acção de graças.

#### 5.4 — O tempo da purificação e da iluminação

Tal como aconteceu no primeiro degrau da iniciação, também agora a subida do segundo se realiza por meio de um rito litúrgico que se chama *rito da eleição ou da inscrição do nome*.

Um dia o Senhor disse a Isaías: «Eu sou o Eterno, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome» (Is. 45, 3). Também um dia o catecúmeno é escolhido pela comunidade, que o convida a dar mais um passo. Trata-se de uma decisão definitiva. Há um tempo para pensar e um tempo para agir, um tempo de maturação e um tempo de ceifa. Para um baptismo de adulto a preparação pode ter durado longos meses. Mas chega o momento em que ele se encontra a poucas semanas da celebração sacramental. Estas semanas são importantes e correspondem, em geral, ao tempo da Quaresma.

É toda a Igreja que entra em Quaresma com todos os futuros baptizados. O povo cristão prepara a Páscoa que para alguns dos seus membros será a primeira Páscoa. No primeiro domingo da Quaresma, na Missa da comunidade, a seguir à homília, o sacerdote encarregado da iniciação dos catecúmenos chama, pelo seu nome, cada um dos que foram escolhidos para serem baptizados. A Igreja e eles comprometem-se numa relação mútua (140 s.). O presidente da celebração recebe o testemunho dos cristãos que conhecem os candidatos e torna-se o garante da seriedade com que estes se comprometem. A sua decisão de responsável torna-se decisão da Igreja (147).

Ao ser chamado pelo seu nome, cada um vem assinar no livro onde foram inscritos todos os que o precederam. O nome de cada cristão está inscrito no Livro da Vida (Filip. 4, 3). Assim Cristo entra na história humana de cada discípulo.

A partir de agora o catecúmeno passa a ser chamado *eleito*. Terminou, com a inscrição do nome, o tempo do catecumenado propriamente dito e iniciou-se o *tempo da purificação e da iluminação* que vai durar quarenta dias, e se destina a preparar mais intensivamente o espírito e o coração dos candidatos (22). Ei-los lançados numa corrida a caminho do baptismo.

Recordemos os Evangelhos previstos para as Missas dos domingos da Quaresma, no ano A: a tentação de Jesus, a Transfiguração, a samaritana, a cura do cego de nascença, a ressurreição de Lázaro. Desde os primeiros séculos da Igreja, estas páginas do Evangelho foram escolhidas para esclarecer as últimas semanas de preparação dos eleitos. Elas são apelos à conversão, elas revelam a acção de Deus por Jesus Cristo.

Ainda hoje estes Evangelhos dão o seu pleno significado às celebrações catecumenais deste terceiro tempo da iniciação, que se chamam *escrutínios* e têm lugar nos terceiro, quarto e quinto domingos da Quaresma. É Deus que prescruta os rins e os corações. Aceitar o seu olhar sobre a nossa vida é aceitar descobrir se a luz que está em nós não serão trevas. A cada um é pedido que acolha a luz, a fim de ser capaz de discernir «qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus» (Ef 3, 18). De acordo com os Evangelhos dos domingos da Quaresma os candidatos são chamados a passar das trevas para a luz, da morte para a vida, convertendo-se a Jesus Cristo. E não estão sózinhos neste combate. Jesus Cristo intervém pelo poder do Espírito e toda a comunidade dos cristãos vive esta conversão com aqueles que se preparam para o baptismo.

Depois dos *escrutínios* vêm as *tradições* (= entregas, transmissões). «Aquilo que eu mesmo recebi, é isso que vos transmito», dizia S. Paulo aos fiéis de Corinto (1 Cor 11, 23). E a Igreja confia solenemente aos seus eleitos os dois grandes tesouros da tradição: o Símbolo da fé e a Oração do Senhor. Proclamar a fé e chamar a Deus nosso Pai é um dom que nos é feito, dom de que nos tornamos possuidores, mas possuidores responsáveis, e que dentro de pouco tempo teremos de restituir. No dia do baptismo o novo cristão deverá proclamar publicamente a sua fé e dirá com todos os seus irmãos o Pai nosso. A essa proclamação pública do Símbolo da fé e da Oração dominical por parte dos eleitos se chama *redições* (= acto de devolver o que lhes foi entregue ou de dizer por sua vez o que lhes foi transmitido).

Tudo isto, apesar de ser já muito, ainda é apenas e só preparação. Após o silêncio de Sábado Santo (26) vai chegar a plenitude. «O sol nascente lança menos raios sobre o mundo do que o Espírito espalha de esplendores sobre um catecúmeno que Ele inunda da sua graça», escreveu um dia S. João Crisóstomo.

A plenitude acontece na Noite Pascal, noite de Ressurreição, noite dessa libertação que nos vem do fundo das idades, noite da saída do Egipto, noite da nuvem luminosa que conduz no deserto, noite da presença do Senhor que alimenta e dessedenta o seu povo. Que outra noite poderia convir ao baptismo melhor do que esta? A comunidade está reunida, o novo baptizado torna-se o seu profeta, anuncia a todos os seus irmãos na fé que tudo é possível a quem crê em Jesus, e que hoje ainda, o Senhor se deixa encontrar no caminho dos homens para deles Se fazer reconhecer, como outrora no caminho de Emaús.

Desde há muitos séculos que a Noite Pascal é a noite da iniciação cristã. Vamos quinze séculos para trás. Estamos na Vigília Pascal.



Caiu a noite. A grande basílica da cidade de Roma, de Antioquia da Síria ou da nossa Bracara Augusta (= Braga) está mergulhada na obscuridade com excepção de uma pequena claridade junto do altar. Uma criança ou um homem lê um dos grandes textos bíblicos que prefiguram o baptismo: poema da criação do mundo, passagem do Mar Vermelho, visão de Ezequiel sobre os ossos ressequidos, promessa de um coração novo em substituição do nosso coração de pedra. Entre cada uma dessas leituras, o canto dos salmos sustenta a oração da assembleia, porque a espera é longa e o dia de trabalho foi cansativo. É preciso que ninguém durma nesta noite.

No baptistério, pegado à basílica, realizam-se entretanto ritos solenes. Lá estão o bispo, os presbíteros e os diáconos. Os catecúmenos, que os padrinhos assistem e ajudam, despiram-se. Desceram os degraus da piscina baptismal e foram mergulhados nela enquanto faziam a sua profissão de fé. Ei-los que sobem da piscina, já baptizados, ressuscitados com Cristo. Enxugam-se e vestem uma túnica branca.

O bispo marca-os logo em seguida com a unção do Santo Crisma, sinal do dom do Espírito Santo. Toda a vida cristã está já contida no baptismo, mas a confirmação revela outro aspecto da infinita riqueza do mesmo Deus que nos deixou os dois sacramentos. E o homem tem necessidade de variedade de sinais. De facto, porquê dois sacramentos tão aproximados? É que, baptismo e confirmação, como dois momentos complementares, como dois tempos de um mesmo gesto, correspondem àquilo que é vivido. É preciso nunca ter conhecido um baptizado adulto para não compreender até que ponto o baptismo é um corte, uma opção, uma escolha decisiva que ele faz. Muitas vezes abrem-se fossos enormes, há amigos que passam a olhá-lo com admiração, enquanto outros começam a fazê-lo com desgosto e desdém. Pelo baptismo, Deus chama o adulto a uma verdadeira morte. É preciso que ele acolha o Espírito, que se deixe doravante conduzir pelo vento do Pentecostes, que se abra a uma vida nova, que anuncie ao mundo a alegria que Deus lhe deu. E a força para tudo isso é-lhe dada na confirmação.

Os Apóstolos viveram a Páscoa com o Senhor. Mas o Pentecostes é que lhes revelou a sua verdadeira dimensão de discípulos. Eles tinham percorrido apenas uma etapa. Só quando o Espírito os inundou é que eles puderam compreender e realizar a sua tarefa no mundo e foram capazes de continuar a missão de Cristo de anunciar a Boa Nova. Acontece o mesmo com o adulto que é iniciado cristão. A confirmação é para ele a celebração do mistério do Pentecostes. O Espírito continua a suscitar uma Igreja ao serviço de toda a humanidade. Imposição das

mãos, unção sobre a fronte, assim se celebra a confirmação. Como o óleo penetra o corpo e o torna mais maleável, assim o Espírito de Jesus penetra o nosso espírito e o modela à sua semelhança, a fim de descobrirmos que função particular devemos exercer no corpo vivo que é a Igreja, que ministério é o nosso. A confirmação aparece assim como a dimensão do futuro do baptismo. Porque o baptizado é um homem do futuro, a Igreja crê nele. Ela reconhece que Cristo encarrega cada um dos seus membros de fazer crescer o corpo inteiro. Aquilo que a Igreja vive e celebra desde há tantos séculos não a pode enganar.

Voltemos para junto dos que acabam de ser feitos cristãos. Esta rápida digressão pelo mistério da confirmação não no-los fez esquecer. Recebem agora um círio aceso. Abrem-se as portas que dão para a basílica. Os círios que os novos baptizados trazem nas mãos iluminam as trevas da noite e uma grande claridade irrompe na basílica. Dissipa-se a densa escuridão de há pouco, à medida que a longa procissão avança até ao altar. E começa então a Eucaristia.

Os neófitos participam pela primeira vez na Oração universal, dizem pela primeira vez com os outros fiéis a Oração dominical, comunham pela primeira vez o Corpo de Cristo. Imaginemos a sua grande alegria e pensemos como ela seria incompleta se eles tivessem de ficar à porta da casa do banquete.

Voltemos ao presente. Decerto compreendemos agora um pouco melhor o valor da restauração feita pela Igreja do catecumenado em várias etapas. A Eucaristia em que os novos baptizados participam pela primeira vez introdu-los no centro da festa. Ela é o sacramento por excelência da iniciação cristã e de toda a vida do baptizado. Como não cantar, dar graças, louvar e bendizer ao Senhor? O Espírito que lhes é dado, faz de cada novo cristão um cantor do mundo. A Eucaristia em que ele irá participar cada domingo será o seu mais belo cântico até ele próprio se tornar um dia Eucaristia.

«Sepultados na morte com Cristo, pelo baptismo, a fim de que, como Cristo ressuscitou dos mortos para a glória do Pai, nós vivamos também de uma vida nova, a partir de agora considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus» (Rom 6, 4. 11). A vida do baptizado é uma vida nova. Os ritos da iniciação cristã celebrados na antiga basílica romana, antioquena ou bracarense, esses ritos que a nossa época redescobriu e a reforma litúrgica nos colocou entre as mãos, exprimem-no com clareza.

## 5.5 — O tempo da mistagogia

Os sacramentos da iniciação foram o último passo do catecúmeno. A Noite Pascal foi a noite da plenitude. O novo cristão não tem mais nada para receber da Igreja. Ela deu-lhe a totalidade do Dom. Os últimos a abeirar-se da mesa do Senhor passaram a ser iguais aos que já o faziam há longos anos.

Mas o neófito vai ter necessidade da ajuda da comunidade para assimilar bem a grandeza dos dons que recebeu, para deles tomar consciência e os agradecer. Isso tem lugar no *tempo da mistagogia*, que dura cinquenta dias e ocupa as sete semanas do tempo pascal. É então que o neófito experimenta com alegria, gosto e sabedoria espiritual o sentido da vida que a fé nos dá, descobre o significado dos ritos litúrgicos realizados na noite da iniciação e das relações fraternas adquiridas na comunidade.

Estes cinquenta dias a seguir à Páscoa manifestam bem que na consciência da Igreja, tão importante como preparar-se para receber o dom de Deus, é reconhecer esse dom, é inventariar as suas riquezas, é saboreá-lo, é apropriar-se dele em acção de graças.

Quem ajuda o neófito a fazer essa descoberta e a saboreá-la é a frequência dos sacramentos e a própria comunidade, que com ele participa, cada domingo, nas chamadas *Missas dos neófitos*, enriquecidas com leituras especialmente apropriadas à sua condição (38-40).

O Ritual sugere que no fim do tempo pascal, nas proximidades do domingo de Pentecostes, se faça uma celebração litúrgica especial, acompanhada de festa externa (237), para que a alegria da comunidade seja ainda mais completa.

## CONCLUSÃO

Os novos ritos da Iniciação Cristã dos Adultos não são inovação da Igreja, mas apenas a tradução para os tempos de hoje de uma tradição catequética e litúrgica milenar. Aquilo que maior realce recebe no novo Ritual é o projecto de vida cristã que lhe está subjacente, é a redescoberta da iniciação como processo de integração progressiva na comunidade, é o valor reconhecido à Palavra de Deus como desafio que permanentemente é feito ao candidato, nas várias etapas, para a acolher

gradualmente e gradualmente lhe responder e corresponder, é a afirmação cem vezes repetida de que a comunidade local é parte interessada e actuante na obra da iniciação, pelo que deve ser sinal de fé e de conversão para o candidato.

«Sereis minhas testemunhas» (Act 1, 18), foi a última palavra de Jesus, a sua última recomendação aos Apóstolos antes de subir ao céu. Depois da Ascensão aconteceu o Pentecostes, do qual derivou toda a luz para os ajudar a entrar na Páscoa do Senhor, a viverem do seu Espírito, a comungarem da sua Eucaristia.

Como eles, cada homem que descobre e encontra hoje Jesus, na fé, é convidado a fazer idêntica experiência, o que supõe sempre uma iniciação semelhante àquela que eles próprios tiveram. Este novo Ritual é o programa dessa iniciação.

Neste Ritual-programa há que distinguir o *caminho espiritual, moral e litúrgico* a percorrer pelo catecúmeno, necessariamente demorado e que lhe exige muita determinação e à comunidade cristã em que ele está inserido clara consciência da sua responsabilidade, do *método* que se utiliza para fazer dele um verdadeiro discípulo de Cristo.

Tal método não é novo. A Igreja primitiva conheceu-o e utilizou-o. As ciências humanas dos nossos dias apontam-no como aquele que dá melhores resultados. Ele tem em conta que o homem é um todo formado de inteligência e coração, e que só tocando-o a esses dois níveis, se consegue fazer obra séria, honesta e com hipóteses de permanecer.

Por outro lado, a Igreja crê que a descoberta da fé e a progressiva adesão à vida cristã é consequência simultânea da liberdade do catecúmeno e da acção misteriosa mas real de Deus, através da liturgia.

Desta dupla convicção é sinal o método agora proposto, segundo o qual a mensagem cristã deve ser apresentada de forma progressiva, adaptada à idade, mentalidade e capacidade espiritual do candidato, ao longo de tempos e degraus sucessivos, marcados por ritos litúrgicos que garantem a intervenção constante de Deus em todo esse processo catecumenal.

Este Ritual é a prova de que a Igreja redescobriu tal método como o caminho mais idóneo para uma catequese verdadeira e profunda, que leve a viver o mistério de Cristo e a conformar a vida com o Evangelho. Pensamos que ele irá sendo descoberto por nós todos como resposta a outras situações (v. g. catequese de adultos, de jovens e de crianças, retiros espirituais, etc.) em que a liturgia deve aparecer como elemento integrante a acompanhar toda a catequese ou reflexão teológica,

bíblica ou pastoral, e não apenas no fim e desligada dessa mesma reflexão. Tocar o homem todo, na sua inteligência e coração, significa dar à exposição doutrinal e à celebração litúrgica, em cada caso concreto, a importância e o lugar complementares que este Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos lhes reconhece e nos apresenta como ideal a conseguir, utilizando até, quando se achar conveniente, devidamente integrados, muitos dos elementos que ele contém.

Por tudo isso pensamos que o interesse deste Ritual ultrapassa bastante as dimensões que o seu título sugere.

P. LEÃO CORDEIRO

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados:

*Os Rituais*

Celebração do Baptismo das Crianças  
Iniciação Cristã dos Adultos

*As Revistas*

Ephemerides Liturgicae (1974)  
La Maison-Dieu 110 (1972)  
Notitiae (1972)  
Phase (1976)  
Rivista Liturgica (1979)

*Os livros*

Quand l'Église baptise un enfant (Cerf)  
Le livre des sacrements (Centurion-Cerf).

# A Iniciação Cristã dos Adultos no novo Ritual

## INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II pediu a restauração do catecumenado dos adultos de modo a que se pudesse dar a conveniente instrução e se santificasse este tempo por meio de ritos sagrados <sup>(1)</sup>. E no Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja exorta a que «*aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenado, mediante a celebração de cerimónias litúrgicas*», e acrescenta: «*o catecumenado não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã*» <sup>(2)</sup>. Por isso, recomendou a criação de ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, que introduzissem os catecúmenos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus <sup>(3)</sup>.

O novo Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos <sup>(4)</sup> foi organizado de modo a que os ritos que o integram ajudem os que tomam o caminho da fé e da conversão na sua preparação para receberem com fruto os próprios sacramentos da Iniciação Cristã <sup>(5)</sup>. «*A iniciação dos catecúmenos faz-se à maneira de uma caminhada progressiva*» e «*o ritual da iniciação acomoda-se ao caminho espiritual dos adultos*» <sup>(6)</sup>. A caminhada consta de vários *degraus, passos* ou *portas* que conduzem a tempos próprios e característicos da iniciação cristã. Esta é como um tempo de noviciado, caracterizado não tanto pela aprendizagem dogmática, moral ou litúrgica, mas sobre-

<sup>(1)</sup> Cfr. *Constituição Litúrgica*, 64.

<sup>(2)</sup> *A Actividade Missionária da Igreja*, 14.

<sup>(3)</sup> *Idem*, 14.

<sup>(4)</sup> *Iniciação Cristã dos Adultos*, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1979).

<sup>(5)</sup> *Iniciação Cristã dos Adultos* (= ICA), 1.

<sup>(6)</sup> ICA 5.



tudo como um caminho e um tempo de crescimento na Igreja local, marcado por acções litúrgicas.

As duas grandes linhas condutoras da iniciação cristã, em qualquer das suas fases, são a *iniciativa de Deus* e a *livre resposta do homem*. É à volta destes elementos que se desenvolvem os diferentes ritos, que de algum modo expressam o duplo movimento e cooperação do homem com a graça <sup>(7)</sup>. Entre a iniciativa de Deus e a resposta do homem encontra-se a *presença constante da comunidade* que em nome de Deus chama, e em nome do homem responde. Tudo isto o realiza e expressa a Igreja na celebração dos ritos da iniciação cristã, mediante o ministério da palavra, da oração, da ajuda fraterna e do exemplo de vida cristã.

## 1 — RITO DA ADMISSÃO OU INSTITUIÇÃO DOS CATECÚMENOS

É este o primeiro rito da iniciação cristã. Realiza-se após a primeira evangelização e marca o início da fé em Cristo Salvador <sup>(8)</sup>.

Antes de mais, este rito é celebrado «*fora da porta da Igreja ou no átrio ou na entrada, ou ainda numa parte apropriada da mesma Igreja ou, finalmente, conforme os casos, noutra lugar adequado fora da Igreja*» <sup>(4)</sup>. Do diálogo inicial o essencial encontra-se nas duas perguntas e sua respectiva resposta:

«*Que vens pedir à Igreja de Deus?*

*A fé. (ou: ser admitido na Igreja)*

*Para que serve a fé?*

*Para alcançar a vida eterna»* <sup>(10)</sup>.

Em seguida, é proposto aos candidatos um caminho a seguir, assim descrito:

«*Deus comunica a sua luz a todo o homem que vem a este mundo... Vós seguistes a sua luz; e assim, agora, se abre para vós o caminho do Evangelho: ... e isto é o ponto de partida de tudo o mais; sois guiados pela luz de Cristo... e, apoiando cada vez mais n'Ele vossa vida, n'Ele acreditais de todo o coração. Aqui tendes traçado, em breves palavras, o caminho da fé. Por esse caminho Cristo vos há-de conduzir, na caridade, à posse da vida eterna»* <sup>(11)</sup>.

<sup>(7)</sup> Cfr. J. ORIOL, *El nuevo rito de la iniciación cristiana de adultos* in *Phase* 12 (1972) 295.

<sup>(8)</sup> Cfr. ICA 68.

<sup>(9)</sup> ICA 73.

<sup>(10)</sup> ICA 75.

<sup>(11)</sup> ICA 76.

Os candidatos prometem seguir por este caminho e na sua resposta se encontra a primeira fórmula de adesão à Igreja.

Para que os candidatos não se percam ou venham a desanimar na sua caminhada, estes são apresentados à Igreja pelos arantes que, juntamente com a comunidade dos fiéis, se comprometem a ajudá-los a encontrar e a seguir a Cristo <sup>(12)</sup>.

Segue uma oração de acção de graças pelo dom da vocação à vida cristã: *Graças Vos damos... porque de muitas maneiras os preparastes e lhes batestes à porta, e assim eles Vos procuram, e porque hoje os chamastes e eles Vos responderam diante de Vós* <sup>(13)</sup>.

Recebem, em seguida, o sinal da cruz na fronte com um apelo: *«Aprende agora a conhecê-l'O e a segui-l'O»* <sup>(14)</sup>. Podem, igualmente, receber a signação dos sentidos, cujo sentido é expresso pelas palavras que acompanham o rito:

*«Recebei o sinal da Cruz nos ouvidos, para ouvirdes a voz do Senhor. Recebei o sinal da cruz na boca, para responderdes à palavra de Deus. Recebei o sinal da Cruz no peito, para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração. Recebei o sinal da Cruz nos ombros, para levardes o jugo de Cristo, que é suave»* <sup>(15)</sup>

O rito da signação é ainda enriquecido com uma oração, a mais antiga das quais <sup>(16)</sup>, a nossa primeira do Ritual, faz referência ao poder salvador da Cruz do Senhor e aos inícios da glória da regeneração espiritual do Baptismo <sup>(17)</sup>.

Só a partir deste momento é que os catecúmenos, seu novo nome, são convidados a entrar na Igreja: *«Entraí na Igreja e tomaí parte connosco na mesa da palavra de Deus»* <sup>(18)</sup>.

O primeiro rito a realizar dentro da Igreja é a celebração da palavra de Deus. A Deus pertence a primeira palavra. Na primeira leitura é apresentada a vocação de Abraão, pai na fé, que deixou a sua terra e partiu para o país que o Senhor lhe indicou. O salmo responsorial proclama a eleição divina dos catecúmenos: *«Feliz o povo que o Senhor escolheu para Sua herança»*. O Evangelho descreve a vocação dos dois primeiros discípulos que, atendendo ao testemunho de João Baptista,

<sup>(12)</sup> Cfr. ICA 77.

<sup>(13)</sup> ICA 82.

<sup>(14)</sup> ICA 83.

<sup>(15)</sup> ICA 85.

<sup>(16)</sup> *Liber Sacramentorum Romanae Ecclesiae Ordinis Anni Circuli* (Sacramentarium Gelasianum): ed. L. C. MOHLBERG = RED, Series maior, Fontes IV, Casa Editrice Herder (Roma 1968), n. 286.

<sup>(17)</sup> Cfr. ICA 87.

<sup>(18)</sup> ICA 90.

deixaram de ser seus discípulos para seguir Jesus e permanecer com Ele.

À Homilia seguem a Entrega do livro dos Evangelhos<sup>(19)</sup> e as preces pelos catecúmenos, onde se evoca a longa caminhada já realizada e se pede «*para que possam percorrer o grande caminho que ainda lhes resta*»<sup>(20)</sup>.

A oração conclusiva recorda as grandes linhas condutoras da celebração: a iniciativa de Deus e a resposta do homem, ajudado pela comunidade dos fiéis<sup>(21)</sup>.

Mediante este rito os «*simpatizantes*» da vida cristã são recebidos na comunidade dos fiéis, onde passam a ser chamados catecúmenos, por aspirarem ao Baptismo. Este é o primeiro «*degrau*», «*passo*» ou «*porta*» que conduz ao tempo do catecumenado. Este «deverá prolongar-se o tempo necessário para que a sua conversão e a sua fé possam adquirir a conveniente maturidade»<sup>(22)</sup>.

Durante este tempo os catecúmenos «*são introduzidos na vida de fé, na vida litúrgica e na vida de caridade do povo de Deus*»<sup>(23)</sup>. As acções litúrgicas previstas para este tempo são as celebrações da palavra de Deus, exorcismos menores, e, eventualmente, as tradições do Símbolo e da Oração dominical, bem como o rito do *Ephpheta* no caso de estes virem a ser antecipados do «*tempo da purificação*» para este «*tempo do catecumenado*»<sup>(24)</sup>.

As **Celebrações da Palavra de Deus** destinadas aos catecúmenos têm por finalidade:

- «1. *Gravar no espírito a doutrina ensinada.*
2. *Ensinar a saborear os aspectos e os caminhos da oração.*
3. *Explicar aos catecúmenos os sinais, as acções e os tempos do mistério litúrgico.*
4. *Introduzi-los pouco a pouco no culto de toda a comunidade*»<sup>(25)</sup>.

Estas celebrações podem fazer-se depois da catequese<sup>(26)</sup>, mas convém iniciar os catecúmenos em ordem à satisfação do Domingo, e como tal deve-se-lhes oferecer a possibilidade de participarem na liturgia da palavra da missa dominical da comunidade<sup>(27)</sup>.

---

<sup>(19)</sup> Cfr. ICA 93.

<sup>(20)</sup> ICA 94.

<sup>(21)</sup> Cfr. ICA 95.

<sup>(22)</sup> ICA 98.

<sup>(23)</sup> ICA 98.

<sup>(24)</sup> Cfr. ICA 125-126.

<sup>(25)</sup> ICA 106.

<sup>(26)</sup> Cfr. ICA 108.

<sup>(27)</sup> Cfr. ICA 107.

Os **Exorcismos menores** são orações que invocam a ajuda de Deus para o catecúmeno. Descrevem a situação conflituosa do homem que respondendo ao apelo de Deus, procura viver a vida cristã e prepara-se para percorrer o caminho dos justos, onde encontra as bênçãos do reino, na vitória do espírito sobre a carne e no cultivo das virtudes<sup>(28)</sup>.

As **Bênçãos dos Catecúmenos** são orações de bênção e despedida para usar no fim das celebrações da palavra, no fim das reuniões de catequese ou até em particular. Recordam o apelo de Deus à conversão e ao Baptismo, e a necessidade da resposta do catecúmeno, que o conduzirão à regeneração espiritual<sup>(29)</sup>.

## 2 — RITO DA ELEIÇÃO OU DA INSCRIÇÃO DO NOME

Após o tempo necessário a uma catequese completa, o catecúmeno que deseja receber os sacramentos na próxima solenidade pascal deve fazer uma preparação próxima. A entrada neste tempo chamado de «*purificação e iluminação*» realiza-se mediante o rito da «*eleição*» ou da «*inscrição do nome*», que por sua vez encerra o catecumenado. Normalmente este rito faz-se no primeiro Domingo da Quaresma.

O rito realiza-se depois da liturgia da palavra, seguida de Homilia, e começa com a *apresentação dos candidatos* que «*confiados na graça divina e ajudados pela oração e exemplo da comunidade, vêm pedir para serem admitidos aos sacramentos do Baptismo, da Confirmação e da Eucaristia*»<sup>(30)</sup>.

Segue um interrogatório feito aos padrinhos sobre a vida dos catecúmenos. A seriedade do acto é realçada pela proposta:

«*A Santa Igreja de Deus deseja ter a certeza de que estes catecúmenos estão preparados para serem admitidos no número dos eleitos que vão celebrar a iniciação cristã nas próximas solenidades pascais*»<sup>(31)</sup>. O interrogatório versa sobre três pontos fundamentais da vida cristã que o catecúmeno deve ter observado durante o tempo do catecumenado:

— «*Foram fiéis em escutar a palavra de Deus que a Igreja lhes anunciou?*

— «*Começaram a pôr em prática a palavra que escutaram, vivendo sob o olhar de Deus?*

---

(28) Cfr. G. ARAUD, *A liturgia do catecumenato*, em J. GELINEAU, *Em Vossas Assembleias*. 2— *Pastoral dos Sacramentos*, ed. Paulinas (S. Paulo 1974) pp. 20-21.

(29) Cfr. ICA 119-124.

(30) ICA 143.

(31) ICA 144.

— *Viveram em comunhão fraterna e entregues à oração?*»<sup>(32)</sup>.

Perante o bom testemunho da comunidade, sobretudo representada nos padrinhos e catequistas, os catecúmenos são convidados a manifestar a sua vontade decisiva de receber os sacramentos da iniciação cristã e a fazer a *inscrição do nome*. Este rito é realizado e explicado com a fórmula de admissão ou eleição:

«*Fostes eleitos para receber os sacramentos da iniciação cristã na próxima Vigília Pascal*»<sup>(33)</sup>.

Seguem-se preces pelos eleitos e uma oração final. É de salientar da fórmula de despedida o voto da Igreja:

«*Começastes connosco esta caminhada da Quaresma. Cristo será para Vós o Caminho, a Verdade e a Vida. Agora ide em paz e o Senhor vos acompanhe*»<sup>(34)</sup>.

## 2.1 Ritos do tempo da purificação e da iluminação

### 2.1.1 — *Escrutínios*

A palavra faz-nos recordar algo como votações. Porém, não esqueçamos que as votações servem para revelar a vontade pessoal que se encontra no íntimo do coração. Neste sentido os escrutínios de que nos ocupamos são o acto pelo qual Deus, por meio da liturgia da Igreja, escruta ou perscruta e penetra no íntimo dos corações dos catecúmenos para os provar, purificar e libertar do mal<sup>(35)</sup>.

«*Os escrutínios têm uma finalidade sobretudo espiritual e realizam-se por meio dos exorcismos*»<sup>(36)</sup>. «*Destinam-se à libertação do pecado e do demónio e ao fortalecimento em Cristo que é o caminho, a verdade e a vida*»<sup>(37)</sup>.

O característico dos escrutínios é o rito do exorcismo que liberta os eleitos das consequências do pecado e da influência diabólica, e os robustece para prosseguirem a sua caminhada, abrindo o coração aos dons do Salvador. Para despertar tal desejo de purificação e redenção celebram-se três escrutínios devidamente inseridos na Missa dos escrutínios (nos III, IV e V Dom da Quaresma com as leituras do ciclo A, que podem ser transferidas para outros dias).

<sup>(32)</sup> ICA 144.

<sup>(33)</sup> ICA 147.

<sup>(34)</sup> ICA 150.

<sup>(35)</sup> Cfr. G. ARAUD, *op. cit.*, p. 23.

<sup>(36)</sup> ICA 154.

<sup>(37)</sup> ICA 25,1.

Os escrutínios visam impregnar o espírito do sentido de Cristo que é a água viva (Samaritana), a luz (cego de nascença), a ressurreição e a vida (ressurreição de Lázaro) <sup>(38)</sup>.

### 2.1.1 a) *Primeiro Escrutínio*

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a situação do povo de Deus no deserto sem água para sobreviver. Deus está com os seus e envia-lhes água saída dum rochedo fustigado. O Salmo Responsorial convida a evitar a actitude do povo rebelde: «*Escutai hoje a voz do Senhor, não fecheis o vosso coração*» <sup>(39)</sup>. A II leitura fala da justificação pela fé e do amor de Deus derramado nos nossos corações, mediante o Espírito Santo. Encerra uma particular importância para os eleitos a ideia do Apóstolo de que «*o nosso orgulho é ter a esperança de participar na glória de Deus*» <sup>(40)</sup>. A aclamação ao Evangelho é transformada em prece: «*Senhor, Vós sois o Salvador do mundo: dai-nos a água viva, para não mais termos sede*». E é esta água viva, que é Cristo, que o Evangelho da Samaritana nos apresenta: «*aquele que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente a jorrar para a vida eterna*» <sup>(41)</sup>. O final do Evangelho, colocado na boca dos samaritanos é importante para os eleitos: «*nós próprios ouvimos, e sabemos que Ele é, na verdade, o salvador do mundo*» <sup>(42)</sup>. Desta forma os eleitos são convidados a prosseguir a sua caminhada à procura de Cristo que saciará a sua sede de verdade.

Após a Homília e as preces pelos eleitos, seguem as **orações de exorcismo**, característica do escrutínio. Nelas se comparam os eleitos à Samaritana: ambos procuram a água e junto do poço se encontram com a água da vida. Ambos têm sede de verdade e em Cristo se encontram com a verdade. O essencial do escrutínio, como escrutinação ou penetração de Deus no coração do eleito é formulado com estas palavras: «*(os eleitos) abrem confiadamente o seu coração, para mostrarem as suas manchas e descobrirem as feridas ocultas. Por vosso amor, libertai-os das suas enfermidades, dai-lhes saúde, que estão doentes, dessedentai-os, que têm sede, e dai-lhes a vossa paz (...). No Espírito Santo mostrai o caminho aos vossos eleitos para caminharem para o Pai e O poderem adorar em verdade*» <sup>(43)</sup>.

<sup>(38)</sup> Cfr. ICA 157-159.

<sup>(39)</sup> Sal 94, 7, 8.

<sup>(40)</sup> Rom 5, 2.

<sup>(41)</sup> Jo 4, 14.

<sup>(42)</sup> Jo 4, 42.

<sup>(43)</sup> ICA 164.



### 2.1.1 b) Segundo Escrutínio

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a eleição e a consagração de David como rei de Israel para apascentar o povo de Deus. O Salmo Responsorial apresenta o Senhor como o pastor que conduz o seu povo. A II leitura convida a viver como filhos da luz: «*Desperta, tu que dormes, levanta-te do meio dos mortos, e Cristo brilhará sobre ti*»<sup>(44)</sup>. Cristo é de facto a luz do mundo como proclama a aclamação ao evangelho: «*Eu sou a luz do mundo, quem me segue terá a luz da vida*»<sup>(45)</sup>. O Evangelho apresenta a cura do cego de nascença, figura do estado espiritual dos eleitos, que, como o cego de nascença, são convidados a lavar-se para poderem ver: «*Jesus fez lodo, untou-me os olhos com ele e disse-me: 'vai lavar-te à Piscina de Siloé'. Eu fui, lavei-me e comecei a ver*»<sup>(46)</sup>.

As **orações do exorcismo** relacionam o Evangelho com a vida dos eleitos:

«*(Pai de infinita misericórdia, que) destes ao cego de nascença a fé em vosso Filho para que entrasse no reino da vossa luz, fazei que os vossos eleitos... sejam libertados das ilusões que os envolvem e os cegam... para se tornarem filhos da luz*»<sup>(47)</sup>. Realizando nos eleitos a cura da cegueira de nascença eles hão-de tornar-se, como o cego do Evangelho, «*firmes e corajosas testemunhas da fé*»<sup>(48)</sup>.

### 2.1.1 c) Terceiro Escrutínio

A **liturgia da palavra** apresenta na I leitura a profecia da ressurreição: «*vou abrir os vossos túmulos; deles vos farei ressuscitar... Porei o Meu Espírito em vós: haveis de viver, e Eu vos fixarei na vossa terra*»<sup>(49)</sup>. O Evangelho anuncia o início da realização da profecia: Cristo é a ressurreição e a vida e quem n'Ele acredita não morrerá. A segunda leitura explica e garante a ressurreição dos eleitos: «*Deus, que dos mortos ressuscitou Cristo Jesus, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito, que habita em Vós*»<sup>(50)</sup>.

As **orações do exorcismo** pedem ao Pai, fonte da vida eterna, que realize nos eleitos a promessa da ressurreição «*para que recebam*

<sup>(44)</sup> Ef 5, 14.

<sup>(45)</sup> Jo 8, 12 b.

<sup>(46)</sup> Jo 9, 11.

<sup>(47)</sup> ICA 171.

<sup>(48)</sup> ICA 171.

<sup>(49)</sup> Ez 37, 12. 14.

<sup>(50)</sup> Rom 8, 11.

a vida nova de Cristo ressuscitado e dela possam dar testemunho»<sup>(51)</sup>. Depois pede-se ao Filho que realize nos eleitos a obra da ressurreição iniciada em Lázaro: «Livrai da morte os que buscam a vida nos vossos sacramentos... e, pelo vosso Espírito que dá a vida, comunicai-lhes a fé, a esperança e a caridade, para que... participem da glória da vossa ressurreição»<sup>(52)</sup>.

### 2.1.2 — Tradições

As tradições consistem na entrega aos eleitos dos antiquíssimos documentos da fé e da oração da Igreja. A finalidade deste rito é a iluminação dos eleitos com os textos que são como que o compêndio da sua fé e da sua oração. As principais tradições são a do Símbolo e a da Oração dominical.

#### 2.1.2 a) A tradição do Símbolo

Antes de professarem a sua fé os eleitos devem aprender de cor o Símbolo. Por isso é-lhes entregue na semana que segue ao primeiro escrutínio, se não tiver já sido entregue no catecumenado<sup>(53)</sup>.

O rito é inserido numa liturgia da palavra:

**I leitura** (Deut 6, 1-7): «Escuta, Israel: amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração».

**Salmo Resp.:** «Senhor, Vós tendes palavras de vida eterna».

**II leitura** (Rom 10, 8-13): «Podeis salvar-vos pelo Evangelho, se o conservardes como eu vo-lo anunciei».

**Evangelho:** a profissão de fé de Pedro: «Tu és o Messias» (Mt. 16, 13-18), ou a fé em Cristo como enviado do Pai: «As palavras que Eu digo, digo-as, pois, como o Pai Mas disse a Mim» (Jo 12, 44-50).

A entrega ou tradição do Símbolo é introduzida com estas palavras:

«Escutai as palavras da fé, daquela fé que vos dará a justificação. São poucas essas palavras, mas encerram grandes mistérios. Recebei-as com sinceridade e guardai-as no coração»<sup>(54)</sup>. A propósito, S. Cirilo de Jerusalém dizia aos seus eleitos: «Não quero que os escrevais (os dogmas) em papel, mas que os graveis na memória do vosso coração. Cuidai também que, ao meditardes o que vos foi transmitido, nenhum catecúmeno o escute»<sup>(55)</sup>.

<sup>(51)</sup> ICA 178.

<sup>(52)</sup> ICA 178.

<sup>(53)</sup> Cfr. ICA 184.

<sup>(54)</sup> ICA 186.

<sup>(55)</sup> *Catequese pré-baptismais*, V, 12: ed. Vozes (Petrópolis 1978), p. 69.

À entrega, por recitação, segue-se uma *oração sobre os eleitos* que explica a finalidade do rito:

*«Dai-lhes a ciência verdadeira, a esperança firme e a santa doutrina, para que se tornem dignos de chegarem à graça do Baptismo»* <sup>(56)</sup>.

#### 2.1.2 b) *A tradição da Oração dominical*

*«Desde a antiguidade a Oração dominical é a oração própria daqueles que, pelo Baptismo, receberam o espírito de adopção de filhos»* <sup>(57)</sup>. Para que os neófitos a possam rezar na primeira celebração da Eucaristia, esta oração deve-lhes ser entregue dentro da semana que segue ao terceiro escrutínio <sup>(58)</sup>.

A celebração da entrega (tradição) segue à *liturgia da palavra* sobre a paternidade divina, o Espírito da adopção filial, e a oração que Cristo ensinou. A *oração sobre os eleitos* refere-se à filiação divina dos eleitos. Ao Deus que faz crescer a Igreja com o nascimento de novos filhos, pede-se o aumento de fé e de compreensão para os eleitos *«para que, uma vez renascidos na fonte baptismal, sejam contados entre os vossos filhos adoptivos»* <sup>(59)</sup>.

#### 2.1.3 — *A redição do Símbolo*

Este rito faz parte dos preparativos do Sábado Santo para a profissão de fé baptismal. Consiste na recitação do Símbolo que deve ter sido aprendido de memória, e é integrado numa celebração da palavra.

#### 2.1.4 — *O rito do «Ephpheta»*

*«Por meio deste rito inculca-se a necessidade da graça, para que alguém possa escutar a palavra de Deus e professá-la em ordem à salvação»* <sup>(60)</sup>. Consiste em tocar com o polegar nos ouvidos e na boca dos eleitos com estas palavras:

*«Ephpheta, quer dizer, abre-te, para professares a fé que ouviste, em louvor e glória de Deus»* <sup>(61)</sup>.

<sup>(56)</sup> ICA 187.

<sup>(57)</sup> ICA 188.

<sup>(58)</sup> Cfr. ICA 189.

<sup>(59)</sup> ICA 192.

<sup>(60)</sup> ICA 200.

<sup>(61)</sup> ICA 202.

### 2.1.5 — *A unção com o óleo dos catecúmenos*

Este rito faz parte dos preparativos do Sábado Santo, e é transferido da Vigília pascal para aliviar a celebração do Baptismo. A finalidade desta unção no peito, ou nas mãos, ou noutras partes do corpo, é descrita na bênção do óleo:

*«Senhor, ... que do óleo fizestes sinal de vigor, ... concede a fortaleza aos catecúmenos que vão ser com ele ungidos, para que reconhecendo ... a força do alto, compreendam melhor o Evangelho ... e se entreguem com grandeza de ânimo aos trabalhos da vida cristã»*<sup>(62)</sup>.

Pela unção é significada a necessidade da força divina que ajuda o baptizando a superar os obstáculos da vida passada e a vencer os ataques do demónio<sup>(63)</sup>. É ungido antes do Baptismo para estar apto a enfrentar o inimigo na batalha do baptismo de morte ao pecado para a vida da graça.

## 3 — A CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ

A celebração dos sacramentos da iniciação cristã constitui o último *degrau* da caminhada e a última *porta* de acesso à vida de comunhão com a Igreja. Mediante estes sacramentos os homens são libertados do pecado e configurados com Cristo, recebem o Espírito de adopção filial e celebram o memorial da morte e ressurreição do Senhor<sup>(64)</sup>. Pelo Baptismo são incorporados em Cristo pela regeneração espiritual. Pela Confirmação são assinalados com o dom do Espírito Santo e pela Eucaristia tomam parte da mesa do Corpo e Sangue de Cristo, penhor da vida eterna<sup>(65)</sup>.

### 3.1 — A celebração do Baptismo

*«O Baptismo é o sacramento da fé pela qual os catecúmenos aderem a Deus e ao mesmo tempo são por Ele regenerados»*<sup>(66)</sup>. Os ritos que precedem o

<sup>(62)</sup> ICA 207.

<sup>(63)</sup> Cfr. ICA 212.

<sup>(64)</sup> Cfr. *Preliminares Gerais da Iniciação Cristã* (PGIC), *Ritual do Baptismo das Crianças*, ed. Gráfica de Coimbra (Coimbra 1970), n. 1.

<sup>(65)</sup> Cfr. PGIC 2

<sup>(66)</sup> ICA 211.

Batismo, sobretudo a benção da água e a profissão de fé, são de preparação, mas estão intimamente ligados ao mesmo<sup>(67)</sup>.

### 3.1.1 — *A benção da água*

Após se ter invocado a ajuda de Deus e dos Santos na *Ladainha*, procede-se à benção da água com uma longa oração, onde se faz a comemoração das maravilhas de Deus desde o princípio do mundo e da criação do género humano: «*logo no princípio do mundo o vosso Espírito pairava sobre as águas, prefigurando o seu poder de santificar. Pelas águas do dilúvio destes-nos uma imagem do Baptismo, ... o fim do pecado e o princípio da santidade*». Invoca-se, seguidamente, o Baptismo de Cristo nas águas do Jordão e o lado de Cristo a brotar sangue e água, sacramentos da regeneração e da vida que nasce da morte do homem velho. E assim se introduz a prece: «*olhai agora, Senhor, para a vossa Igreja, e fazei que para ela jorre a fonte do Baptismo. Receba esta água, do Espírito Santo, a graça do vosso Filho, para que o homem, criado à vossa imagem, seja lavado, pelo sacramento do Baptismo, de todas as manchas do homem velho e ressuscite, da água e do Espírito Santo, para a vida nova de filho de Deus*»<sup>(68)</sup>.

### 3.1.2 — *A renúncia*

A renúncia a Satanás, suas obras e seduções para se poder beneficiar da liberdade dos filhos de Deus, ou seja, o deixar de servir o autor do mal e o pai da mentira para se dedicar ao autor do bem e ao pai da verdade, é solenemente proclamado na renúncia, que se detém nos aspectos negativos, pertencentes ao estado do homem velho.

### 3.1.3 — *A profissão de fé*

Por este rito os candidatos ao Baptismo manifestam a sua fé para nela serem baptizados. De facto é na fé que se é baptizado. S. Cipriano (+ 258) escrevia, a propósito: «*Na Igreja baptiza-se no Símbolo e com o Símbolo*»<sup>(69)</sup> e S. Basílio explica: «*Como se acredita no Pai, no Filho e no Espírito Santo, assim se baptiza no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*»<sup>(70)</sup>.

---

<sup>(67)</sup> Cfr. 28.

<sup>(68)</sup> ICA 215.

<sup>(69)</sup> *Epist.* 69, 7: CSEL, 3, 756.

<sup>(70)</sup> *De Spiritu Sancto*, 12: PG 32, 117.

A *Tradição Apostólica* (c. 215) de S. Hipólito de Roma atesta a tradição de se baptizar à medida que se ia fazendo a profissão de fé em cada uma das pessoas da Trindade <sup>(71)</sup>.

### 3.1.4 — O rito do Baptismo

«A ablução da água significa a participação mística na morte e ressurreição de Cristo» <sup>(72)</sup>. Por este rito o eleito é gerado para a vida divina e agregado aos filhos de Deus na Igreja. O Baptismo pode ser por imersão, quer de todo o corpo, quer somente da cabeça, ou por infusão, derramando a água sobre a cabeça <sup>(73)</sup>.

### 3.1.5 — Ritos explicativos

Ao Baptismo seguem alguns ritos explicativos:

a) **A unção com o crisma**, diferente da Confirmação, «significa o sacerdócio régio dos baptizados e a sua inserção na comunidade do povo de Deus» <sup>(74)</sup>, como diz a fórmula: «*agora que fazeis parte do seu povo, Ele vos unge com o Crisma da salvação, para que sejais eternamente membros de Cristo sacerdote, profeta e rei*» <sup>(75)</sup>. Este rito é suprimido quando segue a Confirmação.

b) **A imposição da veste branca** é o símbolo da nova dignidade do baptizado <sup>(76)</sup>: «*fostes revestidos de Cristo. Recebei a veste branca, e apresentai-a, sem mancha, no tribunal de nosso Senhor*» <sup>(77)</sup>.

c) **A entrega da vela acesa** ilustra a nova vocação do baptizado: «*agora sois luz em Cristo. Caminhai sempre como filhos da luz*» <sup>(78)</sup>.

## 3.2 — A celebração da Confirmação

É recomendação da Igreja que «*não se baptize o adulto sem que, imediatamente depois do Baptismo, receba a Confirmação, a não ser que obstem motivos graves*» <sup>(79)</sup>.

<sup>(71)</sup> Cfr. ed. Botte, pp. 48-50; ed. Vozes (Petrópolis 1971), pp. 52-53.

<sup>(72)</sup> ICA 32.

<sup>(73)</sup> (Cfr. ICA 220-221.

<sup>(74)</sup> ICA 33.

<sup>(75)</sup> ICA 224.

<sup>(76)</sup> Cfr. ICA 33.

<sup>(77)</sup> ICA 225.

<sup>(78)</sup> ICA 226.

<sup>(79)</sup> ICA 34.



A teologia da Confirmação encontra-se no próprio texto do rito: «*Recebereis a força do Espírito Santo que Jesus prometeu. Essa força torna-vos conformes a Cristo, de maneira mais perfeita. Assim podereis dar testemunho da paixão e da ressurreição do Senhor e ser membros activos da Igreja, para edificar o Corpo de Cristo na fé e na caridade*»<sup>(80)</sup>.

A força do Espírito Santo é o conjunto dos dons do mesmo Espírito que a Igreja invoca para os confirmandos:

«*Dai-lhes, Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, e enchei-os do espírito do vosso santo temor*»<sup>(81)</sup>.

E uma vez que «*os sinais sensíveis significam e realizam a santificação dos homens*»<sup>(82)</sup>, o confirmando toma posse do que a fórmula expressa: «*recebe, por este sinal, o dom do Espírito Santo*»<sup>(83)</sup>.

### 3.3 — A celebração da Eucaristia

Deve ser esta a primeira vez em que os neófitos participam de pleno direito na Eucaristia. Nela encontram o cume e a consumação da sua iniciação e o centro de toda a vida cristã, mediante a participação na Oração eucarística, a recitação da Oração dominical e a Comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo<sup>(84)</sup>.

Esta celebração da Eucaristia não assume nenhuma forma particular, a não ser a menção dos neófitos e dos padrinhos nas Orações Eucarísticas, e a comunhão sob as duas espécies. No entanto a dignidade da celebração exige que a Eucaristia se apresente ao neófito como a consumação de toda a sua iniciação, e resulte bem evidente que recebeu a veste nupcial no baptismo e a força do Espírito Santo na Confirmação para poder tomar parte na Eucaristia, que antecipa as alegrias eternas, descritas sob a forma do banquete nupcial.

### 3.4 — O tempo da Mistagogia

Este é o último tempo da iniciação cristã e o primeiro da vida cristã. É caracterizada pela «*experiência dos mistérios*», como significa o nome «*mistagogia*», e realiza-se, sobretudo, nas Missas dos neófitos, ou seja, nas Missas dos Domingos de Páscoa. Além destas celebrações

<sup>(80)</sup> ICA 229.

<sup>(81)</sup> ICA 230.

<sup>(82)</sup> SC 7.

<sup>(83)</sup> ICA 231.

<sup>(84)</sup> Cfr. ICA 36.

não estão previstos ritos especiais, já que as próprias celebrações litúrgicas devem oferecer o nível de dignidade correspondente às festas pascais e aos efeitos das mesmas na vida litúrgica dos fiéis.

#### 4 — A FUNÇÃO DA COMUNIDADE NA LITURGIA E NO TEMPO DA INICIAÇÃO, SEGUNDO O RITUAL

A presença activa da comunidade ao longo de toda a iniciação cristã é fundamental, já que dela depende, em grande parte, o êxito da mesma. Em cada tempo a comunidade exerce a sua função própria que lhe é indicada no rito que dá acesso a esse tempo.

Já no rito da admissão dos catecúmenos, que são apresentados à Igreja pelos «garantes» e na presença da comunidade cristã, o presidente dirige um apelo aos fiéis nestes termos:

*«Vós que nos apresentais estes candidatos, e vós todos, irmãos, aqui presentes, estais dispostos a ajudá-los a encontrar Cristo e a segui-l'O?»* E todos aclamam: *«Sim, estamos dispostos a ajudá-los»* <sup>(85)</sup>. Este compromisso refere-se a todo o tempo da caminhada do catecúmeno até à plena integração na Igreja. E a ajuda a prestar vai desde o bom exemplo e o bom conselho até à oração, como indicam os textos:

*«Oremos ao Senhor, para que possam percorrer o grande caminho. Para que, ao longo da sua caminhada, sejam amparados com a nossa ajuda constante e sincera.*

*Para que encontrem sempre na nossa comunidade a unidade e a concórdia e uma intensa caridade»* <sup>(86)</sup>.

*«Confiados na graça divina e ajudados pela oração e exemplo da comunidade»* <sup>(87)</sup>.

*«Tomai ao vosso cuidado os catecúmenos... Acompanhai-os com a vossa ajuda fraterna e com o vosso exemplo, até chegarem aos sacramentos da vida eterna»* <sup>(88)</sup>.

O tempo da purificação e da iluminação deve ser acompanhado pelos fiéis com a vivência da Quaresma:

*«Começamos hoje a Quaresma... Estes eleitos vão ser acompanhados por nós até aos sacramentos pascais; por isso eles esperam de nós o exemplo da nossa própria renovação. Oremos por eles e por nós...»* <sup>(89)</sup>.

<sup>(85)</sup> ICA 77.

<sup>(86)</sup> ICA 94.

<sup>(87)</sup> ICA 143.

<sup>(88)</sup> ICA 147.

<sup>(89)</sup> ICA 148.

Apesar de tudo isto dizer respeito a todo o povo de Deus, presente na Igreja local, a Igreja exige que o candidato se apresente com um «garante» para ser admitido ao catecumenado. A função do «garante» não é tanto a de ser testemunha na Igreja do compromisso do catecúmeno, mas sobretudo a de ser testemunha da Igreja junto do catecúmeno com a sua ajuda<sup>(90)</sup>. No dia da eleição o candidato apresenta-se com o padrinho, que representa a Igreja local e o acompanhará até e durante o tempo da mistagogia<sup>(91)</sup>. Nesta celebração os padrinhos são convidados a dar o seu testemunho acerca da vida dos seus afilhados<sup>(92)</sup>.

Além dos «garantes» e dos padrinhos, a comunidade torna-se presente ao longo da iniciação cristã, mediante a pessoa do Bispo que por si, ou por delegado seu, cria, dirige e fomenta a instituição pastoral dos catecúmenos<sup>(93)</sup>. A comunidade torna-se ainda presente na pessoa dos presbíteros que atendem à situação pastoral e pessoal dos catecúmenos<sup>(94)</sup>, e na pessoa dos catequistas que acompanham os catecúmenos na sua caminhada durante a catequese e os ritos, até à plena inserção na vida eclesial<sup>(95)</sup>.

## CONCLUSÃO

Tivemos oportunidade de acompanhar o evoluir da iniciação a partir das indicações dos Preliminares e dos próprios textos do Ritual, que citámos abundantemente. Encontrámos um modelo e um método de iniciação: talvez nem sempre se adapte às exigências do nosso meio e às circunstâncias especiais que envolvem as comunidades e os candidatos ao Baptismo, mas não esqueçamos que os Preliminares apenas indicam um método de trabalho, e os textos não passam de modelos já que para quase cada texto é dito expressamente: «*com estas palavras ou outras semelhantes*». O próprio Ritual apresenta em Apêndice um elenco de *textos vários*<sup>(96)</sup>. O importante é que a iniciação seja realmente

(90) Cfr. ICA 42 e 77.

(91) Cfr. ICA 43.

(92) Cfr. ICA 144.

(93) Cfr. ICA 44.

(94) Cfr. ICA 45.

(95) Cfr. ICA 48.

(96) ICA 370-392.

uma iniciação à vida cristã e que os ritos expressem a caminhada dos catecúmenos com os textos que a ilustrem e celebrem para glória de Deus e edificação da Igreja.

Apraz-me concluir com as palavras que S. Ambrósio dirigiu aos seus neófitos ao encerrar a exposição sobre «Os Sacramentos»: «*Ensinámos segundo a nossa capacidade o que talvez nem tenhamos aprendido: nós o exprimimos como pudemos. Que a vossa santidade se esforce por reter o que recebeu, a fim de que a vossa oração seja agradável a Deus (...) por nosso Senhor Jesus Cristo, que possui honra e glória, louvor e eternidade, desde sempre, e agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amen*»<sup>(97)</sup>.

FR. PEDRO FERREIRA, OCD

---

<sup>(97)</sup> *Sacramentos*, VI, 5, 26; ed. Vozes (Petrópolis 1972) p. 75.

# Noticiário

---

## VI ENCONTRO NACIONAL

Realizou-se no Santuário de Fátima, de 15 a 19 de Setembro, o VI Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que teve como temática *a iniciação cristã dos adultos*.

Entre as razões que motivaram esta escolha, podem apontar-se as três seguintes: a sua urgência pastoral no nosso País, onde aumentam de ano para ano os jovens e adultos que pedem o baptismo, e são em grande número os adultos que receberam o baptismo em criança mas ficaram por evangelizar e catequizar; a necessidade de estudar e aproveitar pastoralmente o novo Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos saído da reforma conciliar e editado recentemente em língua portuguesa; e, finalmente, a colaboração com o esforço nacional em curso para a pastoral do domingo, que será dedicado no próximo ano à construção e renovação das comunidades eclesiais que integram a Igreja em Portugal.

Foram tratados os seguintes temas: *«leitura sociológico-pastoral do fenómeno da iniciação cristã dos adultos em Portugal»* — pelo P. António Gomes Dias; *«iniciação cristã na tradição da Igreja»* — pelo P. José Ferreira; *«apresentação do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos»* — pelo P. José de Leão Cordeiro; *«a iniciação cristã dos adultos no novo Ritual»* — pelo P. Pedro Ferreira; *«perspectivas pastorais da iniciação cristã a partir do novo Ritual»* — pelo P. Manuel Pelino Domingues; *«a música na celebração dos sacramentos da iniciação cristã»* — pelo P. Manuel Luís; e *«o coro e a participação musical na celebração litúrgica»* — pelo P. António Ferreira dos Santos.

A presença interessada e activa de 350 participantes, provenientes das 20 dioceses do Continente e Regiões Autónomas e de 30 ordens e congregações religiosas, mostrou mais uma vez que, apesar da coincidência de dois acontecimentos de grande projecção nacional e internacional (3.º Congresso dos Religiosos e 3.º Congresso Internacional Sacerdotal) na mesma semana e no mesmo local, há muitas pessoas dedicadas à pastoral litúrgica e fiéis a estes encontros.

A visita do Senhor Nuncio Apostólico em Portugal e a sua participação em parte dos trabalhos e celebrações foi um acontecimento inesperado e responsabilizante, que não deixou de calar fundo no coração de todos os presentes. Nesta visita, depois de ter sido saudado pelo Director do Secretariado Nacional de Liturgia, Mons. Aníbal Ramos, que aproveitou a oportunidade para garantir a fidelidade do Secretariado e de todos os participantes ao espírito da reforma litúrgica conciliar, o Senhor Nuncio manifestou a sua surpresa por ver tantas e tão grande actividades

simultâneas no nosso País, disse que as outras nações continuavam a olhar para Portugal com interesse e admiração, e teve palavras de orientação e estímulo para quando entre nós trabalham na pastoral litúrgica.

É de salientar também, neste Encontro, a participação de D. Zacarias Kamwenho, Bispo de Ngunza (Novo Redondo), Angola, e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, que veio expressamente em representação oficial, foi acolhido com o maior carinho e tomou parte activa em todos os trabalhos, chegando mesmo a presidir a uma das celebrações eucarísticas na Basílica de Fátima.

É devida ainda uma referência à presença de participantes de Cabo Verde, Guiné e Moçambique, que transformou este Encontro em verdadeira reunião das Igrejas de expressão portuguesa.

As celebrações do Encontro, desde a reza do terço na Capelinha das Aparições até à oração da Liturgia das horas e às Eucaristias na Basílica, foram mais uma vez o momento alto dos trabalhos e mostraram que a liturgia ensinada nas conferências era bem realizada e vivida nestes actos comuns.

Na manhã do último dia, Mons. Aníbal Ramos, depois de ouvidas as críticas e sugestões feitas pelos grupos diocesanos, informou os participantes sobre as actividades, publicações e projectos do Secretariado, agradeceu o contributo precioso dos colaboradores, desde os conferencistas ao Santuário de Fátima, e pôs em relevo a presença prestimosa da RDP, da RTP e da Rádio Renascença.

O Senhor D. Manuel de Almeida Trindade, Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, encerrou os trabalhos proferindo judiciosas e oportunas considerações sobre a temática desenvolvida, sobre o desenrolar do Encontro e ainda sobre o sentido profundo da reforma litúrgica do Vaticano II.



## PUBLICAÇÕES LITÚRGICAS

LITURGIA DAS HORAS — LAUDES, VÉSPERAS E COMPLETAS  
(*Composta e impressa pela Gráfica de Coimbra em fins de 1978, mas distribuída praticamente em 1979*)

Com este volume pretende-se dar seguimento e tornar mais facilmente praticável o que nos recomenda o n. 40 da Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas: «Dê-se a máxima importância a estas duas horas de Laudes e Vésperas, como oração da comunidade cristã, e promova-se a sua recitação pública e comunitária, principalmente entre as pessoas que vivem em comunidade; recomenda-se mesmo a sua recitação a todos os fiéis que não possam tomar parte na celebração comunitária».

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO  
(*Preparada e distribuída pelo Secretariado Nacional de Liturgia*)

É o documento que serve de introdução ao Missal de Paulo VI saído da reforma conciliar do Vaticano II, com os princípios e as normas que orientam a celebração da Missa.

O presente texto tem em conta as modificações e acréscimos que a Congregação do Culto Divino foi introduzindo na *Institutio generalis*, depois de 1969.

Esta «Instrução», que excede em muito o âmbito de uma simples introdução ao Missal, distingue-se sobretudo pelo seu carácter doutrinal e pastoral. Nela descobrimos a teologia da participação. Nela encontramos as orientações fundamentais para conduzir a comunidade cristã à participação consciente, activa e frutuosa, na celebração da Palavra e da Eucaristia, segundo o espírito da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

## ÍNDICE DA LITURGIA DAS HORAS

*(Preparado pelo P. Pedro Ferreira, O.C.D., e distribuído pelo Secretariado Nacional de Liturgia)*

Este índice de temas, autores e obras das leituras patrísticas e eclesiais da Liturgia das Horas constitui uma forma concreta de ajuda à causa da pastoral litúrgica.

Os autores são cerca de 178 e as leituras superam as 600. Toda esta variedade de autores e obras é colocada à disposição dos pastores de uma forma liturgicamente correcta e economicamente acessível, e faz da Liturgia das Horas um livro que, para além da oração, pode servir de base e modelo na preparação e até no exercício da pregação.

Este trabalho tem por objectivo chamar a atenção para a riqueza das leituras patrísticas e eclesiais da Liturgia das Horas e fazer um elenco dos temas contidos nas leituras de modo a permitir um melhor recurso às «ínestimáveis riquezas espirituais que constituem o magnífico património da Igreja (IGLH, 165).

## VI ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. *Guião das celebrações litúrgicas para a assembleia.*

*(Preparado e distribuído pelo Secretariado Nacional de Liturgia)*

## RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS

*(Saiu a lume em Março de 1980 e é distribuído pela Gráfica de Coimbra)*

## RITUAL DO MINISTRO EXTRAORDINÁRIO DA COMUNHÃO

*(Preparado e distribuído pelo Sec. Nac. de Liturgia)*

## EM PREPARAÇÃO

### — LITURGIA DAS HORAS

*(Texto integral, em 4 volumes)*

### — SALTÉRIO